

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Lílian Rocha Arcoverde

**GRAVIDEZ E JUVENTUDE NO MEIO URBANO E RURAL: SIGNIFICADOS E
APROXIMAÇÕES**

RECIFE

2013

Lílian Rocha Arcoverde

GRAVIDEZ E JUVENTUDE NO MEIO URBANO E RURAL: SIGNIFICADOS E
APROXIMAÇÕES.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jaileila de Araujo
Menezes

RECIFE

2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A675g Arcoverde, Lílian Rocha.

Gravidez e juventude no meio urbano e rural : significados e aproximações / Lílian Rocha Arcoverde. – Recife: O autor, 2013.
119 f. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jaileila de Araújo Menezes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2013.
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Gravidez na adolescência. 4. Sexualidade. I. Menezes, Jaileila de Araújo (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2014-121)

Lílian Rocha Arcoverde

**GRAVIDEZ E JUVENTUDE NO MEIO URBANO E RURAL: SIGNIFICADOS E
APROXIMAÇÕES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: 25/11/2013

Banca Examinadora

Prof. Dra. Jaileila de Araujo Menezes
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Marion Quadros
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Rosineide Cordeiro
Universidade Federal de Pernambuco

Aos que me inspiraram...
Às jovens dessas histórias...
Às minhas queridas mãe e avó...
Ao meu amor-companheiro...
Às minhas colegas, amigas e parceiras de jornada.

AGRADECIMENTOS

É com imenso prazer que inicio a escrita final da minha dissertação por essa parte, agradecer. Os motivos desses agradecimentos estiveram presentes desde o início da minha escolha por realizar a seleção do Mestrado e em algumas palavras, tentarei reavivá-los aqui.

Todos sabem que dar andamento e concluir o Mestrado mantendo-se no mercado de trabalho não é tarefa fácil, e eu senti isso na pele. Mas, as dificuldades que existiram esses anos foram acompanhadas de muita confiança dos que conviviam comigo e são esses a quem credito meus primeiros agradecimentos:

À Leila, minha orientadora, que tem exercido essa função comigo desde a graduação, nas experiências de Iniciação Científica e demais trabalhos de pesquisa. Já nessa época ela se tornou uma pessoa com quem eu posso contar, e assim foi durante o Mestrado. A ela, portanto, meu agradecimento pela confiança e perseverança.

Ao meu companheiro Luciano, pela parceria de todos os dias, por seu empenho em me animar, por ressuscitar em mim a força algumas vezes adormecida. E por ser exemplo de dedicação, coragem e disciplina. A sua presença, mais do que física, foi imprescindível para a conclusão dessa etapa da minha vida.

Às minhas colegas-amigas-parceiras, Samella e Natália pela convivência maravilhosa desse tempo. Pelo grupo de “auto ajuda” que formamos e foi nosso consolo em dias frios. Elas foram figuras marcantes, de alegria e muita partilha.

Também a uma amiga que desde o início da faculdade se tornou importante para minha caminhada acadêmica, a querida Gabi. A ela, meu agradecimento pelos momentos de (re)conhecimento e cumplicidade.

Às minhas amigas-irmãs, Dani, Lu e Fê, por sempre perguntarem “Lili, como está o Mestrado?” e acolherem com ternura as minhas angústias.

À colega de trabalho e amiga Karla Theonila por transmitir a certeza de que esse meu momento chegaria, pelas conversas realistas e sonhadoras que me ajudaram a colorir a rotina dos dias.

E ainda, ao coletivo GRAVID, estudantes e professores, pela disponibilidade do saber construído e por terem acolhido a proposta desse trabalho.

Grata!

“Escrever’ existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por que – é fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim?”

Clarice Lispector.

RESUMO

Este trabalho está inserido na área de estudos da Psicologia Social sobre Adolescência/Juventude e Sexualidade. Partimos da idéia de que a gravidez vivenciada por jovens tem significados distintos construídos no campo de relações da jovem com sua rede de convívio e apoio. Nosso objetivo geral foi analisar, a partir da experiência da gravidez, as trajetórias afetivo-sexuais de duas jovens e seus parceiros sexuais, em duas regiões de Pernambuco (contexto urbano e rural), à luz das questões de gênero. Interessou ainda analisar as diferenças e possíveis aproximações dos percursos afetivo-sexuais das jovens, considerando as especificidades dos contextos de vida; investigar os posicionamentos da rede de convívio e apoio frente ao evento da gravidez da jovem, bem como conhecer e problematizar sobre os projetos de vida das jovens pesquisadas após a gravidez. Para tanto, partimos dos dados de pesquisa do projeto GRAVID e resgatamos as histórias de vida de duas jovens sementes, uma moradora de bairro periférico de Recife e outra moradora da zona rural de cidade do sertão pernambucano. Do ponto de vista teórico, nos apoiamos na literatura que valoriza os significados do evento da gravidez na vida de jovens, fugindo dos estigmas de precocidade e irresponsabilidade. Também fizeram parte das nossas perspectivas teóricas as leituras sobre gênero e sexualidade, assim como a noção dos direitos sexuais e reprodutivos. A partir das análises das entrevistas, compreendemos que a jovem do contexto urbano exercia livre circulação social, incluindo as experiências da sexualidade. De outra maneira, a jovem do contexto rural vivia em um ambiente de muito isolamento e tinha sua vida vigiada por sua mãe. Para as duas histórias de vida, os membros da rede de convívio e apoio, de maneira geral, reiteravam os discursos de precocidade e a falta de condições para a maternidade. Os projetos de vida das jovens passaram pelos cuidados com os filhos e a pretensão de voltar a estudar. Conforme perspectiva dos “circuitos integrados”, foi possível identificar que a rede de convívio e apoio das jovens pesquisadas reitera a lógica de gênero que discrimina a jovem mulher e não apóia suas iniciativas de empoderamento. Em ambos os contextos de vida, as jovens após a gravidez estiveram dependentes financeiramente dos seus companheiros e tiveram a dedicação de suas vidas ao universo doméstico, reforçando a lógica de desigualdade de gênero.

Palavras Chave: Gravidez na Juventude. Gênero. Rede de Convívio e Apoio.

ABSTRACT

This work is inserted in the area of Social Psychology studies about Adolescence/Youth and Sexuality. We start from the idea that pregnancy experienced by young people has different meanings, built on the relationship of the young with her network contact and support. Our general objective was to analyze, from the experience of pregnancy, the sexual-affective trajectories of two young women and their sexual partners, in two regions of Pernambuco (urban and rural context), at the light of gender issues. Interested yet further analyze the differences and possible resemblances of affective-sexual routes of youngs, considering the specific contexts of life; investigate the position of network contact and support in the face of the event of pregnancy of the young, as well as know and discuss about the life projects of the young people researched after pregnancy. For this we start from the research data project GRAVID and rescued the life stories of two young seeds, one resident of a suburb of Recife and another one resident of the rural side of Pernambuco. From the theoretical point of view, we leaned on literature that values the meanings of the pregnancy event in the life of young people running away from the prejudices of precocity and irresponsibility. Also have done part of our theoretical perspectives, readings about gender and sexuality, as well as the notion of sexual and reproductive rights. From the analysis of the interviews, we understand that the young urban context exercised free social circulation, including the experiences of sexuality. Otherwise, the young of the rural context lived in an environment of very isolation and had her life watched over by her mother. For the two life stories, network members of contact and support, in general, reiterated the speeches of precocity and the lack of conditions for motherhood. The plans of the young girls were take care with the children and the wishes to go back to school. According to the perspective of "integrated circuits", it was identified that the network of contact and support of researched young people reiterates the logic of gender that discriminate the young woman that does not support their empowerment initiatives. In both contexts of life, young women after pregnancy were financially dependent on their mates and had the dedication of their lives to domestic universe, reinforcing the logic of inequality of gender.

Keywords: Young Pregnancy. Gender. Network Contact and Support.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ENTRE A ADOLESCÊNCIA E A JUVENTUDE	14
2.1	Adolescente ou jovem, quem escolhemos?	14
2.2	As vivências da sexualidade entre jovens	18
2.3	A presença da gravidez entre jovens	21
2.4	Jovens do contexto rural.....	27
2.5	A rede de convívio e apoio e os projetos de vida.....	32
3	O FEMINISMO E OS ESTUDOS DE GÊNERO	35
4	METODOLOGIA	41
4.1	Perspectivas metodológicas	41
4.2	Caminhos metodológicos até as participantes	43
4.3	Sobre a análise das entrevistas	44
4.4	“Nossas jovens, de onde vem?”	45
4.4.1	A localidade de moradia urbana.....	45
4.4.2	A localidade de moradia rural	47
5	CAPÍTULO ANALÍTICO – ANÁLISES E DISCUSSÕES	49
5.1	Do contexto urbano	49
5.1.1	A semente	49
5.1.2	A rede de convívio e apoio indicada	50
5.1.3	As trajetórias afetivo-sexuais	51
5.1.4	Os posicionamentos da rede de convívio e apoio frente gravidez	57
5.1.5	Os projetos de vida após a gravidez	67
5.1.6	Analisando os circuitos da semente Juno	68
5.2	Do contexto rural.....	70
5.2.1	A semente	70
5.2.2	A rede de convívio e apoio indicada	71
5.2.3	As trajetórias afetivo-sexuais	72
5.2.4	Os posicionamentos da rede de convívio e apoio frente à gravidez.....	81
5.2.5	Os projetos de vida após a gravidez	95
5.2.6	Analisando os circuitos da semente Nina.....	98

5.3	Aproximações e diferenças entre as sementes	100
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS	106
	ANEXOS	111
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	112
	ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA AS JOVENS SEMENTES	113
	ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA O PAI DA CRIANÇA	116
	ANEXO D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS “OUTROS CONSTITUTIVOS”	119

1 INTRODUÇÃO

A idéia desse trabalho surgiu a partir da reflexão dos dados de pesquisa resultantes do projeto intitulado “*Significados e práticas relacionadas à gravidez na adolescência em diferentes redes de convívio e apoio: um estudo comparativo entre as mesorregiões da região metropolitana de Recife e do Sertão (PE)*”, aqui abreviado GRAVID, desenvolvido no período de outubro de 2011 até agosto de 2012. O projeto GRAVID foi financiado pela FACEPE/CNPq, coordenado pela professora Karla Galvão, do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPE, e contou com a colaboração de cinco professores e nove estudantes das áreas de Psicologia, Serviço Social e Antropologia.

A partir da complexidade das informações obtidas diante das histórias das jovens pesquisadas e das suas redes de convívio e apoio, foi possível pensar sobre temas como família, gênero, juventude, escola, sexualidade, religião, movimento social, trabalho, dentre outros. A necessidade de considerar a pluralidade das vivências juvenis, a perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos, a consideração do evento gravidez como parte da subjetivação sexual e a refutação de que a gravidez no período da juventude é sempre um problema, foram pontos relevantes e em comum a todos os trabalhos resultantes do projeto GRAVID, inclusive deste.

Silva (2002) nos lembra que os estudos sobre juventude apontam para questões de âmbito socio-cultural, educacional e econômico, por isso há preocupação entre pesquisadores e profissionais de diversas áreas. No Brasil, os estudos abrangem temas como: evasão escolar, violência, gravidez, desemprego e a vulnerabilidade às doenças infecto-contagiosas e às drogas.

Os estudos relacionados à gravidez entre jovens têm apresentado costumeiramente o viés patológico, seja pelo sentido da percepção de imaturidade biológica, passando pelo psicológico e o social. Partindo de outro pressuposto, baseado na concepção dos direitos sexuais e reprodutivos, assim como na possibilidade da gravidez como uma estratégia de participação social, o presente trabalho confere importância para os significados direcionados à gravidez vivida por cada jovem pesquisada e sua rede de convívio e apoio, em seus diferentes contextos de vida.

Em pesquisa realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES¹, considerando o período entre os anos 2002 a 2011, com o tema descritor “Gravidez na Adolescência” foram encontradas 162 (cento e sessenta e duas) dissertações em todo o país. Dessas, apenas 7 (sete) produções foram de instituições localizadas no estado de Pernambuco, nenhuma na área da Psicologia.

Convém salientar que grande parte das pesquisas encontradas em âmbito nacional é proveniente da área de Saúde (Medicina, Enfermagem, Epidemiologia e Saúde Pública) e está baseada em trabalhos descritivos de fundo epidemiológico sobre a gravidez entre adolescentes. Temas como “prevenção”, “epidemiologia” e “fatores de risco” foram preponderantes nas produções desse período.

Não foram encontradas produções que envolvessem de jovens do contexto rural, o que legitima a constatação de Rios et al. (2002) sobre a universalização com que é tratado o tema adolescência/juventude, com forte tendência aos estudos urbanos.

Abster-nos das perspectivas universalizantes costumeiramente veiculadas aos adolescentes/jovens que legitimam experiências de pesquisas pautadas na neutralidade e objetividade do pesquisador foi nosso desafio. Atentar para as realidades de experiências de vida que emanam do campo de pesquisa fez parte do nosso exercício como pesquisadoras. Nessa perspectiva, não esperamos com esse trabalho produzirmos verdades incontestáveis sobre o tema da gravidez entre jovens, esperamos, pois, nos aproximarmos da realidade de vida dessas mulheres e, talvez assim, até contestar os discursos que se afirmam como legítimos sobre suas experiências.

Concordamos com Ozella e Aguiar (2008, p.98) no que se refere a:

Conhecer o jovem, para além da aparência dos discursos ideológicos, das análises naturalizantes, revela-se um objetivo importante. Mesmo sabendo da complexidade da tarefa e que ela requer um grande investimento por parte dos pesquisadores, guiamo-nos pela busca de um conhecimento que se pautar na realidade concreta do nosso jovem.

Além de considerar as especificidades dos significados da gravidez para cada jovem, o projeto GRAVID esteve preocupado em considerar as distinções dos contextos de vida, por isso teve dois focos de pesquisa, o contexto urbano e o rural. Em continuidade com essa perspectiva, assumimos o desafio de estudar sobre a juventude rural, tema antes nem sequer debatido durante minha graduação em Psicologia.

A aproximação com o tema da juventude tem acontecido desde meu primeiro envolvimento com a pesquisa acadêmica, através da Iniciação Científica. O interesse pelo

¹ Acesso em Agosto de 2012.

curso do Mestrado se deu em continuidade a esse primeiro envolvimento, acrescido dos estudos de gênero, com os quais tive o primeiro contato em disciplina cursada como aluna especial. Aos poucos, foi sendo configurado um novo interesse de pesquisa: a união entre os temas juventude e gênero. Com as possibilidades advindas do GRAVID, foi acrescida a idéia de estudar sobre a juventude rural.

Dessa forma, o presente projeto de pesquisa está inserido na área de conhecimento dos estudos em Psicologia Social sobre Adolescência/Juventude e Sexualidade. Serão discutidos nesse projeto os sentidos da gravidez nas vidas de jovens mulheres considerando seus pertencimentos sócio-econômicos, especificamente nos contextos das classes populares urbanas e no contexto rural.

De maneira geral, objetivamos analisar, a partir da experiência da gravidez, as trajetórias afetivo-sexuais de duas jovens e seus parceiros sexuais, em duas mesorregiões de Pernambuco (contexto urbano e rural), à luz das questões de gênero.

Como objetivos específicos, buscamos:

- Analisar as diferenças e possíveis aproximações dos percursos afetivo-sexuais das jovens, considerando as especificidades dos contextos de vida;
- Investigar os posicionamentos da rede de convívio e apoio frente ao evento da gravidez da jovem;
- Conhecer e problematizar sobre os projetos de vida das jovens após a gravidez.

Para alcance dos objetivos propostos, utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa. Conforme sugerem Minayo e Sanches (1993), essa abordagem busca compreender as relações e atividades humanas, bem como os seus significados, além de aprofundar a complexidade do fenômeno estudado em processos específicos de interesse da pesquisa. Diferencia-se, assim, de abordagens que buscam categorias genéricas para descoberta de leis sociais.

Corroboramos, ainda, com o fazer científico reflexivo, característico das metodologias feministas, que valoriza as práticas sociais, historicamente situadas, para a compreensão do fenômeno sob investigação. O conhecimento produzido a partir dessa perspectiva não é imparcial e não almeja a criação de leis universais, de forma contrária, valoriza a constatação das interferências de quem constrói esse conhecimento e está circunscrito aos espaços e tempos da investigação (NEVES; NOGUEIRA, 2005).

Em termos metodológicos, convém salientar que essa pesquisa foi fundamentada a partir dos dados de entrevistas realizadas por membros do grupo GRAVID, com a

devida permissão dos envolvidos. No capítulo metodológico esse aspecto será melhor detalhado.

Esperamos, pois, que as construções desse trabalho possam contribuir com outro olhar para os temas levantados pelo GRAVID, e assim propor novas formas de compreensão das questões vivenciadas pelas jovens em seus diferentes contextos de vida. A esperança de uma sociedade com equidade e liberdade é o que nos motiva para esse diálogo. Como sugerem Neves e Nogueira (2005, p.411) nos comprometemos com esse tipo de pesquisa por acreditarmos que:

O *empowerment* das pessoas, do nosso ponto de vista, passa também e sobretudo pelo poder que a ciência lhes pode e deve conferir: o poder de terem acesso ao conhecimento, o poder de entenderem o que podem fazer com ele e o poder de partilharem a responsabilidade da mudança social.

Após esse primeiro capítulo introdutório, as páginas a seguir formam os capítulos em que faremos uma revisão da literatura sobre o tema da Adolescência/Juventude, Sexualidade e Gravidez (segundo capítulo), incluindo os estudos produzidos no Brasil sobre a temática e considerando as diferenciações entre as experiências de vida de jovens com contextos de vida no meio urbano daqueles do meio rural; o Feminismo e os estudos de Gênero (terceiro capítulo); nossas Escolhas Metodológicas (quarto capítulo) e por fim, o quinto capítulo de encerramento com as Análises, Discussões e Considerações Finais do trabalho.

2 ENTRE A ADOLESCÊNCIA E A JUVENTUDE

2.1 Adolescente ou jovem, quem escolhemos?

Esse foi um questionamento presente desde as primeiras idéias dessa dissertação. Com o caminhar da pesquisa, percebemos que ele também está presente em muitas das produções estudadas, inclusive no projeto GRAVID. Nas linhas a seguir levantaremos as considerações teóricas para os dois usos e faremos nossa proposição de escolha.

Em muitas das produções acadêmicas a concepção de adolescência aparece vinculada ao discurso médico. Neste, a adolescência é tida como um período da vida onde ocorrem mudanças desde o nível físico, com as transformações do corpo devido às “explosões” dos hormônios e desenvolvimento dos caracteres sexuais, até o psicológico, com alterações comportamentais e questionamento de valores que permeiam a formação da identidade.

Essa idéia desenvolvimentista de fase da vida é apoiada por Calligaris (2000) que destaca a identidade adolescente como marcada pela formação de grupos na tentativa de contrapor-se ao que este autor define como moratória². Através do grupo, as regras impostas pela moratória são burladas pelos adolescentes e assim eles podem usufruir daquilo que o mundo adulto ainda os impedem.

As compreensões biologizantes e do adolescente como “burlador” da regra social costumam estar presentes não só nas produções acadêmicas, mas também no discurso popular, construindo regras universais sobre o tema.

Para a autora Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) a idéia de adolescência corrobora com os ideais capitalistas, seja pelo estilo de vida adolescente que necessita de um investimento financeiro para ser mantido, bem como através dos diversos tipos de serviços que a demanda de adolescentes, inclusive os serviços de Psicologia, ajuda a manter. Acrescenta-se ainda a perspectiva massificante de que todos os adolescentes vivem de maneira igual e a idéia individualizante de que a maneira de passar por essa etapa da vida depende dos méritos pessoais, características também do pensamento capitalista e individualista ocidental.

² Moratória: tempo de espera, vivido pelos adolescentes em que, apesar de já ter a maturação biológica para realizar atividades adultas, como trabalho e sexo, são impedidos de realizá-las.

Essas perspectivas estão ancoradas na lógica de desenvolvimento, essa é relacionada aos pressupostos cartesianos de primazia da razão e concernente ao modo de vida ocidental. Nessa compreensão, os sujeitos são guiados pela consciência, essa é chave para a apreensão do mundo, assim, com o tempo a pessoa atinge estágios de desenvolvimento que fornece mais domínio e conhecimento sobre si e sobre o mundo (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005).

Acrescenta-se que a perspectiva do desenvolvimento humano, através do passar das fases maturacionais, prioriza a lógica igualitária e universalista, relevando ao segundo plano as características do contexto sócio-econômico e demais diferenças de vida.

Contrariando a perspectiva das regras universais, a visão sócio-histórica destacada por Ozella (2003) compreende a adolescência como um processo de transição para a vida adulta que depende de condições histórico-culturais específicas e é diretamente influenciado pelo campo das relações sociais. É ainda considerada como momento privilegiado para o contato com o outro-social, agora corporificado na figura dos grupos de amigos eleitos segundo marcadores econômicos, sociais, educacionais, políticos e culturais e que passam a exercer uma significativa influência na constituição da subjetividade adolescente.

É possível perceber que esse último autor enriquece a compreensão sobre a adolescência ao considerá-la como construção social e dependente de condições histórico-sociais, mas ainda mantém a noção de desenvolvimento e a idéia da “subjetividade adolescente”.

Em Ozella e Aguiar (2008), diante dos dados de pesquisa realizada com 856 pessoas do Ensino Médio de São Paulo, com idades entre 14 e 21 anos, de ambos os sexos, das classes econômicas de A a E, dentre brancos, negros e orientais, foram identificados fatores diferenciadores das experiências adolescentes, dentre eles: gênero, classe, cultura e idade. Esse estudo confirmou a perspectiva de que a adolescência não é vivida de maneira uniforme e atentou para o fato de que a chamada “subjetividade adolescente” é perpassada fortemente pelas questões veiculadas socialmente, a exemplo daquelas transmitidas pela mídia.

Para Birman (2006), o critério etário também deve ser revisto quando o pertencimento sócio-econômico reconfigura as idéias iniciais universalizantes sobre a adolescência. Para esse autor, as classes menos favorecidas economicamente vivem, por exemplo, a necessidade do trabalho desde muito cedo, o que nas classes mais favorecidas

acontece geralmente na fase adulta. Considera, pois, que o pertencimento a determinada faixa etária não garante os mesmos modos de vida em contexto sócio-cultural distinto.

Scott (2001) acrescenta que nos grupos populares também há antecipação do ciclo vital, baseado nas normas sociais esperadas, quando as adolescentes se tornam mães. Para o autor, essa pode vir a ser uma estratégia para alcançar o mundo adulto que com o trabalho não foi possível alcançar, possivelmente devido às dificuldades de classe e gênero encontradas.

Dessa forma, esse último autor conclui que os conteúdos pertencentes a fases distintas precisam ser entendidos como variáveis de acordo com classes e questionamentos diferentes. Isso nos leva a concordar que a identidade cronológica não é sempre a chave para a compreensão do fenômeno sob investigação (SCOTT, 2001).

O próprio estabelecimento do critério etário que define o conceito de adolescência diferencia-se: pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é compreendida entre os 10 e 19 anos de idade e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA³) é considerada dos 12 aos 18 anos de idade. Essa variação dá margem a analisarmos que essa demarcação etária também é construída por um consenso cultural, variando-se entre países distintos e em determinado período histórico.

Por outro lado, na tentativa de fugir aos universalismos presentes na compreensão do termo “adolescência”, corroboramos com a idéia da autora citada anteriormente, Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), de que o termo “juventude” pode dar margem à percepção das multiplicidades e diferenças despercebidas nos universalismos do conceito de adolescência. O conceito de juventude também é entendido como uma construção social, mas hoje no imaginário coletivo ainda não está preso a expectativas de fases de desenvolvimento que auxiliam a manutenção de naturalizações normatizadoras, freqüentemente presentes na noção de adolescência.

Ainda sobre a conceituação do tema, Rios et al. (2002), lembra que é costumeiro o uso ambíguo dos termos adolescência e juventude, tal como observado em muitos dos trabalhos que serviram de base para esse estudo. Segundo esse autor, a diferenciação entre os termos vem sendo percebida através do uso do termo “adolescência” para as questões que abordam a sexualidade, saúde reprodutiva e gravidez; e o termo “juventude” para os trabalhos que envolvem violência e profissionalização, por exemplo, comumente campo de estudo das Ciências Sociais.

³ Lei nº 8069 criada no Brasil em 1990, que estabelece os direitos das crianças e adolescentes, sendo o Estado guardião desses direitos.

Dessa maneira, não almejamos apenas a troca do termo “adolescência” por “juventude”, visto que consideramos que há diferenças epistemológicas e ideológicas entre eles. Compreendemos que a idéia de juventude dá margem a pensarmos mais livres de amarras como a faixa etária e comportamentos esperados. O termo juventude nos parece abarcar mais a diversidade das experiências de vida, conforme perspectiva que adotamos nesse trabalho para pensarmos o fazer científico, as relações sociais e as vivências da sexualidade.⁴

Compartilhamos com Coimbra, Bocco e Nascimento (2005, p.4) a percepção de que:

(...) os sujeitos não possuem identidades fixas e impermeáveis, mas são atravessados por uma multiplicidade de forças que os subjetivam incessantemente. Dentro disso, a noção de desenvolvimento é uma construção, pois não há um conjunto de características a serem obtidas. Preferimos pensar em termos de processo, apostando que a vida se constrói a cada momento e não pode ser reduzida a qualquer modelo ou norma.

A respeito do nosso tema de trabalho, gravidez entre jovens, Menezes et al. (2012), acrescenta que a noção de adolescência esconde uma perspectiva protetiva e desenvolvimental que visa garantir direitos, mas por outro lado colabora com a visão negativada da gravidez, interpretada sob a ótica da precocidade, sobressaindo as idéias de irresponsabilidade comumente associada ao adolescente. Ela argumenta sobre sua escolha em trabalhar com juventude:

Trazer a designação juventude para o debate sobre gravidez na adolescência consiste em dar um sentido mais coletivo e menos individualizante ao evento, qualificando politicamente os/as jovens como portadores de direitos, responsabilidades e agentes de suas escolhas (MENEZES et al., 2012, p. 135).

Diante desse debate sobre os sentidos dos termos, estamos cientes de que é difícil nos descolarmos do termo “adolescência”, visto que ele está presente na literatura acadêmica tanto na área da saúde, quanto nas áreas humanas, relacionado ao tema da gravidez, caracterizando uma experiência social (MENEZES et al., 2012). Por isso, a presença desse termo no descritor da nossa pesquisa na Plataforma CAPES, sabendo que as produções acadêmicas anteriores sobre o assunto tendem a usar a expressão “gravidez na adolescência”.

⁴ Salientamos que será respeitado o uso do termo “adolescente/adolescência” e “jovem/juventude”, conforme trabalhado pelos autores referenciados.

O critério etário com que é caracterizada a adolescência também é bastante difundido como meio de seleção de pesquisas acadêmicas institucionais pelos órgãos de fomento, justificando o uso do termo “adolescente” em projetos de pesquisa, a exemplo do GRAVID, assim como nas pesquisas que envolvem o público alvo pertencente a essa faixa etária específica.

Por esses motivos, em alguns momentos os dois termos estarão presentes nesse trabalho, mas tentaremos à medida do caminhar da produção deixar claro nossa escolha pelo uso do termo “juventude” e “jovens”, conforme embasamos acima.

2.2 As vivências da sexualidade entre jovens

Como nosso objetivo de trabalho é discutirmos sobre o tema da gravidez entre jovens, é imprescindível refletirmos um pouco sobre como os jovens vivem a sexualidade, a gravidez surge nesse cenário como fruto de suas experiências nesse campo. Dentre as diversas concepções sobre sexualidade, traremos nas próximas linhas aquelas que mais se aproximam às perspectivas da nossa pesquisa.

Para Castro, Abramovay e Silva (2004), a compreensão da sexualidade não deve restringir-se ao ato sexual, envolve outras dimensões da vida, como o bem estar e o prazer, devendo ser considerada sob o olhar dos aspectos culturais. As autoras definem:

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às práticas reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é própria da vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA (2004, p.29).

Essas mesmas autoras ainda lembram que a sexualidade foi tratada historicamente pela ótica da reprodução, sob o ponto de vista disciplinar. Com a modernidade, foi possível pensar a sexualidade relacionada ao tema gênero e direitos humanos, inclusive aos direitos sexuais e reprodutivos.

Nesse movimento histórico, a autora Toneli (2004) reflete, detalhadamente, que a noção de “direitos” não seria possível sem a de “indivíduos”, ambas produtos da

modernidade e do pensamento liberal. Nesse contexto, tornou-se possível a divisão da esfera pública, da privada e o estabelecimento de acordos sociais do que compete a cada uma: mulheres e reprodução ao âmbito privado, por outro lado, homens e experiências da sexualidade e produção ao âmbito público.

Nessa reflexão, as noções de direitos e individualidade crescem de mãos dadas aos discursos normatizadores que caracterizam as formas de controle da individualidade moderna, definindo como devemos ser e qual o âmbito das nossas ações. Caminham, assim, contraditoriamente, modernidade e mudanças sociais ao lado dos discursos normativos, prescritivos e higienistas que ainda se mantêm subjacentes às ações voltadas para o controle das populações jovens, especialmente nos campos da saúde e da educação:

É nesse contexto que persiste o discurso adultocentrado prescritivo e normalizador que atribui à adolescência um caráter essencialista a-histórico que inclui características de irresponsabilidade, instabilidade, rebeldia, imaturidade, marcando uma etapa do ciclo vital definida em termos de faixa etária através de um viés organicista (TONELI, 2004, p. 153).

Para Ventura (2009), as políticas direcionadas a adolescentes, a exemplo do ECA, visam a garantia dos seus direitos. Todavia, a autora lembra que a respeito das proposições do ECA em contemplar todos os direitos das crianças e adolescentes, a temática dos direitos sexuais e reprodutivos não foi contemplada diretamente nesse Estatuto. Sua interpretação supõe o tema, sem explorá-lo diretamente.

Essa mesma autora ainda enaltece que a falta de uma menção expressa a respeito do direito à vivência da sexualidade adolescente no ECA gera, muitas vezes, dúvidas quanto ao direito de acesso às informações e aos serviços de saúde sexual e reprodutiva do adolescente, prejudicando o planejamento e a efetivação de políticas a esse respeito. Sobre isso a autora destaca:

A existência de diversas limitações etárias para adolescentes exercerem seus direitos causa perplexidade e algumas dificuldades na formulação e implementação de políticas públicas, notadamente as relativas aos direitos sexuais e direitos reprodutivos de criança e adolescente (VENTURA, 2009, p. 276).

Essa ausência de menção direta demonstra como o assunto é tratado com dificuldade, inclusive por aqueles que ajudam a construir políticas de direitos, conseqüentemente também por parte daqueles que efetivam essas políticas, a exemplo dos profissionais de serviços públicos ou cidadãos comuns.

Rios et al. (2002) acrescenta que no Brasil o debate sobre a responsabilidade de informar aos jovens quanto ao tema da sexualidade data do início do século XX, com interferências significativas de determinantes culturais e instituições como a Igreja, a Medicina e o Estado.

Em concordância com essa opinião, Toneli (2004) acrescenta que os agentes sociais Estado, Igreja e o discurso médico, concorrem para a tutela da infância e juventude no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que criam processos de subjetivação.

Essa última autora concorda com Rios et al. (2002) sobre a concepção de que nos últimos vinte anos as políticas públicas voltadas para a população jovem brasileira evoluíram significativamente, dentre elas a criação do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente, o Programa de Saúde da Mulher, o Programa de Atenção à Saúde do Adolescente, o Programa de Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis e do HIV/AIDS, além da inserção do tema da educação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Entretanto, Scott (2001), analisa criticamente a criação dessas políticas e adverte que a divulgação da idéia de preocupação com a juventude, fortemente veiculada nas propostas de governo, cria uma imagem fictícia de ações que mascaram o Estado omissor. Para ele, há poucas ações do Estado para os jovens, as associações de parceiros é que conseguem exercê-las e dar maior visibilidade ao próprio governo.

Para Rios et al. (2002), na categoria da saúde sexual e reprodutiva dois conjuntos de temáticas ou problemáticas merecem destaque: a vulnerabilidade do jovem às DST's e ao HIV/AIDS, e a "Gravidez na Adolescência". A emergência desses dois importantes fenômenos no início da década de 1980 que envolvem questões de contracepção, sexualidade, relações de gênero, recortes de classe, etnia, orientação sexual, dentre outros, significou a importância de pesquisas e intervenções nesses campos, e por outro lado, impulsionou a chamada educação sexual preventivista.

Dessa maneira, ainda relacionado a esse tópico da vivência da sexualidade entre jovens, discorreremos nas próximas linhas sobre os estudos da gravidez entre jovens, considerando o que dizem os principais autores da temática e as pesquisas sobre o assunto nas diferentes regiões do Brasil.

2.3 A presença da gravidez entre jovens

O início dessa discussão precisa considerar que a forma com que é costumeiramente tratado o tema, pelo discurso popular e perspectivas acadêmicas, está extremamente imbricada na própria concepção do termo que lhe nomeia: gravidez na “adolescência”.

Camarano (1998, apud AQUINO et al., 2003) discute que os estereótipos de irresponsabilidade e imaturidade que permeiam muitos olhares para a adolescência, elegem como temas prioritários o uso abusivo de drogas, os acidentes de trânsito, as violências, as doenças sexualmente transmissíveis e as gestações não planejadas. Assim, localiza a gravidez na adolescência como um desvio, um risco, com conseqüências biológicas, psicológicas e sociais negativas, justificando-se as políticas de controle à gravidez nesse momento da vida por parte dos governos e efetivada nas famílias e demais meios de socialização como a escola.

Para Aquino et al. (2003), esse é um dos aspectos que contorna a gravidez na adolescência como um “problema social”, pois nessa concepção de risco, as mães adolescentes não teriam condições fisiológicas de gestar, nem psicológicas para criar.

Essa idéia de prevenção associada ao controle e ligada também à concepção de risco permeia o tema da sexualidade nas políticas públicas, em muitas produções acadêmicas sobre o tema e no discurso popular de maneira geral, em detrimento da compreensão sobre os significados das práticas sexuais em contextos de vida diversos.

Para Monteiro (apud RIOS et al. 2002), a lógica preventivista pode almejar uma mudança comportamental, ao inferir que tem o controle de entendimento dos fenômenos. Ao contrário disso, a autora aponta que há necessidade de propostas de intervenção que fujam à perspectiva normativa, tentando compreender a lógica que rege os diferentes comportamentos.

Sobre as pesquisas e intervenções nesse campo, Rios et al. (2002) diz que mesmo com a necessidade de perceber a pluralidade de adolescências ou juventudes no contexto diverso que é o Brasil contemporâneo, poucos trabalhos consideram as vivências dessa etapa da existência segundo populações específicas e a partir de metodologias comparativas, considerando-se os recortes de raças/etnias, orientações sexuais, classes, dentre outros. Nessa compreensão, é preciso incremento na utilização de abordagens

teóricas que permitam desenvolver perspectivas metodológicas que vão além da capacidade de gerar dados sobre a frequência dos comportamentos sexuais específicos para comparação relativa, considerando, sobretudo, os processos sociais e culturais que ajudam o jovem a dar sentido a seus desejos sexuais, sentimentos e interesses.

A gravidez na adolescência é também fenômeno-foco da atenção de pesquisadores e profissionais de saúde que deve ser investigada a partir do reconhecimento da pluralidade de adolescências e de percursos da gravidez, assim como dos determinantes sociais, culturais e econômicos, dentre eles o sistema de gênero que engendra as relações (RIOS et al., 2002).

A respeito da visibilidade da gravidez entre jovens, é preciso considerar que a taxa de fecundidade no Brasil vem diminuindo nos últimos anos, conforme dados da última pesquisa IBGE⁵, realizada em 2010, cujos resultados foram divulgados em Outubro de 2012. Segundo os dados dessa pesquisa, a taxa de fecundidade cresce inversamente ao nível de escolaridade da mãe e renda per capita do domicílio.

Aquino et al. (2003) destaca ainda que segundo dados do SINASC (Sistema Nacional dos Nascidos Vivos) o aumento da fecundidade na faixa etária da adolescência não é um fenômeno recente, mas nas últimas décadas tem ganho visibilidade por caminhar na contra-mão das taxas de fecundidade entre mulheres mais velhas e os progressos dos métodos anticonceptivos iniciados em meados de 1990.

Essa análise da visibilidade do fenômeno é respaldada por Scott (2001) ao considerar que o fato das mães das adolescentes não estarem mais engravidando é que é o fenômeno novo. Assim, cria-se uma falsa visibilidade das jovens grávidas.

De acordo com os dados do DATA SUS⁶, o número de mães adolescentes, considerando a faixa de 10 a 19 anos, caiu entre os anos de 2000 a 2010, tanto na região metropolitana de Recife, quanto na área do Sertão pernambucano, onde estão localizadas as cidades foco desse projeto:

- Houve registro de 24.929 nascidos vivos com mães adolescentes na região metropolitana do Recife durante o ano de 2000. Já no ano de 2010, nessa mesma localidade e faixa etária materna foram registrados 16.250 nascidos vivos.

⁵ Fonte: www.IBGE.gov.br. Censo Demográfico 2010, acesso em Outubro de 2012.

⁶ Fonte: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php> - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – SINASC, acesso em Agosto de 2012.

- A região do Sertão pernambucano registrou no ano 2000 o número de 3.495 nascidos vivos com mães adolescentes. E no ano de 2010, esse número caiu para 2.922 nascimentos.

Convém salientar que em todos os anos de registro nas duas regiões focadas, a distribuição da fecundidade não é homogênea entre todo o período etário que corresponde à adolescência. O número das mães de 15 a 19 anos é significativamente superior àquelas no primeiro período da adolescência, correspondente dos 10 aos 14 anos.

Os dados dessas pesquisas censitárias, comumente fonte de informações e pesquisas em nosso país, mostram a necessidade de olhar o fenômeno da gravidez não apenas pelo critério etário, mas também pela renda, classe econômica, nível de instrução, contexto de moradia e convívio social, e demais especificidades que caracterizam a diversidade da população brasileira.

O senso comum e a mídia reproduzem a concepção de que a gravidez na adolescência tem caráter negativo, agrava as situações de marginalidade social e econômica com a saída das mulheres da escola e o pouco investimento dessas no futuro profissional (HEILBORN et al., 2002; PANTOJA, 2003).

Corroborando ainda com essa visão a concepção de que quando as jovens engravidam parecem ferir uma ordem social ideal estabelecida de “aguardar o tempo certo” para ter filhos e casar (SCOTT, 2001).

Em outra perspectiva, a qual adotamos neste trabalho, pesquisas incentivam um olhar mais aproximado da realidade vivida pelas jovens em seus contextos de vida. Nessas, tem-se percebido, muitas vezes, a gravidez como parte do projeto de vida de jovens que questionam o controle familiar recebido, seus direitos de experimentar a vida, inclusive a sexualidade, e o estranhamento ao ideal, quase sempre presente, do ser irresponsável.

Quadros (2007) argumenta que por volta de 2001, iniciou-se outro movimento nos estudos, na tentativa de estabelecer novos parâmetros, fugindo da compreensão da gravidez na adolescência como um “problema social”. Nesses, são considerados os objetivos da gravidez, assim como os seus significados e as práticas sexuais e reprodutivas. Relativizam, assim, a visão de que os efeitos de uma gravidez inesperada são devastadores, bem como enfatizam a noção dos jovens como portadores de direitos, responsabilidades e escolhas, e têm como desafios considerar as estruturas vulnerabilizantes e a diversidade de situações vivenciadas.

Para Scott (2001), em muitos casos o “ser irresponsável” supostamente caracterizada a pessoa envolvida no evento da gravidez, foi justamente para garantir responsabilidade. Para entrar numa vida adulta plena, para muitas mães vale a pena essa dita antecipação, visto que muitas vezes não a conseguem também pelas tentativas na busca de emprego. Conforme reflexão desse autor, a ação da gravidez pode ser focalizada em sair da liminaridade, para ele caracterizada a identidade adolescente, para uma nova identidade social: ser mãe ou pai, quer dizer, adultos.

Em consonância com as idéias de Scott (2001), Le Van (1998, apud AQUINO et al., 2003, p.387), acrescenta que a gravidez adolescente pode ser uma saída:

Em contextos fortemente marcados por desigualdades de gênero e classe social, a maternidade se apresenta não apenas como ‘destino’, mas como fonte de reconhecimento social para as jovens mulheres, desprovidas de projetos educacionais e profissionais.

Em pesquisa realizada por seu grupo de estudo nas capitais de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, com 4.634 jovens com idades entre 18 e 24 anos, homens e mulheres de classes econômicas diversificadas, Heilborn et al. (2002) constatou que a vivência da parentalidade⁷ afeta de modos diversos as vidas de homens e mulheres, ricos ou pobres, considerando que entres eles há diferenças no modo como vivem a vida, ensaiam a sexualidade e experimentam a própria adolescência.

Sobre isso, os dados da pesquisa citada acima nos levam a refletir que os diferentes percursos e trajetórias juvenis estão fortemente marcados por distinções de gênero e de classe. Para as mulheres das classes mais favorecidas, a experiência da gravidez é encarada como algo pontual, que não deve abalar seus planos de futuro, pois a mãe tende a retomar seu processo de escolarização e evita, ao máximo, novas experiências de gravidez não planejadas. Enquanto para as mães adolescentes pobres, a escolarização já não é, mesmo antes da experiência da gravidez, um percurso linear, pois muitas vezes está envolvida em condições de violência quer pelas ameaças dos companheiros que impedem sua escolarização ou pela violência física presente extra e intra muros da escola. Além disso, outras situações como o cuidado com a casa e com os irmãos mais novos já retiram da jovem mãe pobre a possibilidade de repensar outra trajetória de vida mais envolvida com o mundo público (HEILBORN et al., 2002).

Para os homens pobres, a vinda do filho durante a adolescência parece não afetar diretamente seus projetos de vida, pois já se encontram desde muito cedo com a responsabilidade de buscar empregos formais ou informais, como formas de sustentar a

⁷ Termo usado pela autora para abranger o “ser mãe” e o “ser pai”.

família. Enquanto os jovens homens de classes mais favorecidas podem até buscar o mercado de trabalho, mas geralmente tem como objetivo o auto-sustento, fazem usos para benefícios próprios e não contribuem diretamente para a renda familiar (HEILBORN et al., 2002).

O tabu da contracepção (muitas das mulheres têm dificuldades em conversar com o parceiro sobre os métodos contraceptivos) e a compreensão da concepção como uma “questão feminina”, além das experiências sexuais marcadamente distintas entre os sexos: incentivada para os homens, proibida para as mulheres, acrescentando-se as próprias repercussões sociais da experiência de gravidez acima relatadas, nos mostram como a gravidez na adolescência está relacionada às questões de gênero e sexualidade. (AQUINO et al., 2003; QUADROS, 2007).

Aos jovens homens e mulheres pobres restam poucas perspectivas de futuro: as péssimas condições de trabalho e a má remuneração de subempregos, aos quais muitos dos homens de classes populares estão submetidos, não os permitem alçar novos projetos de futuro. E às mulheres são reservadas funções ainda domésticas quando ousam a vida pública: o cuidado com a casa ou com filhos de outras famílias (HEILBORN et al., 2002).

Nesses contextos de vida, em contraste com a visão universal da mídia e do senso comum, o exercício da parentalidade não interferiu nas questões relacionadas à trajetória escolar-profissional. Aparentemente, suas vidas já tinham possibilidades e limitações que a experiência da gravidez não alterou significativamente.

Essas constatações nos ajudam a refletir sobre os distintos processos de socialização a que estão submetidos homens e mulheres, especialmente com relação à vivência da sexualidade: em ambas as classes sócio-econômicas os homens detêm os privilégios do mundo público e as diferentes ousadias de experimentação sexual, enquanto à mulher ainda recai “os cuidados com a carne” (RIOS, 2008), sua experiência sexual ainda está ligada à reprodução e deve estar “velada” para o momento do casamento.

Para Toneli (2004) há uma contradição quando é esperado que os adolescentes “controlem seus impulsos”, expectativa universalizante da adolescência, ao mesmo tempo em que aos homens é esperado que experiencie esses mesmos impulsos para formação de sua masculinidade viril. Nessa lógica, parece que o “controle” recai apenas para as

mulheres, nitidamente uma questão de gênero ainda atual que regula corpos e relações sociais.

Em pesquisa com adolescentes entre 13 a 18 anos na cidade de Belém do Pará, Pantoja (2003) também percebeu que a experiência da gravidez não foi homogênea entre os participantes. Foram legitimadas as impressões de pesquisas anteriores de que a gravidez envolve dimensões complexas, o que remete tanto à mudança de status, quanto à reafirmação de projetos de mobilidade social – o passaporte para a vida adulta.

Nesse grupo de Belém, os projetos da nova vida envolviam também a continuidade dos estudos. Para os participantes, através da permanência na escola era possível “ser alguém na vida”, o que expressava ainda a vontade das novas mães de não seguirem as mesmas carreiras de suas mães. Esse dado pode ser importante para pensarmos qual o significado da escola na vida desses adolescentes, mesmo antes do evento da gravidez e como a própria escola tem construído esse significado na vida dos seus estudantes.

Em outra pesquisa, dessa vez com mulheres pobres da cidade de Porto Alegre (RS), Paim (1998) lembra que a construção social da identidade feminina é entrelaçada com a maternidade. Através do cuidado com os irmãos mais novos e com os serviços de casa, a maternidade é esperada socialmente para esse universo. A autora acrescenta que a gravidez e a maternidade não são apenas indícios do desempenho de uma atividade biológica, ou seja, natural, constituem também eventos culturais: são submetidos a regras, expectativas sociais e construções simbólicas que pertencem à vida dos indivíduos.

Esses dados de pesquisas anteriores ressaltam a concepção de que é preciso considerar as especificidades sociais em que ocorre o evento da gravidez. Em termos de estudos, é preciso estar atento para que as concepções universalizantes não destoem os caminhos das experiências vividas em suas particularidades.

Por fim, porém não menos importante, é preciso considerar que desde o final da década de 1980 a gravidez entre jovens pode ser interpretadas à luz dos Direitos Sexuais e Reprodutivos.

A concepção da gravidez como escolha relaciona-se com as lutas feministas para decisão da vida reprodutiva a cargo da mulher. As adolescentes, conforme nos lembra Toneli (2004), também estão contempladas nos direitos sexuais e reprodutivos conquistados já que esses foram construídos em consonância com os direitos humanos.

Quadros, Adrião e Xavier (2011) nos lembram que os direitos reprodutivos dizem respeito ao direito da pessoa de decidir sobre sua reprodução. De maneira mais abrangente, os direitos sexuais fazem referência à liberdade de todas as pessoas em vivenciarem a sexualidade sem coerção, discriminação, preconceito e violência.

Essa conquista no campo jurídico de direitos supera a noção de controle da natalidade, apesar dessa idéia de controle ainda continuar associada ao exercício da sexualidade feminina, especialmente das mais jovens.

Toneli (2004) mostra que nesse campo, fortemente associado à moral, ainda são insuficientes as tentativas de problematização da vivência da sexualidade juvenil como um direito, a exemplo da falta de menção expressa percebida no ECA, conforme discutido acima e constatado por Ventura (2009).

Com essa perspectiva, a gravidez de jovens mulheres pode ser compreendida como uma escolha em usufruir dos seus direitos à maternidade e às experiências da sexualidade, ressaltando-se a importância das especificidades dos contextos de vida para as vivências da sexualidade, inclusive a própria experiência da gravidez.

É relevante observar que as pesquisas até aqui descritas foram realizadas em contextos urbanos e nos ajudam a pensar as experiências das jovens neste contexto. Todavia, para alcance dos nossos objetivos, é necessário aprofundar o contexto rural, considerando suas especificidades marcadamente distintas e que também diferenciam a forma como vivem os jovens homens e mulheres.

2.4 Jovens do contexto rural

É preciso considerar que falar de “rural” remete imediatamente à idéia de natureza, mais especificamente da terra para trabalhar. É através desse trabalho que os costumes são passados de geração a geração e a subsistência familiar pode ser mantida. Dessa maneira, desde muito cedo todos os membros da família participam das atividades com a terra. Porém, a noção de que os homens são mais aptos para o trabalho pesado, tal como exigido na agricultura, e as mulheres mais voltadas para os cuidados domésticos, diferencia a forma como os filhos são incentivados para as atividades produtivas e do mundo público e às filhas cabe o cuidado para que seus pais, irmãos e futuramente seus maridos, encontrem comida e descanso em casa.

Para Vieira (2006, p.211), no contexto da sua pesquisa realizada em cinco assentamentos rurais de uma mesma cidade do Sul do Brasil, ser jovem no campo é:

Ser jovem, no contexto estudado, refere-se a modos de pensar e agir que situam os sujeitos numa fase da vida em que não se definem mais como crianças nem como adultos, concorrendo nesta definição fatores como o ingresso no universo das relações afetivo-sexuais e a posição que estabelecem na equação ‘dependência-proteção’. Nela os jovens poderiam ser definidos pela condição de parcialidade: proteção parcial e dependência parcial, e ainda pela fluidez e não linearidade nestes processos de independência.

Para essa autora, a dificuldade de diferenciação das etapas da vida entre criança, jovem e adulto, envolve também a questão do trabalho, visto que, como introduzimos acima, todos participam das atividades laborais para a economia familiar. As diferenças envolvem a autonomia e a independência que tendem a aumentar progressivamente. Outro ponto do trabalho rural é que muitas das atividades realizadas não são reconhecidas como profissões, o que dificulta a adoção do critério “ingresso no mercado de trabalho” como demarcador de passagem para a vida adulta, como costuma acontecer nas camadas urbanas.

Uma das características marcantes do trabalho realizado pelos homens do contexto rural diz respeito à sua sazonalidade. Para os autores Silva e Menezes (2010), o trabalho sazonal do homem no contexto rural pode ser chamado de “migração permanentemente temporária”, dado o seu caráter temporário e ao mesmo tempo contínuo na vida desse lugar. Para esses autores, essa migração sustenta uma estratégia familiar de reprodução social, na medida em que o homem tem o seu assalariamento temporário com o trabalho externo e às mulheres e aos filhos cabe manter a casa e roçado em seu em torno, considerados trabalhos mais leves do que aqueles realizados pelos homens fora da cidade.

Essa relação com o trabalho também envolve as questões de gênero, visto que:

As jovens mulheres situam seu trabalho no espaço da casa e na roça – citados nesta ordem e indicando a atividade na casa como função da mulher e, na roça, como ajuda. Os jovens homens invertem essa relação, sendo ajuda, as atividades que desenvolvem no interior da casa e entorno. Ainda que possa ser compreendido pela noção de complementariedade, a visibilidade ou a importância atribuída às atividades desempenhadas por homens e mulheres faz sobressair um caráter mais assimétrico das relações de gênero (VIEIRA, 2006, p. 204).

Além das diferenciações quanto ao trabalho, na pesquisa da autora acima ainda foi identificado que os jovens homens têm mais acesso a atividades de lazer, maior

autonomia para saírem sem os pais e maiores possibilidades de participação política, assim como distinção também em relação às experiências da sexualidade.

Para Stropasolas (2007), na vida rural a gestão da família e da atividade produtiva fica a cargo do homem. Esse valor é passado de geração a geração e mantém a lógica de que os projetos individuais estão submissos aos projetos coletivos da família, o que ajuda na manutenção da propriedade e cultura familiar.

Esse último é um dos aspectos que dificultam a vida de muitos jovens nos contextos rurais: não têm espaços para trilhar novos rumos diferentes daqueles pensados por seus pais. E os projetos familiares coletivos desvalorizam o que poderiam ser projetos individuais.

Em consonância com o que foi apresentado até aqui, Castro (2006) esclarece que o peso de ser jovem rural é acentuado quando se é mulher. Para a autora, a inferioridade da mulher é percebida na exclusão dos processos de produção agropecuária, de sucessão e herança, bem como dos espaços de decisão na comunidade.

Vieira (2006) identificou que as famílias contribuía na socialização dos jovens para a sexualidade, principalmente quanto ao controle da sexualidade feminina. Nesse estudo, o controle foi identificado como função das mulheres mais velhas, tal como destacou:

“Nas famílias, ainda que os pais sejam citados como os responsáveis por permitir ou não que suas filhas saiam sem a companhia da família, parece caber à mãe o cuidado com a vida sexual das filhas” (VIEIRA 2006, p. 208).

Se pelo trabalho é difícil assumir a identidade de adulto, Silva (2002) lembra que muitos jovens caminham para a transição da vida adulta pela maternidade/paternidade/conjugalidade. A gravidez, sobretudo para as moças, também surgiu como uma forma de estratégia pré-matrimonial ou de “aliança”, mas especialmente pelo desejo da maternidade ou outra forma de inserção social. Enquanto para os homens considerados adultos era esperada a independência financeira pelo trabalho, sendo capaz de sustentar uma casa, manter o casamento e exercer a paternidade. Para as mulheres do grupo estudado, a gravidez já remetia à adulez, mesmo sem o casamento ou conjugalidade.

Como fruto dos grupos de discussão realizados com jovens entre 18 e 25 anos, no período entre 2001 e 2002 sobre *“Estilos reprodutivos masculinos e femininos e organizações representativas”*, a pesquisadora Quadros (2007) encontrou características

distintas entre jovens do meio urbano (bairro da periferia de Recife) e do meio rural (cidade do sertão pernambucano, onde vivem reassentados de barragens).

Os dados dessa pesquisa revelaram que as questões de gênero foram fontes de diferenças na forma como homens e mulheres vivem a sexualidade. Para as mulheres do meio rural da pesquisa, a inexperiência sexual é evidente e a virgindade ainda é um fator importante. Manter-se virgem é bem visto na comunidade, caracterizando a moça ideal para casar (QUADROS, 2007).

O controle da família sobre os corpos das suas filhas caracteriza forte formação de desigualdades, com a idéia de preparação da mulher para o seu futuro marido, mantendo-se virgem e através do aprendizado das atividades domésticas. Como sugere a autora, a virgindade das mulheres nesse meio significa sua qualificação moral.

Essas desigualdades estão presentes desde a infância, como reflete Marin (2008 apud SILVA; MENEZES, 2010, p. 121) sobre o processo de socialização nos contextos rurais:

No processo de socialização dos filhos, o padrão de comportamento exigido dos meninos diferenciava-se do estabelecido para as meninas. Enquanto os meninos recebiam mais estímulos para o exercício da posição de comando, para que futuramente se tornassem chefes de família, as meninas eram educadas para manter uma conduta de recato e de abnegação. Desde muito pequenas, eram socializadas em uma teia de relações que privilegiava e reproduzia valores de submissão e subalternidade não apenas aos da casa, mas também, aos parentes e vizinhos. Suas vontades e opiniões, caso se atrevesse a manifestá-las, eram desconsideradas ou repudiadas. Mantidas no trabalho do lar, quando necessário na roça, não se permitia às meninas o estabelecimento de laços estreitos de amizade com pessoas do sexo oposto, fora do estreito círculo familiar.

Essa restrição à socialização feminina também a coloca numa posição de desvantagem frente aos homens sobre os assuntos relacionados à sexualidade. Quadros (2007) constatou que ambos sentem falta da conversa com os familiares sobre questões relacionadas à sexualidade, mas somente os homens podem tentar superá-las nas conversas com os amigos. Já para as mulheres, falar sobre esse assunto é difícil até com o grupo de amigas. Dessa maneira, a mulher mantém-se dessa forma em posição de desvantagem social ao homem tanto pelas experiências sexuais quanto pelo acesso às informações sobre o tema.

Essa hierarquização entre homens e mulheres é fortalecida pelas marcas do patriarcado, característica bastante presente no universo rural, onde as jovens mulheres

são submissas aos pais e aos maridos como chefes de família e autoridades (CASTRO, 2006; PAULO, 2010).

Paulo (2010, p. 357) resume de maneira satisfatória a vida no campo:

A família camponesa tem um caráter particular por congregar interesses que vão desde a manutenção da propriedade até a reprodução do seu 'modo de vida', o qual é ancorado em uma moralidade dependente de atitudes e rituais que vão desde a manutenção do respeito até a capacidade do homem de prover a família, capacidade esta determinada pela sua disposição para o trabalho e para cumprir com os rituais necessários à manutenção da honra diante de sua comunidade.

Esse trecho ressaltado corrobora com os resultados da pesquisa de Scott (2007) sobre a responsabilidade dos jovens rurais em prover o sustento da família através do trabalho com a terra, assim como com as reflexões de Quadros (2007) sobre a manutenção da moralidade a respeito da mulher "boa para casar".

Esse contexto de desigualdades tem colaborado para a saída das jovens mulheres do campo em busca de mais oportunidades na cidade. Aguiar e Stropasolas (2010) lembram outros motivos que auxiliam na decisão sobre manter-se ou não no campo: tipo de trabalho realizado (que privilegia os homens); aspectos da condição do meio rural (insuficiência de serviços como saúde, educação e lazer; infraestrutura inadequada e má qualidade de transportes), além da condição de dependência do jovem na unidade familiar.

Em outra produção, Stropasolas (2004) ressalta que essa saída das jovens mulheres do campo tem sido alvo de preocupação em muitas comunidades rurais devido ao envelhecimento e masculinização da população rural. Todavia, para esse autor, poucos estudos têm dado importância para esse fenômeno migratório.

Nos estudos de Sales (2010) sobre os espaços sociais das mulheres jovens rurais, baseados em sua pesquisa com jovens de um município do sertão cearense, ela também destaca a percepção em sua revisão bibliográfica de poucos estudos sobre as jovens mulheres e os jovens rurais, indicando que a imagem do jovem é direcionada ao cidadão do sexo masculino.

Essa mesma autora analisa que houve avanço nas discussões sobre a condição juvenil por volta da década de 1990, com a participação de organismos internacionais e organizações de jovens nas diversas partes do mundo. Todavia, no Brasil a inclusão de políticas para a juventude dos municípios e estados atingiu de início somente um determinado grupo considerado em situação de risco e vulnerabilidade social. Para a autora, no contexto rural os incentivos e programas ainda estão iniciando.

Sales (2010) ainda nos lembra que nas últimas três décadas têm ocorrido mudanças no campo no que se refere à economia, estilo de vida, isolamento social e geográfico, questões agrárias, lutas sociais e na organização dos movimentos sociais. O que deve estar contribuindo para as mudanças também na socialização dos adolescentes/jovens desse contexto social.

Wanderley (2000) valoriza a necessidade de caracterizar de que rural estamos falando, ele não é essência, imutável ou a-histórico. Também considera que hoje não é possível mais pensar em urbano e rural no sentido de oposição. Para a autora, são diferentes contextos de vida que trazem modos próprios, por exemplo, de trabalho e cultura. Ela ressalta a importância de considerar os dois contextos de vida nas pesquisas:

O recorte rural-urbano em suas novas e modernas formas permanece um recorte pertinente para analisar as diferenças espaciais e sociais das sociedades modernas apontando não para o fim do rural, mas para a emergência de uma nova ruralidade (WANDERLEY, 2000, p. 90).

As pesquisas analisadas neste tópico foram realizadas em contextos rurais, porém em localidades bastante diferentes. Do nordeste ao sul do país, foi possível perceber que jovens homens e mulheres vivem aspectos em comum e outros que se diferenciam muitas vezes pelas especificidades da cultura local. Sem dúvida, nos ajudam a pensar de maneira mais ampla sobre a juventude rural e a aguçar o olhar para as particularidades do momento histórico e do local onde a vida acontece.

No momento seguinte, traremos os aspectos que nos fizeram escolher trabalhar nessa pesquisa não apenas com as jovens envolvidas em seus diferentes contextos de vida, mas também com sua rede de convívio e apoio, além do interesse sobre os projetos de vida dessas jovens mães.

2.5 A rede de convívio e apoio e os projetos de vida

Ao longo das discussões propostas até aqui, foi possível perceber que ao falar sobre juventude e sexualidade, tanto no contexto urbano, quanto no rural, outros aspectos estavam intrinsecamente envolvidos. Até agora já tocamos nos aspectos da família, amigos, saúde e educação, por exemplo. Por isso, escolhemos em nossa pesquisa considerar o que chamamos de “rede de convívio e apoio” na tentativa de abranger a complexidade envolvida nas questões relacionadas à gravidez de jovens mulheres.

Entendemos que essas jovens mulheres, a quem nos referimos como público principal do nosso trabalho, estão inseridas em uma gama de relacionamentos e serviços que interferem na forma como elas vivenciam a sexualidade, assim como na maneira como vivem a gravidez e a maternidade.

Estudos recentes de Adrião et al. (2010), demonstram a importância de considerar as concepções da família, parceiro sexual, escola, comunidade e serviço de saúde para compreensão da construção e dos destinos da sexualidade adolescente, contribuindo para a (re)produção da vida social. Conforme constatado nas pesquisas discutidas nos tópicos anteriores, essas “partes” têm importância antes e durante o momento da gravidez, assim como na construção dos projetos de vida dela decorrentes.

Para Siqueira, Betts e Dell’Aglío (2006) todas as relações que o indivíduo estabelece com outras pessoas, advindas dos microssistemas que transita, tal como família, amigos, escola, dentre outros, podem fazer o papel de fornecer apoio. A rede de apoio é, assim, dinâmica, construída e reconstruída várias vezes na vida.

A respeito da contribuição desses representantes para os projetos de vida, as autoras acima destacadas, baseadas em Garnezy e Masten (1994), acrescentam que a rede de apoio contribui para o aumento da competência individual, ajudando para o alcance de objetivos pessoais.

É enriquecida, então, a nossa compreensão de que a rede de convívio e apoio indica pessoas e sistemas com quem a jovem pode contar, o que envolve as questões sociais e de afeto. A rede de convívio e apoio pode ser, portanto, importante diante das situações de dificuldade, para a proteção e estimular o empoderamento.

Sobre os projetos de vida, Mandelli, Soares e Lisboa (2011) lembram que esses devem estar em coerência com a realidade possível e com as perspectivas de futuro, assim como aos desejos e idéias. É importante que o jovem tenha clareza das suas intenções e seus projetos devem envolver suas próprias ferramentas sociais para construí-los, mesmo considerando que esses projetos podem ter efeitos de transformações não apenas pessoais, mas também sociais.

Em consonância com tal idéia, Soares (2002) diz que a noção de projeto de vida remete ao futuro, mas também carrega consigo o passado e o presente. Esses fazem parte da trajetória de vida e preparam para o que está por vir.

D’Angelo (1994) acrescenta que o projeto de vida aponta para uma perspectiva multidimensional, envolve os aspectos psicológicos e sociais, a maneira de agir da pessoa

em suas relações pessoais e com a sociedade de maneira geral. Referindo-se à realidade constitutiva da pessoa e da coletividade, tem caráter antecipatório, organizador e regulador das atividades do indivíduo.

Para Velho (1994) a categoria “projeto de vida” é entendida como uma metamorfose e não se limita apenas a aspirações. O projeto carrega consigo, o meio de alcançá-lo, e é um instrumento de negociação da realidade e servirá como meio de articular interesses e anseios.

Em consonância com o que apontamos anteriormente, a rede de convívio e apoio pode fazer diferença nos projetos de vida das jovens, o que é revestido de grande importância pela possibilidade de que através desses projetos essas autoras se tornem protagonistas de seus futuros (MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011).

Acrescentamos ainda que para alcance dos objetivos propostos neste trabalho, daremos importância para o que Haraway (2009) chamou de “circuito integrado”. Este circuito forma uma espécie de rede que se constitui em cenários na vida da jovem estudada. Esses cenários podem ser formados por forças que auxiliem ou dificultem a vida da jovem com autonomia e igualdade de direitos.

As partes dessa rede ideológica, ou circuito, podem somar forças para reiterar lógicas que corroboram com as vulnerabilidades muitas vezes vivenciadas pelas jovens, assim como podem fazer diferença contrapondo-se a esse sistema que invisibiliza a jovem mulher em seus direitos sexuais e reprodutivos.

Para, Quadros, Adrião e Xavier (2011), esse circuito pode ser desintegrado quando são encontradas brechas que permitem o confronto às práticas reguladoras exercidas pela rede. Essas brechas no circuito podem ser encontradas pelos integrantes da rede, assim como pela própria jovem que poderá descosturar a teia de significados em que está inserida.

Mais adiante, mostraremos a importância de considerar esses integrantes da rede de convívio e apoio das jovens por nós estudadas. Esses olhares integrados poderão oferecer maior riqueza de detalhes para compreensão da história de vida de cada jovem participante, o que nos ajudará a entender os significados da gravidez de maneira mais próxima à realidade vivida.

3 O FEMINISMO E OS ESTUDOS DE GÊNERO

Na maioria das contribuições teóricas estudadas e dialogadas ao longo desse trabalho, a temática de gênero tem sido bastante recorrente. Por esse motivo, acrescido ao fato de que é o tema norteador dos nossos objetivos de pesquisa, dedicaremos esse capítulo para o desenvolvimento dos seus estudos e o nosso posicionamento teórico diante da diversidade de compreensões a esse respeito.

Conforme ponderado no capítulo introdutório, nossa pesquisa está inserida no campo da Psicologia e adota uma perspectiva feminista de fazer ciência. A discussão sobre gênero é resultante das lutas do Movimento Feminista, assim como a ligação entre feminismo e fazer científico. Dessa maneira, discorreremos a seguir sobre o histórico dessas lutas e suas repercussões para a área da Psicologia e no dia a dia de mulheres e homens, a fim de melhor compreendermos o que está por trás das nossas escolhas teórico-metodológicas.

Como nos lembra Scott (1995), pela tradução do dicionário, gênero é compreendido como algo que atribui desinência aos nomes; em outras palavras, flexiona fenômenos para o masculino ou o feminino, conforme socialmente acordado. Essa compreensão do termo gênero ainda continua bastante difundida.

Ao final da década de 60, Friedan (1971) em seu importante livro “*A mística Feminina*” desconstruiu os mitos acerca da feminilidade e os seus estereótipos sexuais que caracterizam socialmente a mulher como frágil, meiga e submissa. O raciocínio à época era na ênfase das diferenças humanas, tomando como base o determinismo biológico que fundamentava a visão de que a afetividade e docilidade cabiam às mulheres e a agressividade aos homens devido às diferenças biológicas/hormonais que moldavam seus comportamentos e personalidade.

Da mesma maneira, podemos observar nos escritos de Beauvoir (1968), que a diferença sexual era compreendida como base ontológica para diferenciação política e social.

Em contraposição a essa idéia, as feministas americanas, dentre elas a já destacada Betty Friedan, iniciaram os estudos de gênero referindo-se à organização social das relações entre os sexos, assim como aos papéis sociais de homens e mulheres. Com essa premissa, as feministas americanas defendiam a tese de que as distinções baseadas no sexo eram fundamentalmente sociais.

Entender que as distinções sexuais são fundamentalmente sociais é a grande marca dos estudos do movimento feminista que contribuiu para o estudo de gênero e conseqüente rejeição ao determinismo biológico, que sustentava formas de subordinação, implícito em “sexo” ou “diferença sexual” e justificada pela “natureza” dos corpos.

Dessa forma, a chamada segunda onda do movimento feminista, historicamente situada na segunda metade do século XX, almejava inscrever e analisar uma nova história sobre as mulheres – sem partir da submissão compreendida em termos do patriarcalismo e falocentrismo – e libertando-se das amarras do determinismo biológico, compreendendo como o gênero poderia ser colocado propriamente como categoria de análise.

Conforme Scott (1995) nos ajuda a pensar essa forma de estudo: “Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas?” ou “Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?”. Assim, a autora parece sugerir que tomemos o gênero como uma espécie de óculos para olhar o mundo e suas relações sociais. Certamente, de uma forma ou de outra, as (os) teóricas (os) aqui abordadas (os) estarão em consonância com tal idéia.

A forma de compreensão do gênero como categoria de análise, como defende Scott (1995), permite entender o que foi construído historicamente como sendo do homem e da mulher, referindo-se às origens sociais das identidades, bem como à compreensão do próprio corpo como produto dessas identidades.

Fugindo aos determinismos biológicos, essa autora propôs que os estudos do construcionismo social sobre o gênero ainda precisavam saber como os fatores sociais, étnicos e culturais se relacionam com o tema. Para ela:

O objetivo da nova pesquisa histórica é destruir a noção de fixidade, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência atemporal na representação binária dos gêneros. Esse tipo de análise tem que incluir uma noção do político, tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais (SCOTT, 1995, p. 20).

Com isso, pode-se perceber que a autora propõe a compreensão do gênero não como o esperado socialmente, comportamentos masculinos ou femininos, para além disso, ela deseja compreender a definição desse termo envolvendo as relações sociais, as relações de poder, o sistema social e a identidade subjetiva. Nessa perspectiva, a análise sobre gênero permite compreender a noção de igualdade/desigualdade, relacionando a direitos e papéis sociais.

Para essa mesma autora, deve-se ter cuidado para que o estudo do feminismo, ao compreender que o gênero é produtor e reproduzidor de igualdade e desigualdades sociais,

não caia na armadilha de construir para si uma falsa igualdade de seu objeto de pesquisa – as mulheres. Nessa crítica, vale a noção de que o campo do gênero e a discussão sobre igualdade deve permanecer sempre tenso e paradoxal, levando-se em consideração a historicidade de seus atores e fatos sociais.

Para Strathern (2006), o debate feminista é um discurso radical, mas não deseja ser completo, devendo buscar o conhecimento de maneira dual, admitindo o constante conflito de opiniões e diretrizes em sua própria base, através das diferentes abordagens do próprio movimento.

Dessa forma, entende-se que o feminismo não aspira a uma teoria independente da sociedade e, em consonância com as idéias defendidas por Scott (1995), Strathern (2006) defende que a análise do feminismo induz a uma visão mais autônoma das relações de poder, compreendendo homens e mulheres como seres diferentemente situados num contexto histórico-social específico.

O debate sobre gênero, como discutido anteriormente, carrega consigo a ruptura com o patriarcalismo da cultura dominante nas sociedades ocidentais, como forma de entendimento de que esse sistema social que coloca as mulheres como seres inferiores e dependentes, reproduz interesses masculinos. A sociedade nesse contexto é compreendida como locus de uma ideologia masculina que não reconhece o caráter plural do mundo real. Como sugere Strathern (2006, p.70):

A produção intelectual feminista está especificamente devotada à elucidação do alcance das idéias sobre gênero e da influência do gênero sobre as idéias em toda a cultura ocidental. Refletir sobre o lugar das mulheres na sociedade leva a questionar o fundamento da própria sociedade, e essa indagação é marcada pelo conceito altamente carregado de patriarcado.

Dessa forma, o debate feminista mostra-se politizado, fundamentado na experiência do campo das desigualdades, e o desejo é que, reflexivamente, as mulheres possam ter ação politizada nesse mundo de conflitos.

Também é foco de análise nas discussões de gênero propiciadas pelo movimento feminista, e inicialmente referida aqui, a recusa ao universalismo restrito a falsas maiorias, característico do patriarcalismo, marcado pelo essencialismo e naturalismo. A esse respeito, as autoras feministas comentam que recorrer ao determinismo biológico é muitas vezes estratégia de perpetuação da lógica do patriarcalismo, que faz uso do discurso científico para justificar estratégias de poder entre diferenças socialmente

construídas. Pois, como defende Strathern (2006), a própria sociedade é convenção e nela é convencional que os homens sejam proeminentes.

Em outro aspecto de compreensão sobre gênero, Butler (2003) nos ajuda a pensar que a identidade de ser mulher deve ser considerada como mutável, não-universal, assim como o gênero também deve ser considerado como discursivamente construído. A esse respeito, a autora reflete que o gênero não é sempre coerente e consistente, visto que precisa ser entendido necessariamente em interseção com as modalidades raciais e classistas, o que chama de interseções políticas/culturais.

Para Butler (2003), a compreensão restrita do gênero como “a roupa do sexo” é fundamentada no entendimento do sexo como natural, binário e pré-discursivo. Para ela, em outro sentido, gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, por isso não decorre do sexo, não é por ele definido.

Em diálogo com essas idéias de Butler (2003), Nicholson (2000) em seu artigo “*Interpretando o gênero*”, localiza a dimensão do corpo dentro da própria discussão sobre gênero. Para ela, a construção do ser feminino/masculino é que constrói o próprio corpo. Citando Scott (1988, p. 10), esclarece:

Gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significado para as diferenças corporais (...). Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos.

Nessa compreensão, o corpo se torna uma variável, mais do que uma constante; todavia, apesar do fundacionalismo biológico permitir o reconhecimento de diferenças entre mulheres, ele o faz de forma limitada e problemática. O que para essa última autora é uma séria questão, visto que é preciso considerar os contextos específicos do “ser mulher”, não podendo a Antropologia, nem o movimento feminista, esperar que suas discussões sejam igualmente importantes em todas as sociedades.

Nuernberg (2008) em sua produção sobre “*Gênero e Psicologia no Brasil*” ajuda-nos a compreender a história da Psicologia em termos da própria história de debates sobre gênero.

Segundo ele, as premissas da Psicologia Diferencial, existentes há quase um século, são fundamentadas nas características dos pressupostos biológicos, produzindo as diferenças individuais. Esses pressupostos explicavam diferenças entre homens e

mulheres, assim como justificavam as desigualdades sociais e a vida na organização social – mulheres da casa e serviços domésticos, homens da rua e mundo do trabalho.

Conforme esse autor, baseando-se nas idéias de Nogueira (2001), a Psicologia nesse período, na segunda metade do século XX, também foi marcada pelo debate entre essencialização e socialização. Para a essencialização, o gênero era entendido como um atributo inerente ao sujeito, como propriedade estável da personalidade. A socialização mudava o foco da biologia para o contexto, sendo o gênero resultado de processos sociais e culturais.

A visão da Psicologia ainda individualista justificava a compreensão do gênero reduzindo-o a sexo. Essa visão só pôde ser superada, ao final dos anos 70, com muitas discussões e produções que legitimaram o já citado construcionismo social. O construcionismo incorporado como perspectiva teórica dos estudos feministas realizados na Psicologia Social propunha a incorporação da crítica das teorias feministas e pós-modernas à ciência tradicional e a valorização da possibilidade de concepções não-universalizantes na Psicologia.

Mudava-se, portanto, o foco de análise das diferenças individuais, que pretendia justificar as dicotomias, para as relações sociais como um todo, compreendendo a própria noção de masculino/feminino como construções sociais. Além da concepção de ciência superando o modelo positivista e universalizante, surgiu, nesse contexto, o modelo de Psicologia “crítico e comprometido” que incorpora as necessidades sociais às preocupações científicas ou de intervenção psicológica.

Conforme discutido os estudos sobre gênero, especialmente os produzidos por Joan Scott, Marilyn Strathern, Judith Butler e Linda Nicholson, nos ajudam a refletir sobre as formas como homem e mulheres vivem, incluindo as relações sociais e as vivências da sexualidade.

Para fins da nossa pesquisa, consideramos que a discussão sobre gênero deve remeter aos acordos sociais. O que é esperado socialmente para as jovens na forma como vivem a sexualidade ou experienciam o momento da gravidez está inserido em determinado contexto social que tem sua história, sua lógica de funcionamento. A todo o momento, através dos integrantes da comunidade, essa lógica espera multiplicar-se em novas vidas.

Dessa maneira, considerar a dimensão das discussões de gênero também nos permite observar que essas expectativas sociais para os corpos e as formas de vida das

jovens mulheres envolvidas em nossa pesquisa não são neutras. O que se espera e o que não se deseja ver como fazendo parte da vida dessas jovens dizem de um campo de direitos. Direitos esses que precisam ser pensados fora da lógica de valorização masculina e desvalorização feminina. E quando falamos de direitos, no contexto das considerações sobre gênero, estamos falando também de um campo de desigualdades e de relações de poder.

Conforme temos discutido aqui, as pesquisas demonstram que as experiências da gravidez entre jovens afetam de forma diferente mulheres e homens, e as análises tomando como pano de fundo as discussões de gênero, nos levam a perceber um campo tenso de desigualdades desde os momentos de socialização, aos ritos de passagem para a vida adulta, incluindo questões relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos.

O olhar para os sentidos de gênero nos permitirá analisar criticamente os discursos sobre a sexualidade produzidos pelas jovens mães, ou pais, bem como a rede de convívio e apoio referenciada, fugindo das perspectivas biologizantes e universalizantes que popularmente permeiam o tema.

A partir do capítulo seguinte, faremos uma aproximação com os dados da nossa pesquisa, a começar sobre o caminho percorrido até eles e nossas escolhas metodológicas para analisá-los.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, discutiremos sobre as escolhas metodológicas que nortearam nossa pesquisa, as conseqüências, em termos de pesquisa, frutos dessas escolhas e os caminhos percorridos até a análise.

4.1 Perspectivas metodológicas

Nossa pesquisa está situada no âmbito das pesquisas qualitativas. Como sugerem Minayo e Sanches (1993), nesse tipo de pesquisa a dupla pesquisador e pesquisado é considerada de mesma natureza, mergulhados num campo de permeabilidade, onde os objetivos da própria investigação que possibilita o encontro são constantemente refeitos e transformados. Como destacam as autoras supracitadas:

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

Dessa forma, estivemos longe das supostas neutralidade e imparcialidade do fazer científico e, conforme nossos objetivos de pesquisa, atentamos para as intenções e significados dados ao evento da gravidez, assim como às estruturas e relações que interferiram nos sentidos dessa gravidez. É, portanto, um trabalho não generalista e atento às circunstâncias sociais a fim de promover melhor compreensão das dinâmicas presentes dos espaços de interação (NEVES; NOGUEIRA, 2005).

Neves e Nogueira (2005) acrescentam que nos últimos anos a Psicologia e as Ciências Sociais em geral têm recebido forte influência das chamadas metodologias feministas que favorecem novas possibilidades de pesquisa e entendimento das dinâmicas sociais. Nossa proposta de trabalho se aproxima desse tipo de fazer pesquisa por valorizar a reflexividade não só daquilo que pesquisamos, mas também da própria ciência que ajudamos a construir, e por acreditar num fazer ciência em que pesquisador e pesquisado são influenciados mutuamente:

Podemos assim assinalar que as metodologias feministas são reflexivas na medida em que implicam o reconhecimento da influência dos fatores sociais, históricos, culturais e políticos na construção do conhecimento (negando assim a possibilidade da neutralidade e da objetividade) e o reconhecimento do envolvimento dos/as investigadores/as na produção da ciência e dos seus discursos (NEVES; NOGUEIRA, 2005, p. 411).

Bandeira (2008) lembra que as feministas não foram as primeiras nem as únicas a proporem críticas à ciência moderna. Grupos de anticolonialistas, antimilitaristas, dentre outros, lhes antecederam. Mas, para a autora, baseada nas idéias de Harding (1996), a crítica feminista é imbuída de especificidades, ela destaca:

“A centralidade da crítica está posta na forma de organização do mundo social e natural materializado nas relações sociais, cognitivas, éticas e políticas entre homens e mulheres, assim como nas suas expressões e significados no mundo simbólico” (BANDEIRA, 2008, p. 209).

Essa mesma autora acrescenta que o distanciamento das mulheres dos fatos históricos, assim como do próprio fazer científico, reforçava a associação hegemônica entre masculinidade e fazer científico. A crítica feminista surge para propor a construção do conhecimento não totalizante e não masculinista, assim como aproximar à ciência os espaços considerados de intimidade, do mundo privado, compondo-o na esfera do político.

Bandeira (2008) ainda contribui que foi preciso à ciência feminista propor conceitos provisórios e abordagens teóricas não definitivas para não recair novamente naquilo que era alvo da sua crítica, reconhecendo que o conhecimento científico também é um sistema de dominação. Ela destaca:

Para a crítica feminista, qualquer forma de ciência que seja considerada ou proposta como universal deve ser duramente criticada, uma vez que todas as categorias pretensamente universais acabam por fixar parâmetros permanentes, inclusive de poder. Ao contrário, parte-se de que as posturas teóricas se constroem como processo de conhecimento em um dado contexto social transitório. Processos e categorias universais correm riscos de se constituírem em núcleos e/ou redutos de um sistema de dominação, do qual justamente o pensamento feminista faz crítica (BANDEIRA, 2008, p. 213).

A adoção de uma perspectiva não universal e crítica social contribui para a produção de saberes e práticas comprometidos e implicados com aquilo que é pesquisado. Pois, a pesquisa feminista preocupa-se com o lugar do investigador na relação com os participantes e com a interferência da investigação na pesquisa desses (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Por fim, a respeito das possíveis dificuldades do fazer científico feminista, Bandeira (2008) atenta:

São muitas as dificuldades e os obstáculos que se apresentam para as que ousam se enveredar pelos estudos das mulheres em sociedade, pois

trata-se de um terreno minado de incertezas, saturado de controvérsias movediças, pontuado de ambigüidades sutis, que é preciso discernir, iluminar, documentar, mas que resistem a definições. Pressupõe-se soterradas as balizas epistemológicas tradicionais, como o ser humano universal, a verdade, a ciência que norteavam as ciências humanas no século passado. Trata-se de um domínio inóspito para quem sofre de ansiedade cartesiana, pois mais cabe ao pensamento feminista destruir parâmetros herdados do que construir marcos teóricos muito nítidos (DIAS, 1990 apud BANDEIRA, 2008, p. 207).

4.2 Caminhos metodológicos até as participantes

Conforme anunciamos na Introdução, relembramos que essa pesquisa foi desenvolvida a partir dos dados de entrevistas realizadas por membros do Projeto GRAVID, cuja aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa foi obtida como procedimento de garantia à pesquisa com seres humanos. As participantes dessa pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) para autorização do estudo GRAVID com suas histórias de vida, bem como os demais participantes da sua rede de convívio e apoio também assinaram esse documento.

O trabalho coletivo do GRAVID rendeu frutos ricos em histórias de vida de jovens mulheres que estavam vivenciando a experiência da gravidez⁸ e eram moradoras da cidade de Recife, região metropolitana ou do sertão pernambucano. Junto com essas jovens, participaram representantes da sua rede de convívio e apoio indicados por elas como contribuintes durante o processo da gravidez.

Ao total foram entrevistadas pelo grupo GRAVID 8 (oito) jovens e os membros da rede de convívio e apoio por elas indicados. O tempo de duração de cada entrevista variou entre trinta minutos a uma hora e meia; durante o processo de pesquisa algumas dificuldades foram encontradas, dentre elas a dificuldade de contato com as jovens e de acesso aos membros da rede de convívio e apoio que não residiam nas proximidades da jovem entrevistada.

Assim, elaboramos a proposta desse trabalho com foco em uma jovem do contexto urbano e outra do contexto rural (com o total de duas jovens e suas redes de convívio e apoio). O critério que utilizamos para a escolha dessas sementes esteve baseado na abrangência das entrevistas da rede de convívio e apoio. Dessa forma, priorizamos aquelas que poderiam conter maior riqueza de detalhes através da

⁸ O critério utilizado no GRAVID para participação na pesquisa foi que a jovem estivesse grávida no momento da entrevista ou nos doze meses anteriores. A idade de participação prevista foi entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos e cada jovem foi chamada de "semente".

participação de um número maior de representantes na rede de convívio e apoio, o que conseqüentemente nos ajudaria a entender em maior profundidade as histórias de vida narradas.

A partir dessa escolha das sementes e considerando os objetivos do nosso trabalho, passamos a analisar as entrevistas realizadas.

4.3 Sobre a análise das entrevistas

Não foi possível a minha participação nos momentos das entrevistas realizadas pelos integrantes do GRAVID por necessidade pessoal de afastamento do Mestrado. Dessa forma, com o auxílio da minha orientadora e após a autorização das colegas entrevistadoras⁹ e suas respectivas orientadoras, trilhei caminhos na percepção daquelas histórias. Com isso, assumimos que podem existir diferenças na compreensão e análise desses dados, visto que na pesquisa qualitativa é levada em consideração a presença e possível interferência do entrevistador, assim como suas percepções acerca do momento da entrevista, como as reações corporais dos entrevistados e os “não ditos” que ultrapassam os limites da transcrição dessas entrevistas. Por outro lado, não estar presente no momento das entrevistas, me permitiu alçar um novo olhar sobre aquelas vidas, mais focado em seus discursos.

Os roteiros das entrevistas realizadas pela equipe do GRAVID (ANEXOS B, C e D) tiveram um foco biográfico (BECKER, 1997; MINTZ, 1984; QUEIROZ, 1991; SALEN, 1978), a fim de alcançar historicamente o evento da gravidez na vida das jovens, as experiências da sexualidade e seus projetos de vida, assim como permitir melhor detalhamento para aqueles que contavam a história dessa gravidez (membros da rede de convívio e apoio).

Para Silveira (2002), a entrevista é uma técnica de pesquisa capaz de criar momentos de diálogo, de imersão numa “arena de significados”. Sobre essa técnica, esclarece que se diferencia de uma conversa casual por estar previamente marcada por um objetivo sobre determinado evento; e a figura do entrevistador oscila entre a familiaridade e a diretividade, o distanciamento e o envolvimento.

Baseados na idéia de Bakhtin (1986), Minayo e Sanches (1993) enaltecem a importância da fala como reveladora das condições estruturais, dos sistemas de valores,

⁹ Agradeço, mais uma vez, a Cybelle Montenegro e Laila Anine, pesquisadoras integrantes do GRAVID, por terem compartilhado as histórias de vida dessas jovens através de suas entrevistas.

normas e símbolos, possuindo o pesquisado, como porta-voz, o poder de transmitir as representações, as condições históricas e socioeconômicas de grupos específicos.

Após a escolha das sementes, realizei leituras flutuantes de todo o material das entrevistas, identificando nos trechos das falas aquilo que naquele momento chamava a atenção com relação aos eixos temáticos dos nossos objetivos de pesquisa. Como as entrevistas envolveram membros da rede de convívio e apoio, busquei relacionar os pontos que poderiam formar um sentido comum para diferentes membros e outros que se destacavam distintamente dentre as demais falas.

Tal processo de análise esteve em consonância com o sugerido por Blanchet e Gotman (1992) sobre a análise temática. Para esses autores, esse tipo de análise permite que os temas presentes em diferentes entrevistas possam ser analisados transversalmente. Dessa maneira, foram buscadas as recorrências nas “cadeias de significação” (BRUNER, 1997; SAHLINS, 1990) sobre os temas relacionados aos objetivos do nosso trabalho.

Ao final da análise das entrevistas de cada semente e dos integrantes da rede de convívio e apoio, elaboramos um fechamento de acordo com a perspectiva dos “circuitos integrados” (HARAWAY, 2009) a fim de reforçarmos as percepções identificadas isoladamente nas entrevistas e estabelecermos conexões entre elas.

4.4 “Nossas jovens, de onde vem?”

4.4.1 A localidade de moradia urbana

A localidade de moradia da semente desse contexto fica em um bairro da Região Político Administrativa (RPA)¹⁰ 5, sudoeste da cidade de Recife. Conforme divulgado no último censo do IBGE¹¹ realizado no ano de 2010, as características desse bairro são:

Quadro 1 – Caracterização do bairro de moradia urbana

Localização	RPA 5, microrregião 5.3	
Área Territorial	14 hectares	
População Residente	2.420 habitantes	
População por sexo		

¹⁰ Cada RPA é subdividida em três Microrregiões que reúnem um ou mais dos seus 94 bairros, de acordo com a Lei Municipal nº 16.293 de 22.01.1997. Fonte: www.recife.pe.gov.br, acesso em Junho de 2013.

¹¹ Fonte: www.ibge.gov.br, acesso em Junho de 2013.

Masculina	1.101	45,50%
Feminina	1.319	54,50%
População por faixa etária		
0 – 4 anos	144	5,95%
5 – 14 anos	372	15,37%
15 – 17 anos	127	5,25%
18 – 24 anos	277	11,45%
25 – 59 anos	1.218	50,33%
60 anos e mais	282	11,65%
População por cor ou raça		
Branca		35,58%
Preta		8,97%
Parda		53,96%
Amarela		0,95%
Indígena		0,54%
Taxa de Alfabetização da População de 10 anos e mais		92%
Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual da População (2000/2010)		0,66%
Densidade Demográfica (habitante/hectare)	176,81	
Número de Domicílios	746	
Média de Moradores por Domicílio (habitante/domicílio)	3,2	
Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal dos Domicílios	R\$ 1.296,05	

Fonte: IBGE (2010)

A partir do quadro acima é possível observar que a maior parte dos residentes é composta por mulheres, entre 25 e 59 anos, da raça parda e a maioria da população vive com renda média domiciliar mensal inferior a dois salários mínimos.

É um bairro territorialmente pequeno, com poucas opções de lazer como praças e parques; possui um hospital público e um Centro Social para atividades esportivas, atendimentos sociais e serviços de saúde. Este bairro tem a presença marcante de uma ONG que promove ações culturais, dentre elas o Movimento Hip Hop¹².

4.4.2 A localidade de moradia rural

A jovem participante do meio rural é moradora da zona rural de uma cidade localizada no sertão pernambucano. Conforme dados do IBGE¹³ (2010), a cidade tem as seguintes características:

¹² Fonte: <http://agendaculturaldorecife.blogspot.com.br/2013/06/meu-bairro-moro-aqui.html>, acesso em Outubro de 2013.

¹³ Fonte: www.ibge.gov.br, acesso em Junho de 2013.

Quadro 2 – Caracterização da cidade de moradia rural

Área da unidade territorial	114,932 km ²
Estabelecimentos de Saúde SUS	5
Matrícula - Ensino fundamental – 2012	1.842
Matrícula - Ensino médio – 2012	491
Número de unidades locais	85
Pessoal ocupado total	567
População residente	11.768
População residente – Homens	5.812
População residente – Mulheres	5.956
População residente alfabetizada	8.162
População residente que frequentava creche ou escola	3.685
População residente, religião católica apostólica romana	10827
População residente, religião espírita	-
População residente, religião evangélicas	755
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Rural	758,44
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Urbana	1105,07
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - 2010 (IDHM 2010)	0,612

Fonte: IBGE (2010)

A partir desses dados é possível perceber que o contexto de moradia rural está localizado em uma cidade de pequeno porte que tem seus moradores divididos em domicílios da zona urbana e rural. Destaca-se a presença da religião católica entre a maioria da população, assim como o pequeno número de estabelecimentos de saúde para toda a cidade. É perceptível ainda a maior renda das famílias que vivem na zona urbana da cidade (renda mensal inferior a dois salários mínimos), em contrapartida, famílias da zona rural da mesma cidade vivem com pouco mais de um salário mínimo por mês.

Ainda segundo os dados do IBGE, a pirâmide etária populacional da cidade em pauta, tem maior concentração de pessoas na faixa de 20 a 24 anos, sendo sucedida pela faixa de 10 a 14 anos. Em termos de serviços de saúde, a cidade conta com 5 (cinco) estabelecimentos municipais, mas nenhum estadual, federal ou privado. Do ponto de vista da Educação, a cidade conta com 11 (onze) escolas com atividades pré-escolares, 12 (doze) com o Ensino Fundamental e 2 (duas) com o Ensino Médio.

A parte urbana da cidade está situada em planície, enquanto a área rural é demarcada por terrenos acidentados e montanhosos, o que dificulta o deslocamento das pessoas, contribuindo para o isolamento social de muitos moradores.¹⁴

Nas páginas seguintes, detalharemos em mais profundidade os contextos de vida das jovens sementes através das análises de suas histórias a partir do evento da gravidez.

¹⁴ Fonte: “Significados e práticas relacionadas à gravidez na adolescência em diferentes redes de convívio e apoio: um estudo comparativo entre as mesorregiões da região metropolitana do Recife e do Sertão (PE)”. Karla Galvão Adrião; Jaileila Araújo; Marion Teodósio de Quadros; Luis Felipe Rios; Rosineide Cordeiro; Fernanda Sardelich Nascimento; Laís Oliveira Rodrigues; Shirley Samico; Lílian Arcoverde; Laila Anine; Anna Cecília Cuentro; Cybelle Montenegro; Débora Cavalcanti; Ísis Coelho. Relatório final FACEPE, dez. 2012.

*“Quando eu soltar a minha voz
 Por favor, entenda
 Que palavra por palavra
 Eis aqui uma pessoa se entregando
 Coração na boca
 Peito aberto
 Vou sangrando
 São as lutas dessa nossa vida
 Que eu estou cantando.”
 Gonzaguinha.*

5 CAPÍTULO ANALÍTICO – ANÁLISES E DISCUSSÕES

Neste capítulo discutiremos sobre os pontos de análise desse trabalho da seguinte maneira: de início sobre a jovem do contexto urbano e sua rede de convívio e apoio indicada, a seguir sobre a jovem do contexto rural e sua rede indicada e, por fim, a aproximação entre essas duas histórias em convergências e/ou divergências.

5.1 Do contexto urbano

5.1.1 A semente

A semente escolhida como representante do contexto urbano será aqui chamada de Juno¹⁵. O contato com essa semente foi facilitado pelo fato da sua entrevistadora, Cybelle Montenegro, tê-la conhecido dois anos antes em pesquisa, sob orientação da Prof^a Dra Jaileila de Araújo, com participantes do Movimento Hip Hop em Recife.

À época da realização da sua entrevista, Juno tinha acabado de completar dezoito anos e estava no final da gravidez. Era sua primeira gestação e foi fruto de um relacionamento com Tiago, três anos mais velho.

Ela se define como sendo da cor/raça amarela e sem religião. É de uma família de seis irmãos, sendo ela e uma irmã um ano mais nova, filhas da sua mãe e do seu pai, e quatro irmãos mais novos, filhos apenas do seu pai.

Com relação à escolarização, Juno estava no terceiro ano do Ensino Médio quando engravidou e não trabalhava. Deixou a escola no início do ano letivo, assim que

¹⁵ Todos os nomes que aparecem nesta dissertação referentes às sementes e aos integrantes da rede de convívio e apoio são nomes fictícios, com o objetivo de resguardar os direitos de não identificação dos participantes da pesquisa, conforme acordo estabelecido no Termo de Consentimento.

descobriu que estava grávida. Tiago, seu companheiro, estava terminando um curso de nível superior e trabalhava na área.

Segundo relato de Juno, até o atual momento de sua vida, sua moradia variou entre a casa da sua mãe e a casa da sua avó materna, sendo nesta última onde passou os anos recentes. Com a descoberta da gravidez, Juno foi morar na casa da família do seu companheiro, com os pais e irmão mais novo deste.

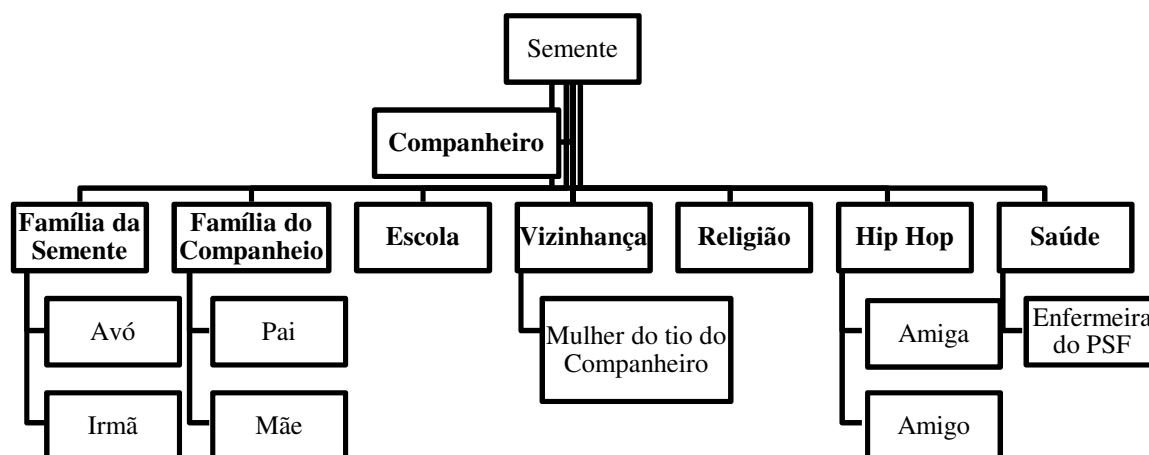
Pela sua história, Juno tinha uma vida com liberdade e boa circulação social pela cidade com sua rede de amigos. Ela usufruía das opções de lazer, gostava de ir à praia para surfar, acampar, saía com amigos para eventos culturais, dentre outros.

Juno e seu companheiro são moradores de um bairro de periferia da cidade de Recife e foram participantes do Movimento Hip Hop, foi através de amigos em comum ao Movimento que se conheceram.

5.1.2 A rede de convívio e apoio indicada

Diante da solicitação da entrevistadora para que a semente indicasse pessoas da sua convivência que poderiam ajudar na compreensão da sua trajetória de gravidez e maternidade, a rede de convívio e apoio para a semente Juno foi composta da seguinte maneira:

Quadro 3 – Descrição da Rede de Convívio e Apoio – Contexto Urbano



A partir dos eixos apontados pelo GRAVID como formadores da rede de apoio, neste contexto urbano foram notórias as ausências dos pais da semente e de representantes da escola e da religião.

5.1.3 As trajetórias afetivo-sexuais

Conforme disposto no objetivo geral dessa pesquisa, interessa-nos conhecer sobre as trajetórias afetivo-sexuais das sementes pesquisadas e de seus parceiros, dialogando com as questões de gênero. Nas próximas linhas, teremos, então, o início desse debate.

- **A trajetória afetivo-sexual da semente.**

Conforme anunciamos anteriormente, Juno tinha liberdade de circulação social e participava de diferentes momentos de lazer, o que também facilitava que a jovem tivesse novos relacionamentos sociais, expandindo suas relações de convívio e possibilidades de experiências da sexualidade.

Na história de vida de Juno, a trajetória afetivo-sexual foi iniciada com experiências de relacionamentos marcados pela informalidade e contingências do “se rolar, rolou”. Conforme diálogo abaixo:

Entrevistadora: E namoros? Antes.

Semente: Namoro, namoro?

Entrevistadora: É! Namoro. Antes da gravidez. ‘Tô’ falando dos momentos antes.

Semente: Era tipo, mais sem obrigação né? Se rolar rolou, depois se quiser ligar, liga, se não quiser não, tanto faz.

Mesmo com a pergunta orientada para a palavra “namoro”, a resposta de Juno descreveu relacionamentos baseados em encontros sem compromisso, característicos do “ficar” comumente presente na socialização entre jovens. Diferentemente do namoro, o “ficar” está baseado em relações informais, sem compromisso, é tido como momentos de experimentação, que envolvem interações afetivas, e para alguns, sexuais, podendo se transformar em relação de namoro (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Para Longhi (2007) a prática do “ficar” pode esconder valores tradicionais que classificam aquelas mulheres que ficam com vários garotos como “fáceis”, diferente daquelas consideradas “boas para casar”. Tal percepção nos faz pensar em certa contradição, visto que o “ficar” poderia ser uma forma das mulheres e dos homens romperem com as lógicas de gênero socialmente esperadas, que privilegiam as

experiências da sexualidade aos homens, e experimentarem relações mais igualitárias. Todavia, nessa perspectiva, as mulheres que ficam muito são consideradas fáceis e os homens como experientes, ou seja, legitimam a expectativa de estímulo ao exercício da sexualidade masculina e do controle das vivências da sexualidade das mulheres.

Quando solicitada para conversar sobre seus “amores”, Juno parece objetiva e foge aos ideais românticos, acrescentando a experiência do “morar com” na sua trajetória de vida.

Entrevistadora: E agora eu queria que tu contasse um pouquinho da tua vida amorosa, teus amores, contar um pouquinho do que tu lembrar.

Semente: Os meus amores passados? [Risos] Na verdade, na verdade, acho que eu não tive muitos amores não.

Entrevistadora: Não?

Semente: Não! Acho que eu nunca fui muito de... aquela menina abestalhada ‘ah meu Deus, eu tô apaixonada!’ [em tom irônico] Não! Acho que foi coisa mais tranqüila, né!? Até por que eu já morei com outra pessoa.

Entrevistadora: Tu já morou?

Semente: Sim! Eu morei com um menino antes de morar com Tiago.

Entrevistadora: Então, no caso, tu já foi casada?

Semente: Entre aspas né? Tinha um tipo de responsabilidade, cada um pagava... praticamente a gente dividia a casa, então não era nem ser casada. Mas acabar, quando acabou, acabou. Até porque não tinha a cobrança de nenhuma parte, era uma coisa mais tranqüila né? Sem responsabilidade.

Essa experiência do “morar com” parece ser tomada como um “dividir as contas”, que a semente inicialmente caracteriza como “um tipo de responsabilidade”, mas ao final do tema dá-nos a entender que a relação entre os dois era “sem responsabilidade”. Dá margem à compreensão da parceria que viabiliza a coabitação, sem a caracterização da relação de casamento. A duração dessa relação é pautada no tempo do “prazer”, até quando for viável e tranqüilo para ambas as partes.

É preciso considerar que através da experiência do “morar com” a semente Juno rompe com a lógica de gênero presente na sociedade que “vigia” a sexualidade feminina, incluindo a manutenção da virgindade. O “morar com” um parceiro possibilita as experiências de vivência da sexualidade, longe dos olhos de controle da família e vizinhança. Isso não significa dizer que Juno não teve outras experiências da sexualidade antes de “morar com” esse parceiro, a exemplo das experiências do “ficar”, mas esse fato torna-se distintivo pela possibilidade dessas vivências longe da tensão relacional com que Juno caracteriza seu universo familiar.

Em meio às lembranças da sua trajetória afetivo-sexual, Juno relata a experiência da sua primeira relação sexual:

Entrevistadora: E como é que foi essa experiência, da primeira vez.

Semente: Horrível! Pela fé! [Risos]

Entrevistadora: Por que?

Semente: Porque foi horrível, o bom é depois.

Entrevistadora: Mas por que foi ruim?

Semente: Porque é ruim. Sei lá! Como é tudo muito diferente, é ruim sabe? Não é uma coisa aproveitável.

Entrevistadora: Mas como? Eu não 'tô' entendendo. /Risos/ Por que é ruim? Tipo assim qual foi a situação que foi ruim? Por que, por exemplo, foi ruim? Porque pra muitas pessoas é ruim, mas pra outras é bom.

Semente: É porque é uma coisa muito invasiva da pessoa não conhece sua intimidade. E nunca teve essa intimidade.

Nesse trecho é possível perceber que Juno considerou sua primeira relação sexual como invasiva e deixa a entender ainda a falta de intimidade com seu próprio corpo. As descobertas possíveis através desse encontro lhe trouxeram sensações desagradáveis, mas que foram requalificadas com as experiências ao longo do tempo.

Quando perguntada sobre seus demais parceiros sexuais, Juno refere ter tido apenas um (o pai da sua filha), além daquele com quem morou, conforme relato abaixo:

Entrevistadora: Depois dessa primeira vez tu tivesse outros parceiros? 'Tô' dizendo sexuais. Não de namoros. Outros parceiros?

Semente: Não!

Entrevistadora: No caso só Tiago, né? O caso atualmente. E como é que foi com Tiago?

Semente: Aí foi melhor, foi mais tranquilo, porque eu já tinha uma certa, querendo ou não eu já tinha uma certa experiência, sabia como é, foi mais tranquilo. No caso, foi até melhor.

Nesse mesmo trecho é possível perceber que a semente destaca que com o seu segundo parceiro, já se sentiu mais experiente, o que possibilitou a vivência da relação sexual com mais tranquilidade.

Na literatura que serviu de base desse trabalho, Quadros (2007) destaca como fruto da sua pesquisa realizada com grupo de jovens de camadas populares também na cidade de Recife, cujo objetivo versava sobre os significados, valores e crenças relacionados à contracepção, que a experiência sexual interfere na forma como os jovens negociam o uso dos métodos contraceptivos. Dessa forma, como em nossa sociedade os homens são mais experientes sexualmente, poderíamos esperar que a responsabilidade com a contracepção fosse considerada uma questão masculina, ou do casal. Todavia, o que se observa é que as expectativas de cuidados recaem bem mais sobre as mulheres, um

exemplo disso é que quando engravidam são responsabilizadas por não terem se prevenido.

Sobre as estratégias de prevenção em suas relações sexuais, Juno descreve:

Entrevistadora: Nessas experiências que tu fala, tanto desse teu primeiro namorado e com Tiago, tu usava algum método de prevenção?

Semente: Eu usava injeção do primeiro, e de Tiago a gente usava camisinha, quando dava ou quando lembrava.

Entrevistadora: Mas fora... Aí tu se prevenia, tu tomava essa injeção pra se prevenir de quê?

Semente: Pra não ficar grávida.

Entrevistadora: Tinha tipo, tu se prevenia para não ficar grávida, mas 'tu se preocupava' com DST's essas coisas?

Semente: Não!

Nesse relato, Juno aponta irregularidades no uso de métodos contraceptivos e maior preocupação com a gravidez, tal como identificado no estudo acima mencionado de Quadros (2007, p. 92):

As falas dos rapazes e das moças evidenciam que a prática contraceptiva não é um caminho tão fácil quanto parece à primeira vista: é preciso lidar com medos e desconfortos, com hábitos e disponibilidade do método, com constantes decisões acerca do que é possível e do que é desejado a cada momento. Em geral, a vivência dos jovens em relação à contracepção está repleta de insatisfações com as sensações que o uso de métodos provoca. Os métodos são considerados necessários, mas o desconforto que causam atua no sentido do abandono e da irregularidade no uso.

Esse trecho referenciado traz importantes aspectos envolvidos nos (des) usos dos métodos contraceptivos, a partir deles podemos refletir:

a) “Lidar com medos e desconfortos” – Não apenas relacionado aos aspectos físicos que o uso dos métodos pode provocar, mas também aos medos e desconfortos morais, baseados na idéia da transgressão, visto que a prática sexual ainda é rechaçada para aqueles não adultos, especialmente as mulheres;

b) “Hábitos e disponibilidade dos métodos” – Apesar da conquista dos direitos sexuais e reprodutivos, inclusive para a população jovem, não é bem o que se observa na prática de instituições de educação e saúde onde esse assunto é silenciado. É comum a vivência de constrangimento por parte de jovens mulheres quando querem ter acesso ou tirar dúvidas sobre os métodos contraceptivos em sala de aula e/ou postos de saúde (QUADROS; ADRIÃO; XAVIER, 2011).

c) “Decisões acerca do que é possível e desejado a cada momento” – O critério de escolha sobre sua vida, tal como prevê as discussões sobre os direitos reprodutivos, é

enfraquecida pelos discursos de controle existentes na lógica de planejamento familiar voltada, sobretudo, para as populações pobres.

Esses são aspectos que possivelmente fizeram parte da história de vivências da sexualidade de Juno, assim como de outras jovens mulheres em contextos de vida fortemente marcados pela lógica da vigilância e controle da sexualidade das jovens mulheres.

Sobre as possíveis limitações impostas pela família às experiências afetivo-sexuais, Juno disse não ter recebido proibições por parte da sua mãe, nem da sua avó. Pelo seu relato, é possível perceber um tom de advertência, através da expressão “cuidado” dirigida pela avó de Juno preocupada para que a neta não engravidasse.

Entrevistadora: Em relação a tua vida amorosa ainda, a tua família, a família de origem, ela proibia alguma coisa?

Semente: Em relação ao o quê?

Entrevistadora: A tua vida amorosa.

Semente: Não! (ficou pouco segura) Acho que eu não ‘to’ entendendo, proibia como? De dormir na casa de alguém?

Entrevistadora: Tipo... É também! Tipo tu via alguma proibição nessa questão da vida amorosa, em qualquer sentido.

Semente: Não! Minha avó falava muito pra eu não engravidar, ‘cuidado’ e não sei o quê, só isso! Mas proibição, proibição não!

Entrevistadora: Eles controlavam alguma coisa? Tinha coisa que teu irmão podia fazer que tu não podia? Existia isso?

Semente: Não!(pausa) Até por que meus irmãos nunca morou, nunca nem conviveu comigo, nunca nem fui próxima do meu pai.

A esse respeito, Scott (2007, p. 34) nos ajuda a perceber o que Juno vivencia em sua realidade familiar como sendo característico de grandes centros urbanos, a exemplo da cidade do Recife:

(...) O controle das famílias sobre alguma atividade produtiva é muito mais esporádico na cidade, com os pais freqüentemente trabalhando para os outros, ou mesmo, à procura de trabalho. A densidade populacional característica de áreas urbanas, e as oportunidades de aprendizado e envolvimento em atividades além daquelas limitadas às casas, dificultam a imposição de uma moral familiar tão restritiva à mobilidade feminina.

O estilo de vida urbano que Juno vivenciava através das oportunidades de lazer e participação em movimentos sociais também dificultava o controle por parte da sua avó. Sua vida não era resumida à escola e à casa, assim como suas relações sociais não eram limitadas ao universo familiar e da vizinhança. Possivelmente, o distanciamento dos seus pais também ajudou para que Juno usufrísse dessa liberdade de circulação.

- **A trajetória afetivo-sexual do parceiro.**

Durante as entrevistas do parceiro e seus familiares que fizeram parte da rede de convívio e apoio de Juno, esse ponto sobre a trajetória afetivo-sexual de Tiago não foi tocado em profundidade. Nas linhas a seguir, refletimos sobre aspectos que ele deixou revelar e que são condizentes com o estilo de vida de jovens homens em contextos populares urbanos.

Para Tiago, as vivências afetivo-sexuais eram compatíveis com a sua moradia familiar. Ele podia levar suas namoradas para dormir na sua casa, a mesma casa dos seus avós, como percebemos no relato abaixo:

Entrevistadora: Como era a época que vocês namoravam? Ela vinha pra cá? Porque você falou aí da sua avó que rolava meio que uma proteção...

Companheiro da Semente: Um ciúme dela, mas, assim, eu sempre trouxe minhas namoradas pra dormir em casa, nunca teve esse problema, passou a ter esse problema depois do falecimento do meu avô, que eu fiquei como um ícone dela, 'tá ligado' ?!

É possível perceber que Tiago tem suas experiências afetivo-sexuais incentivadas pela própria família que facilita a permanência de suas namoradas em sua casa. Tal fato condiz com os resultados de estudos que apontam para como os jovens homens nos centros urbanos tem a facilidade de vivências da sexualidade, incentivados por familiares e amigos (QUADROS, 2007; RIOS, 2008; SCOTT, 2007).

Para Brandão (2004), o consentimento familiar para os namorados ou namoradas dormirem na casa dos familiares dos parceiros ou parceiras, está baseado no tipo de relacionamento afetivo existente entre o casal, sejam os filhos homens ou mulheres, assim como nas características da própria família. Para a autora, não se trata de uma liberação incondicional, mesmo quando são filhos homens. No caso em pauta, Tiago usou a expressão “namoradas”, o que dá a entender que foram relacionamentos sérios e estáveis.

Pela história de vida de Tiago, possível de compreender a partir das leituras da sua entrevista, assim como de membros da rede de convívio e apoio, é perceptível que ele costumava também levar os amigos para casa dos seus avós. Esse pode ser entendido como mais um exemplo de como Tiago mantinha relações sociais com liberdade, inclusive a aproximação dessas ao universo familiar.

5.1.4 Os posicionamentos da rede de convívio e apoio frente à gravidez

Neste ponto discutiremos como as pessoas indicadas por Juno como relevantes para seu momento da gravidez, integrantes da sua rede de convívio e apoio, reagiram e que atitudes tomaram diante desse evento na vida da jovem.

De início esclarecemos que, de maneira geral, os integrantes da rede de convívio e apoio de Juno foram pegos de surpresa com a notícia da gravidez, principalmente devido à idade de Juno (dezessete anos), ao pouco tempo de relacionamento do casal (em torno de cinco meses) e ao momento de vida de Juno (sem independência financeira).

Entretanto, após o nascimento da criança, visto que algumas entrevistas aconteceram quando a filha de Juno estava recém nascida, os membros da rede de convívio e apoio consideraram a gravidez com repercussões positivas na vida da jovem mãe. Os relatos expressam que através da maternidade Juno tomou mais responsabilidade com a vida e tem feito seus projetos de futuro.

Convém salientar que após a descoberta da gravidez, Juno se distanciou da sua família de origem e recebeu apoio por parte da família do seu companheiro, inclusive a moradia. Os pais de Juno já estavam ausentes da sua vida antes da gravidez e assim continuaram depois.

A seguir mostraremos os posicionamentos quanto à gravidez de Juno por parte do seu companheiro, avó, irmã, sogro, sogra, amiga, amigo, da mulher do tio do companheiro (representante da vizinhança) e da profissional de saúde.

Pelos relatos do companheiro de Juno, é possível compreender que a gravidez da namorada foi algo inesperado para seu momento de vida, mas diante da novidade ele teve posicionamentos de apoio e afeto a Juno.

No trecho abaixo Tiago expõe que diante do uso descontínuo dos métodos de prevenção que mantinha durante as relações sexuais com Juno, a gravidez foi vista como possível de ter acontecido. Ele incentivou para que a namorada fizesse o teste e com a notícia de que deu positivo, ficou “nervoso”, mas logo estabeleceu estratégias pessoais para lidar com o assunto diante da sua família e para assumir a paternidade.

Entrevistadora: Você falou aí que foi um descuido, vocês usavam algum método pra se prevenir, como era?

Companheiro da Semente: Então, a gente usava, a gente usava, ela tomava anticoncepcional, e tal, e sempre camisinha, preservativo, mas aí...

Entrevistadora: Usava preservativo e anticoncepcional?

Companheiro da Semente: Aí coincidiu de uma vez eu não usar preservativo e ela tinha errado uma semana antes a dosagem da pílula, passou um tempo sem tomar, aí pronto! Aí ficou nessa: Tava? Não tava? Fazer o teste, não fazer o teste. Aí deu um tempo, aí quer saber: 'Faça o teste! Me ligue e a gente vai resolver isso' Aí pronto! /pausa/Antes de ela fazer o teste eu já sabia que ela tava grávida. Assim, ela também sabia que ela tava grávida. Ela tinha sonhado e tudo mais, e já rolava um lance diferente na gente, 'tá ligado'?! Ela já tava, eu já tava sentindo ela diferente, ela já tava me sentindo diferente.

Entrevistadora: Mas diferente assim em que sentido 'cê' fala?

Companheiro da Semente: Diferente até a forma de respirar [Risos] ela tava diferente [Risos].

Entrevistadora: Hum... Mas você falou que você também tava diferente.

Companheiro da Semente: É eu 'tava' meio ansioso, sentindo um carinho maior por ela...

Entrevistadora: E como é que foi? Você falou que ela foi fazer o teste, que foi...

Companheiro da Semente: Pronto! Eu não cheguei a ir por que eu tava trabalhando, a ir fazer o teste com ela, ela fez o teste, me ligou antes e depois. Eu tava no trabalho nesse dia, eu fiquei tão nervoso. (...) Aí fui embora pra casa. Aí passei um tempo pra 'fazer a cama', né! Falar com todo mundo que foi um baque, né! Mas eu disse: 'Não velho, eu fiz. Eu vou assumir! Tá feito! É simples! Você vai sair de casa!' e não sei o quê. Tanto faz 'pô', tanto sair de casa, estando em casa, eu vou ter que assumir, vou ter que ter essa responsabilidade um dia.

A reação de apoio e afeto por parte de Tiago diante da gravidez de Juno foi acompanhada de preocupações sobre o cuidado com a filha. Esse cuidado envolvia, principalmente, a questão financeira, de como iria sustentá-la, tal como ele explicita no trecho a seguir:

Entrevistadora: Quando soube aí, você falou, você ficou tão nervoso... Mas qual foi a primeira coisa que passou por tua cabeça?

Companheiro da Semente: Dinheiro! O fato do, do capital, de como eu ia manter, como eu queria manter minha filha, o nível de estudo, de coisas que ela poderia fazer com dinheiro, até onde eu estaria disponível pra oferecer o melhor pra ela, 'tá ligado'? Foi a primeira coisa que me veio assim. O que é que eu vou fazer com o dinheiro que eu ganho, pra criar ela?

A preocupação de Tiago com o sustento da filha condiz com a lógica social de gênero que reforça a responsabilidade dos homens com a manutenção financeira da família, a partir de então, no caso de Tiago, com a filha e a companheira. Esse aspecto é acrescentado por Scott (2007) com o entendimento de que a responsabilidade do homem após o nascimento do filho passa a ser de provedor múltiplo, visto que também estão envolvidas as questões de segurança e social. O "homem da família" é responsável por proteger mulher e filhos, e fornece-lhes condições de sobrevivência.

No discurso da avó da semente, inicialmente aparece a preocupação com o ocorrido, através da expressão “entreguei nas mãos de Deus”, mas prepondera a alegria com a novidade, conforme relato abaixo:

Entrevistadora: E como foi saber que ela tava grávida? Como você se sentiu? Qual a primeira coisa que lhe veio à cabeça?

Avó da Semente: Eu fiquei entregando nas mãos de Deus, mas eu fiquei feliz.

Entrevistadora: Foi?

Avó da Semente: Foi! Qualquer maneira era um ser vivente que a gente ia conhecer né?! Desde o começo da gravidez dela, ela fazendo o tratamento, tudo. Quando eu vi o coraçãozinho bater ali, eu fiquei louquinha, foi! E desde o tamanho de nada que eu fiquei ansiosa pra ver o crescimento e ver nascer.

Em outro trecho da entrevista, a avó que se considera também mãe de Juno por ter ajudado em sua criação, e pelo fato da neta ter morado muito tempo com ela, continua com um posicionamento de acolhimento e reflete sobre a importância da gravidez na vida da neta:

Entrevistadora: Como é que era a vida dela antes da gravidez e como é depois? O que foi que mudou?

Avó da Semente: Ah mudou muito. Pelo que eu acho, eu acho que essa menina, essa filha que Deus deu a ela foi a melhor coisa na vida dela, a melhor coisa, por que ela mudou muito. Ela botou muito a cabeça no lugar depois que ela engravidou. Aí então, ninguém da família foi contra quando ela engravidou, ninguém. Nem eu nem a mãe dela, ninguém. É realmente por que ela ‘tava’ com um menino que parecia, pelas as aparências, a gente olhava assim, ele era um homem, né?! E que era um homem de cabeça no lugar. Aí então não tinha nem por que a gente se aperrear, nem se preocupar, por que se fosse com um vagabundo qualquer, a única coisa que podia acontecer era ela tá dentro de casa agora, né?! Por que os homens de hoje a maioria é assim, né?

A percepção para a avó da semente de Tiago como um “homem de cabeça no lugar” pode ser compreendida pelas suas características de estudar e trabalhar, o que demonstrava responsabilidade. O fato de ele ter assumido a paternidade contribuiu significativamente para a valoração positiva da gravidez, visto que caso isso não acontecesse, a avó de Juno precisaria arcar com as despesas de sustento da neta e sua filha.

Scott (2007) acrescenta que o fato do rapaz assumir a paternidade, a formação do novo casal e da nova família, com a chegada do filho não planejado, pode significar a gravidez de modo menos traumático. Para o autor, isso confirma a seriedade das intenções de namoro e de serem participantes da comunidade através da formação de uma nova família.

A irmã da semente, dois anos mais velha, lembra que não foi tranqüilo receber a notícia de que Juno estava grávida, mas depois também viu de maneira positiva o que aconteceu.

Entrevistadora: E tu... O que foi que passou por tua cabeça?

Irmã da Semente: Medo.

Entrevistadora: Medo? De quê?

Irmã da Semente: Pelo fato da criação da gente com minha avó, ela sempre foi aquela coisa, aquela linha técnica, sabe? Aquela linha reta, e tipo como Juno morava aqui em casa eu fiquei com medo do futuro dela, era uma coisa meio que incerta, sabe?! Por que tipo ela aqui, Tiago na casa dele, aí ficou aquela coisa meio que incerta, eu fiquei com medo da reação da minha avó, da minha mãe e querendo ou não se tratava de outra vida, né?! A responsabilidade que eu não pensaria que ela iria ter no futuro (...).

Entrevistadora: Tu percebesse alguma mudança em Juno depois da gravidez?

Irmã da Semente: Percebi. Ela assim tá mais compreensiva com as coisas, ela tá mais... Ela planeja mais as coisas, sabe? Ela tem mais responsabilidade, não que ela não tinha, mas a responsabilidade agora mudou é uma coisa diferente, ela não pensa só nela, ela pensa na filha e no marido, mudou sim o comportamento, a forma de tratamento, o afeto que ela tinha por mim mudou bastante.

No relato da irmã de Juno também é possível perceber a preocupação de ordem prática: como viveriam na casa da avó com mais uma pessoa. Essa preocupação também traz consigo o fator econômico dada a situação de dependência financeira vivida por Juno naquele momento. A nova moradia de Juno com a família de Tiago aliviou essa preocupação e contribuiu para que essa gravidez fosse valorizada positivamente.

Para os pais de Tiago, que acolheram Juno gestante em sua casa, a gravidez foi tida como inesperada pelo fato de sempre terem orientado o filho quanto à prevenção, assim como devido ao momento em que ele estava de aperfeiçoamento profissional.

Entrevistadora: Como é que foi a notícia da gravidez?

Sogra da Semente: A notícia pra mim foi um choque, eu esperava ele mais preparado, assim com mais responsabilidade de não engravidar, e a gente tava no auge da formatura dele, cheios de planos pra se preparar pra ver se ele viajava, pra fazer especialização dele, 'tudininho'.

(...) Mas depois que ele disse, depois do choque né?! A gente sacode, bate a poeira e ajuda a dar a volta por cima com ele, por que na verdade, foi nós quatro, eu, você (referindo-se ao marido), ele e ela. Que a gente não pode contar com ninguém da família dela, ninguém ligou, ninguém sabia, eu jamais abandonaria nenhum filho meu, quanto mais uma filha, sem saber, ninguém sabe quem somos nós, eles não sabem ainda que a mãe dela veio num dia e foi embora no outro, na casa dela e nem desceu pra conversar com a gente.

Diferentemente da família de Juno, a família de Tiago tinha projetos explícitos para a sua vida, com fortes marcas do ideal de ascensão social via escolarização. Dessa maneira, a gravidez da sua namorada foi um choque por tirá-lo do foco de conquista desses projetos pessoais e familiares.

Nesse último trecho é possível ainda perceber que para a sogra, opinião também corroborada pelo seu marido ao longo da entrevista, a família de origem de Juno foi pouco atenciosa nesse momento em a que a filha esteve grávida. Segundo relato, a mãe fez uma breve visita e o pai até aquele momento ainda não tinha entrado em contato.

É relevante considerar que essa realidade de distanciamento das figuras paternas já estava presente na vida de Juno, mesmo antes da gravidez. Durante as entrevistas, encontramos trechos que realçam a importância da avó durante muitos momentos da vida de Juno. Esses fatores podem ajudar a entender a ausência dessas figuras na rede de convívio e apoio desenhada por Juno. Esta é uma questão de forte distinção: as concepções e valores das famílias de Tiago e Juno. Ela participa de um contexto de família extensa e não nuclear, o que causa estranhamento por parte da mãe de Tiago.

Os pais de Tiago demonstram claramente a preocupação com os estudos do filho e, a partir de então, também com os de Juno. Resignificam a gravidez inesperada ao perceber o comprometimento de Juno com os cuidados da sua filha e com projetos futuros que incluem voltar a estudar, conforme identificamos abaixo:

Entrevistadora: Vocês falaram aí, então algumas coisas se mantêm né?! Se mantém a reserva em relação à família, mas mudou alguma coisa agora? O quê que mudou?

Sogra da Semente: Assim... Eu vejo, 'to' vendo ela com pensamento muito pro futuro, ela quer voltar a estudar, a gente já foi atrás da transferência dela, ela hoje já foi fazer a pré-matrícula, ela 'tá' pensando muito no amanhã, no amanhã: 'Eu não posso fazer isso por que eu tenho planos pra fazer isso, comprar isso, pra ter uma casa melhor, pra sair daqui pra ir pra outro lugar melhor!' ou seja, ela começou a pensar como mãe.

É importante destacar que aquilo que é valorizado como mudança positiva pela rede de convívio e apoio até aqui anunciada diz respeito às expectativas sociais para as mulheres mães: o cuidado com os filhos e os afazeres domésticos. Pensar no futuro para oferecer melhores condições aos seus filhos, tal como identificado na fala acima, é um exemplo de um comportamento socialmente esperado para as mães.

Outro ponto apontado positivamente pelos representantes até aqui destacados é que Juno tem demonstrado mais responsabilidade após o nascimento da filha. Scott

(2007) lembra que essa noção de responsabilidade quem diz é a comunidade, as pessoas com quem a nova mãe convive. Ele ainda acrescenta que ao se tornarem mães, a responsabilidade das jovens é deslocada do fator idade, visto que assumem a casa, filhos e marido, a atribuição de ser “responsável” vai depender da entrega da jovem mulher a esses cuidados.

Tal como aconteceu com Juno, Longhi (2007) identificou em outro bairro da periferia de Recife que o acolhimento da jovem grávida ocorreu tanto por parte da família da jovem, quanto da família do rapaz, dessa maneira a família não foi elemento de coerção social.

A amiga indicada, pertencente ao Movimento Hip Hop, trouxe novas e importantes contribuições ao considerar que Juno conversava com ela sobre o desejo de ser mãe (o que não apareceu em nenhuma outra entrevista) e o fato de que a gravidez a isolou de sua vida social, através do distanciamento da escola e dos amigos.

Entrevistadora: E tu achou o quê dessa gravidez?

Amiga da Semente: Ai, meu deus! Achei massa depois que eu vi que ela achou massa, tá ligada? Que ela queria mesmo, tal, que era um lance que ela queria, que ela sempre disse que queria, queria. Mas, eu achei muito precoce, muito, demais, nem só por ela ser tão nova e ele ser também tão novo, pelo tempo, pelo pouco tempo que eles tavam juntos, não se conheciam! Dois meses a pessoa que nunca viu na vida se relacionar e já engravidar. E já fiquei naquela: ‘Ela vai sair da escola!’ Foi a primeira coisa que eu pensei, tá ligado? Que ela ia sair, que já era difícil ela ir e tal, ai foi mais ou menos isso, foi isso que aconteceu, né? Ela parou de fazer uma porção de coisas, mas era um lance que ela queria, aí a gente ficou naquela, quando ela disse, mas quando eu voltei né?! Falei com ela e tal: ‘Massa vê aí o que você quer que a gente ta aqui pra ver qual é a de menos!’.

Apesar do estranhamento inicial ao evento da gravidez, essa amiga também demonstra a postura de acolhimento ao novo momento de Juno ao perceber, e lembrar, que ela desejava a maternidade.

Sobre esse projeto da maternidade, mesmo que apenas apresentado por essa amiga, o que também nos faz pensar que essa relação de amizade talvez tenha possibilitado que Juno revelasse essa vontade, é lembrado por Paim (1998) ao considerar que a construção social da identidade feminina é entrelaçada com a maternidade.

É importante ainda destacar dessa fala da amiga de Juno a sua compreensão de precocidade não apenas pela questão da idade, mas também do ponto de vista relacional. O precoce quanto à idade pode ser baseado na concepção de que as jovens nesse momento da vida deveriam aproveitar as oportunidades de crescimento profissional e de

lazer, dentre outros. Enquanto o sentido relacional pode ser entendido como a expectativa de que a gravidez ocorresse em contexto de maior conhecimento e familiaridade entre o casal.

Esse trecho da entrevista acima identificado ainda confirma o frágil vínculo de Juno com a escola, o que foi agravado com a gravidez através da desistência de continuar os estudos. Possivelmente, a amiga de Juno traz em seu relato as interferências da valorização da independência e autonomia da mulher através da escolarização, característica marcante do posicionamento político de jovens mulheres no Movimento Hip Hop.

Juno indicou ainda do Movimento Hip Hop um amigo que exerce a função de educador no Movimento e que também percebe, assim como a amiga anterior, as perdas oriundas da gravidez, pelo fato dessa não ter ocorrido no dito “momento ideal”.

Entrevistadora: Como foi pra tu descobrir que ela tava grávida?

Amigo da Semente: Então! Por uma parte é legal por que filho sempre renova, tal, mas por outra parte eu achei assim por que num tava na fase dela, ela tava bem instigada, filho quando vem realmente atrapalha muito, ‘pô’ (...) Até por que a galera não trabalha, estrutura familiar, eu pensei muito nessa parte. Foi legal que um filho tá vindo é uma nova energia, acho que filho é uma nova energia, mas na outra parte é de estrutura mesmo, de grana, tal. Tiago estudando ainda, correndo atrás aí, que eu fiquei sabendo que ela tava estudando, aí eu fiquei meio assim, troquei uma idéia, também ela tava meio morgada, os pais não sabiam, a avó, aquela onda, e o trauma que tem família que não aceita, sabe como é a sociedade. Nossos pais que vieram de outra época, não tá na época da gente. Falei muito: ‘Se cuida pô!’ ‘Se prevenir, se ligar, não ficar vacilando!’, ‘Se ligar não ficar vacilando’. Por que principalmente é mal pô, tá numa instiga massa podendo tá... Era uma das meninas que ia pro Festival Internacional de Fotografia - Paraty Foco, a gente tava focando muito isso nela, ela não foi por que tava grávida, então ela não participou em ir pra esse festival, que a gente leva, então atrapalhou assim em parte nessas coisas, você perde que é normal. Hoje em dia a gente pensa em ter filho mais na frente e tal.

A opinião de que Juno não estava na fase de engravidar, corrobora com o que foi constatado por Scott (2001) de que quando as jovens engravidam parecem ferir uma ordem social que diz o “momento ideal” para casar e ter filhos. A partir do relato desse amigo é possível perceber que esse “momento ideal” seria quando Juno tivesse trabalhando, em situação de independência financeira, e quando o casal estivesse estabelecido o suficiente para formar uma “estrutura familiar” adequada ao nascimento de uma criança.

Ele ainda significa a gravidez de Juno com impacto negativo nos seus projetos em desenvolvimento, a exemplo do curso de Fotografia, e ainda deixa o recado de “perda de oportunidades” (HEILBORN et al., 2002; PANTOJA, 2003) ao valorizar que nos dias de hoje as jovens deixam para ter filhos mais tarde

Enquanto educador do Movimento Hip Hop, sua fala também pode ser representativa de como o próprio Movimento lida com as escolhas sexuais das jovens. Casamento e filhos são projetos que isolam a jovem do Movimento, tal como identificado por Costa e Menezes (2007).

Como uma pessoa da vizinhança, Juno indicou para sua rede de convívio e apoio a esposa de um tio de Tiago que morava nas proximidades. Essa “tia” de Tiago também engravidou inesperadamente aos dezesseis anos o que, possivelmente, a aproximou do universo de Juno, tornando-se uma pessoa com quem podia contar para tirar dúvidas sobre a gravidez e sobre os cuidados básicos com o bebê. Como já tinha passado por situação semelhante, para essa pessoa a gravidez de Juno foi algo tranquilo. Abaixo o seu comentário:

Entrevistadora: Vocês compartilham muitas coisas?

Pessoa da Vizinhança: É! Ajudo muito ela. Ajudei bastante ela no resguardo também. Dei uma força a ela. Tudo o que ela precisa ela me chama. Tô sempre dando uma força. Como ela é o primeiro filho né?!

Entrevistadora: E como foi que você recebeu a notícia?

Pessoa da Vizinhança: Bem! Eu digo: ‘Mais um pra família!’ E a família não pára de crescer.

Assim como os familiares de Juno e Tiago, ela também percebe de maneira positiva as mudanças na vida de Juno e enaltece suas funções de mãe, como podemos perceber abaixo:

Entrevistadora: Como é que você acha que ‘tá’ a vida dela, hoje assim, depois da gravidez, depois de ter parido, porque agora é uma nova situação, né?!

Pessoa da Vizinhança: É! Rapaz, eu acho que agora ‘tá’ mais madura né?! Tem uma casa pra cuidar, uma filha, acho que ela tá melhorando.

Esse último trecho enriquece a visão de que Juno depois da gravidez tem sua existência referenciada pelos afazeres da esfera privada e adquire a característica de “madura” por estar desempenhando bem essa função, em conformidade com o apresentado anteriormente (SCOTT, 2007; TONELI, 2004; HEILBORN et al. 2002).

Como representante do contexto “saúde”, Juno indicou a enfermeira do posto de saúde do seu bairro, onde fez o pré natal durante a gravidez. Convém salientar que ao

longo do relato de Juno é possível perceber que o acesso a esse posto só ocorreu durante a gestação.

O exemplo de Juno que só se aproxima do posto de saúde com a descoberta gravidez, condiz com o que foi identificado por Quadros, Adrião e Xavier (2011) sobre o distanciamento das jovens dos serviços de saúde. Para essas pesquisadoras, esse distanciamento reforça a compreensão de que as jovens mulheres são invisibilizadas por esses serviços até o nascimento do primeiro filho, quando são reconhecidas como sexualmente ativas.

Essa profissional tem dez anos de experiência em Saúde Coletiva, inclusive com Pós Graduação na área. Possivelmente devido a essa formação, a enfermeira é a única integrante da rede de convívio e apoio de Juno que toca na questão da gravidez como um direito. Abaixo podemos perceber o trecho em que ela relata a mudança de concepção em si mesma, assim como conversa sobre o seu dia a dia de trabalho.

Entrevistadora: E aqui perto tem muita jovem que engravida?

Profissional de Saúde: Tem. Hoje eu tenho seis micro áreas, então eu deveria

ter seis agentes de saúde, só que uma ‘tá’ afastada por ela não ter mais condições de exercer o cargo, ela teve que mudar de função, hoje ‘tá’ como auxiliar administrativo e a outra ‘tá’ aposentada, então das quatro micro áreas que eu acompanho, que eu tenho realmente o número de gestantes, eu tenho dez... dezoito gestantes, seis menores de vinte anos, menores de vinte anos, dessas eu tenho uma de 14 anos, uma de 15 /pausa/ de 16 /pausa/ aí eu vejo muito assim a gente não pode... Eu tinha muito, assim, essa questão de gravidez na adolescência como uma coisa muito aterrorizante eu dizia /pausa/ eu dizia assim: ‘Meu deus!’ Que era uma gravidez indesejada, a primeira coisa que eu pensava, só que depois eu fui refletindo com relação a isso, e eu via que adolescente também tem o direito de querer engravidar. Porque aquela adolescente tá grávida não quer dizer que é uma gravidez indesejada, ela pode ter desejado, ter planejado junto com o seu parceiro, como eu tenho uma. Eu acho que ela tem dezesseis anos e ele dezessete. E eles planejaram, e eles não perderam assim... não deixaram de lado os sonhos que eles têm, que é terminar os estudos, fazer uma faculdade, terminar o terceiro grau, fazer uma pós, entendeu? Dá educação ‘pro’ filho, então foi um desejo deles, a gente não pode cortar, vetar, é um desejo do adolescente, e eles disseram: ‘A gente queria esse filho!’ e são assim super unidos, ele participa de todas as consultas pré-natal, ela já tá com 38 ou 39 semanas perto de parir já, e assim, a gente tem conversado muito sobre parto normal, que ela quer ter parto normal, ele dá um super apoio, é um super companheiro pelo o quê eu observo na consulta, quando eu vou examinar a mama dela, ele tira o sutiã dela, ele abotoa depois. Ele se preocupa com a alimentação dela, aí por que dizer que é uma gravidez indesejada? Não é? Então eu tenho pensado muito nisso, então eu tenho visto que o quê eu pensava antes, o que eu tinha como certo, não tá... Não é certo.

Essa foi a única pessoa que tocou na possível compreensão da gravidez adolescente/jovem como uma escolha, um desejo. Apesar de não explicitar diretamente, o discurso dessa profissional é condizente com a perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos voltados para a população jovem. Ela mesma esclarece que não pensou sempre assim, seus anos de prática, atrelados ao importante aspecto da formação profissional continuada fez diferença para que ela pudesse enxergar a sua demanda de trabalho de maneira diferente, sob a ótica dos direitos.

Ela, apesar de não fazer referência direta à história de Juno, reconhece que em mulheres dessa faixa etária, em contexto sócio-econômico condizente ao de Juno, visto que é o público de atendimento desse mesmo posto de saúde, há casos em que a gravidez não foi apenas desejada (a exemplo de Juno) como também planejada.

Sem dúvida, essa profissional pode fazer diferença em um contexto de vida ainda fortemente marcado pelas desigualdades de gênero e geracionais, que não valoriza a autonomia da escolha da vida reprodutiva das jovens mulheres. Esse estabelecimento de saúde, com profissionais desse entendimento, pode ser mais atrativo para que as jovens estabeleçam uma relação de confiança e possam usufruir dos seus direitos de acesso a esse tipo de serviço com mais autonomia e a qualquer momento, não apenas durante a gravidez.

Em suma, diante desses relatos das pessoas que de alguma forma ajudaram Juno durante o processo da gravidez, é possível perceber a presença do discurso de precocidade, ausente apenas nas entrevistas da pessoa da vizinhança e da profissional de saúde.

Dizer que “é precoce” reitera a lógica desenvolvimentista com que é entendida a própria adolescência e, como já discutido anteriormente, legitima a compreensão igualitária e universalista desvalorizando as diferenças de vida, sócio-econômicas e de gênero.

É possível que, conforme relatos da rede de convívio e apoio, Juno tenha vivenciado o que as autoras Castro, Abramovay e Silva (2004) chamaram de ambiguidade. Essa ambiguidade ocorre para o jovem quando é sexualmente ativo ainda em situações de vida em que as dependências financeiras e familiares estão presentes.

Assim como foi comum a opinião de que Juno se tornou uma pessoa mais responsável, a postura de acolhimento, após o “susto” da notícia inesperada da gravidez, também apareceu em todos os relatos.

5.1.5 Os projetos de vida após a gravidez

A respeito dos seus projetos para o futuro, Juno demonstra que deseja voltar a estudar, fato que é bastante incentivado pela família do seu companheiro e ainda pensa em trabalhar, mas já se preocupa com os cuidados da filha, quando isso vier a acontecer.

Os integrantes de sua rede foram unânimes em considerar a importância de que Juno retome os estudos para posterior conquista no mercado de trabalho. Muitos também incentivaram que ela voltasse aos cursos de Fotografia que se dedicava antes da gravidez. É possível perceber no relato abaixo:

Entrevistadora: Como é que tu te imagina daqui a alguns anos?

Semente: Alguns anos?

Entrevistadora: É!

Semente: Acho que vou tá fazendo faculdade, não tá trabalhando [Risos] eu não quero trabalhar não!

Entrevistadora: Mas quer fazer faculdade?

Semente: É! Pelo menos agora não! Quero trabalhar quando ela tiver com uns quatro, cinco anos, que eu acho que vou ser muito coruja, acho que eu não vou ter coragem de deixar ela numa creche ou ter que deixar com alguém que eu não conheço, eu quero tá só estudando. Eu pretendo tá estudando.

Entrevistadora: E tu tá fazendo o quê agora pra que isso se concretize?

Semente: Nada! Porque eu não tô estudando, então eu não tô fazendo nada, o máximo que eu posso fazer hoje é minha matrícula, né? Na verdade eu vou ter que fazer que já começou as matrículas pela internet.

Entrevistadora: E com quem é que tu conta pra realizar isso? Esse teu projeto?

Semente: Com Tiago né?! Por que se ele não quiser, se ele quiser que eu trabalhe, eu vou ter que trabalhar, né! Por que quem paga todas as contas é ele!

A retomada dos estudos após a gravidez também foi identificada na pesquisa de Pantoja (2003) como uma forma de “ser alguém na vida” e diferenciar-se, muitas vezes, das histórias familiares. Tal ação contraria a percepção do senso comum de que a gravidez entre jovens mulheres levaria, necessariamente, ao abandono dos estudos e agravaria as situações de marginalidade social e econômica com a saída das mulheres da escola e o pouco investimento dessas no futuro profissional (HEILBORN et al., 2002; PANTOJA, 2003).

Todavia, uma característica forte é a relação que Juno estabelece de dependência da aprovação do seu companheiro até mesmo para a realização desses seus projetos. Dessa forma, Juno parece que não continua com a lógica de gênero que tinha desenhado

até o momento da gravidez. A jovem independente e sociável depois do nascimento da filha tem dependido financeiramente do seu companheiro e exercido com vigor a função de mãe, nos cuidados com a filha e com a casa, deixando que seus projetos pessoais fiquem sob aprovação do seu companheiro.

A partir das entrevistas, foi possível perceber que a família de Tiago exerce grande influência nesse projeto de Juno. Possivelmente, serão os membros dessa família que poderão ajudar a semente a alcançá-lo. Com uma filha pequena, Juno precisará contar com o apoio de alguém da sua rede de convívio e apoio para cuidar da criança na sua ausência, visto que Tiago, provavelmente, estará envolvido na rotina dos seus projetos pessoais (pós-graduação e trabalho).

Ressaltamos ainda que para que Juno realize seus projetos, além do apoio das pessoas aqui lembradas, ela precisará descobrir em si mesma a capacidade de efetivá-los. A situação de dependência do seu companheiro tem ultrapassado as questões financeiras e abrangido também os aspectos que envolvem a sua autonomia, os seus desejos. Dessa forma, corroboramos com Mandelli, Soares e Lisboa (2011, p. 15):

“Se o jovem não for o agente desse projeto, ficará alheio a seus próprios planos de vida”.

5.1.6 Analisando os circuitos da semente Juno

Utilizando a metáfora de Haraway (2009) de “circuito integrado”, podemos entender que na vida da jovem Juno os integrantes da sua rede de convívio e apoio reiteram a lógica desenvolvimentista de que não é a etapa certa da vida para se ter filhos e mantém a prerrogativa do silenciamento da sexualidade jovem feminina.

É possível ainda compreender que esse circuito é “desintegrado” (QUADROS; ADRIÃO; XAVIER, 2011) pela própria jovem que rompe com a lógica de gênero circundante e usufrui de espaços públicos de lazer e experimentações da sexualidade, espaços esses comumente pensados para os jovens homens.

Esse movimento de não unidade ao circuito encontra consonância nos posicionamentos da representante da vizinhança que não estranha o ocorrido com Juno e na profissional de saúde que reconhece o direito de Juno decidir sobre o momento de ter seus filhos. Todavia, convém considerar que o âmbito da saúde, que deveria estar

presente em todos os momentos da vida da semente, só ganha sentido durante a gestação (XAVIER; ADRIÃO; QUADROS, 2011).

Por outro lado, é notório que Juno vive a complexidade de questões que envolvem a vida de uma jovem mulher pobre na cidade do Recife: com o nascimento da filha, passa a depender financeiramente do seu companheiro. Aliás, essa proteção masculina é mais do que financeira e de certa maneira se torna também moral, visto que Juno deixa a cargo do seu companheiro as decisões da sua vida pessoal como estudar e trabalhar. Claramente, a semente do contexto urbano recai nos “escorregos” que a lógica de gênero mantém em nossa sociedade.

Outro e importante integrante do circuito da vida de Juno - o Movimento Hip Hop - sai de cena quando ela engravida. O que poderia ser parte de um importante exercício de cidadania, que a jovem já experimentava antes da gravidez, através da conquista de espaços públicos e vivências da liberdade, distancia-se nesse momento da vida da jovem, levando consigo seus amigos. Esse acontecimento revela como no interior do Movimento, temas relacionados à sexualidade, inclusive à própria gravidez, estão renegados.

Assim, os circuitos da vida dessa jovem estão constantemente sendo refeitos diante das suas novas experiências de vida.

*“Por ser de lá
Do Sertão, lá do Cerrado
Lá do interior do mato
Da Caatinga e do roçado
Eu quase não saio
Eu quase não tenho amigo
Eu quase que não consigo
Ficar na cidade sem viver contrariado”
(Dominginhos & Gilberto Gil)*

5.2 Do contexto rural

5.2.1 A semente

A semente escolhida como representante do contexto rural será aqui chamada de Nina. À época da realização das entrevistas, Nina tinha quinze anos e dois filhos, o mais velho com dois anos.

O contato com essa semente foi facilitado pelo fato da professora Rosineide Cordeiro, pesquisadora do GRAVID, ter experiências com pesquisas anteriores no contexto rural, inclusive no local onde foi realizada essa pesquisa. Uma pessoa da Associação dos Trabalhadores Rurais, a seguir apresentada como integrante da rede de convívio e apoio da semente, foi fundamental para apresentar à equipe de entrevistadoras as mulheres da sua comunidade que integravam o perfil da pesquisa.

Nina se define como sendo da cor/raça parda e pertencente à religião católica. Sua família é composta por seus pais e uma irmã dois anos mais nova. No período das entrevistas, Nina estava morando com os filhos e o companheiro. Não tinha convivência com sua família já que seu pai, irmã e sua mãe estavam morando em outra cidade da região.

Em seu relato, Nina explica que engravidou aos doze anos do seu companheiro, aqui chamado de João, na época com dezoito anos de idade. João e sua família moravam na vizinhança em que Nina vivia com sua família.

Esse local de moradia fica numa comunidade da zona rural do município escolhido para essa pesquisa. É um ambiente de muito isolamento, principalmente para as mulheres, visto que os homens realizam trabalhos sazonais com a agricultura e estão frequentemente fora de suas casas e distantes de suas famílias.

Por essa característica do seu contexto de criação e moradia, antes e depois da gravidez, Nina não tinha opções de lazer e sua circulação social limitava-se à casa de

parentes, vizinhos e à escola. Ela estudou até a quinta série, já havia reprovado essa série duas vezes antes de engravidar, e não continuou os estudos quando descobriu a primeira gravidez.

Segundo seu relato, costumava realizar os trabalhos domésticos não apenas após o nascimento dos filhos, mas também antes disso a pedido da sua mãe. Ainda identificou-se como agricultora.

A seguir, apresentamos a rede de convívio e apoio da semente. Às indicações de Nina foram também acrescentadas pessoas da comunidade que a conheciam, bem como sua família e, portanto, poderiam enriquecer a compreensão da história de vida dessa semente¹⁶.

5.2.2 A rede de convívio e apoio indicada

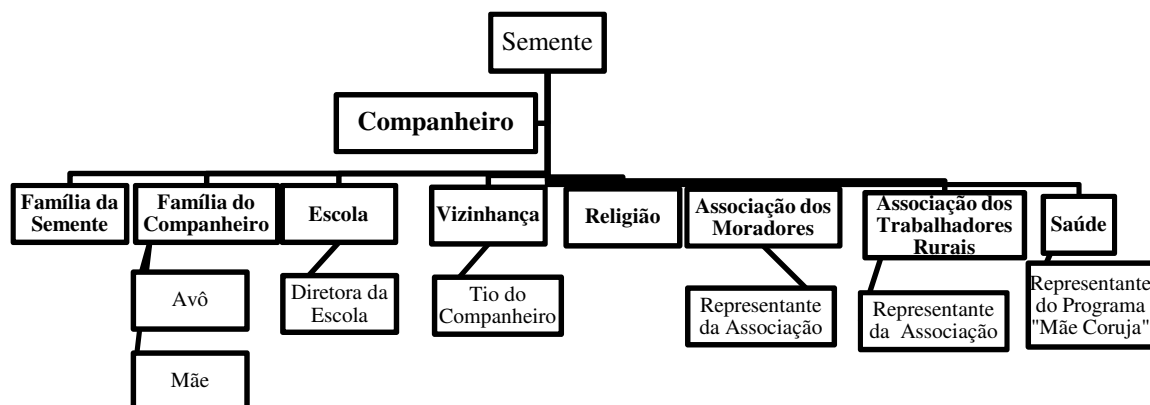
Nina indicou como pessoas que a ajudaram durante o período da gravidez, a mãe, o avô e o tio do companheiro, e como representante da escola, a diretora que tinha sido a mesma do período em que estudava. Ainda foram indicadas sua madrinha e a irmã do seu companheiro, porém não foi possível à equipe de pesquisa o contato com elas.

A essas indicações foram acrescentadas representantes da Associação dos Trabalhadores Rurais, Associação dos Moradores e do programa “Mãe Coruja”¹⁷. No período das entrevistas, Nina estava afastada da sua família de origem, não fez indicação desses membros, assim como de representante da religião. Sua rede de convívio e apoio pode ser representada da seguinte maneira:

¹⁶ Conforme metodologia utilizada pelo GRAVID, a participação dessas pessoas que não foram inicialmente indicadas pela semente esteve condicionada à avaliação da equipe de pesquisa sobre a contribuição desses narradores para a compreensão da história da semente.

¹⁷ O “Mãe Coruja” é um programa estadual de saúde, criado em 2007, por meio do decreto de nº 30.859. Está presente em 103 municípios do estado de Pernambuco e tem como objetivo garantir para mãe uma boa gestação e um bom período posterior ao parto junto com a(s) criança(s). Dessa maneira, busca reduzir a morbi-mortalidade materna e infantil, assim como estimular o fortalecimento dos vínculos afetivos entre mãe, filho e família. Fonte: <http://portal.saude.pe.gov.br/programas-e-acoes/programa-mae-coruja/>, acesso em Outubro de 2013.

Quadro 4 – Descrição da Rede de Convívio e Apoio – Contexto Rural



5.2.3 As trajetórias afetivo-sexuais

- **A trajetória afetivo-sexual da semente.**

Conforme anunciamos anteriormente, Nina vivia em ambiente de muito isolamento. Pelos relatos das entrevistas é possível entender que até próximo aos doze anos de idade, Nina morava com sua família na “rua”¹⁸, mas como seus pais trabalhavam na agricultura, precisaram ficar mais próximos do campo, daí resolveram transferir a família para a região chamada de “sítio”, onde ela morava na época da entrevista.

Mesmo durante o seu período de moradia na “rua”, Nina tinha sua vida restrita ao universo familiar, vizinhança e à escola. Não relatou ter experiências de lazer e demonstrou que sua criação foi bastante vigiada pela mãe, que a impedia, por exemplo, de namorar.

Entrevistadora: E pra se divertir? Tu fazia o que? Antes dos meninos.

Semente: Nós só ficava em casa mermo, era difícil sair.

Entrevistadora: Era. Fazia algum esporte?

Semente: Não.

Entrevistadora: Participava, assim, do Projovem?

Semente: Tive essa oportunidade não.

¹⁸ Essa descrição “rua” e “sítio” é uma forma comumente usada pelos moradores locais para definir a moradia da zona urbana, mais próxima do centro da cidade (“rua”) e a moradia da zona rural, caracterizada pelas agrovilas (“sítio”).

É preciso considerar que o isolamento em que vivia Nina é acentuado pelo fato de ser mulher. Para a autora Castro (2006) a mulher jovem vive uma exclusão ainda maior no campo por não poder participar dos processos de produção agropecuária dos quais participam os jovens homens e adultos.

Nesse ambiente restrito socialmente e vigiado pela mãe, a trajetória afetivo-sexual de Nina teve início com o relacionamento com seu atual companheiro, pai de seus filhos. Nina precisou namorar escondido para que sua mãe, parentes e vizinhos não descobrissem. Como João era da vizinhança e tinha o costume de freqüentar sua casa, esse processo de namoro aconteceu dentro da casa de Nina e sua família. Abaixo a semente descreve o que aconteceu:

Entrevistadora: E como foi que vocês começaram a namorar?

3ª pessoa¹⁹: Diga: ‘num teve fase de namoro não’.

Entrevistadora: Não teve fase de namoro não?

Semente: Teve não.

Entrevistadora: Ele já te pegou, já te chamou pra morar com ele?

Como é que foi? Conta pra gente.

Semente: Assim, nós começamos a namorar... ela (3ª pessoa) sabe!

Entrevistadora: Ela sabe tudo.

Semente: É. Ela sabe porque ela soube de um ‘rói’ ai, teve um ‘rói’ grande.

3ª pessoa: É, mas assim, foi uma fase que você pode tá colocando.

Semente: Que nós começamos a namorar escondido.

3ª pessoa: Que ela tinha medo de dizer a mãe dela...

Semente: Que ela disse que se namorasse já sabia o que era que ia levar.

Entrevistadora: Tua mãe disse isso?

Semente: Foi.

Entrevistadora: Mas ai mesmo escondido vocês namoravam, como é que vocês faziam pra ela não ver?

Semente: Em casa que ela só vivia andando.

Entrevistadora: Então era mais fácil do que eu pensei.

Semente: Era, porque ela só vivia andando.

Entrevistadora: Então todo mundo sabia menos ela?

Semente: Não, ninguém sabia não.

Entrevistadora: Nem tua irmã?

Semente: E eu conto, ali é que ela fala bonitinho, me entregava de mão beijada.

Nesse trecho da entrevista é possível perceber que a ameaça direcionada pela mãe para Nina envolvia um tom de violência física, o que Nina ao longo da sua entrevista confirma que aconteceu quando sua mãe descobriu seu envolvimento com João.

¹⁹ Essa pessoa a quem Nina se refere é representante da Associação dos Trabalhadores Rurais. O contato inicial da equipe de pesquisa com esse contexto foi facilitado por ela. No momento da entrevista com Nina, ela estava presente a fim de que a semente estivesse mais à vontade com as pesquisadoras.

A situação de vigilância por parte da mãe de Nina respalda o que foi identificado por Vieira (2006) que mesmo os pais sendo responsáveis sobre as decisões de saída ou não de casa das filhas, cabe à mãe o controle sobre a vida sexual dessas.

Todavia, é preciso considerar que na história de Nina, a figura do pai foi sempre representada como uma pessoa doente. Seus relatos são insuficientes para inferirmos sobre as atribuições paternas na vida de Nina e da sua família, pois todos os aspectos da sua entrevista foram focados em torno da figura de sua mãe. Mesmo assim, Nina deixou muito claro por diversos momentos que sua mãe a impedia de ter amigos e namorados, exercendo explicitamente atitudes de controle, tal como constatado por Vieira (2006).

Dessa forma, a trajetória afetivo-sexual de Nina, até o momento da entrevista, foi composta por seu único parceiro sexual. Pelas entrevistas, podemos entender que pouco tempo depois da primeira relação sexual, Nina engravidou do seu primeiro filho, aos doze anos de idade.

Entrevistadora: E como é que foi tua primeira vez com ele? Com ele né? Que tu falasse que ele foi teu primeiro namorado. Vocês fugiram antes?

Semente: Foi em casa mesmo, normal.

Entrevistadora: Na tua casa ou na casa dele?

Semente: Na minha casa que eu morava antes.

Entrevistadora: Que não tinha ninguém lá?

Semente: Meu pai é doente, por isso que minha mãe não quis saber mais dele e aí eles se largaram, meu pai foi pra casa da minha vó e ela só vivia andando.

Entrevistadora: E aí vocês aproveitaram a ocasião e ficaram juntos? E foi bom Nina? Tu gostasse? Foi o que tu esperava?

Semente: Bom foi, mas quando aconteceram certas coisas não foi não.

É perceptível que Nina não detalha como foi a experiência da sua primeira relação sexual. Talvez pela sua timidez, característica lembrada por todos da sua rede de convívio e apoio, ou pela pouca experiência em falar desse assunto, Nina se limita a dizer “foi normal” e “foi bom”.

Para Silva (2002), a vergonha pode ser devido ao hábito do corpo no meio rural ser considerado como um instrumento de trabalho. É através do corpo que se planta e colhe a terra, cuida dos animais ou da casa. Em sua pesquisa com jovens de Minas Gerais, a autora identificou que o grupo participante, assim como Nina, tinha dificuldades de falar dos seus momentos de prazer nas experiências da sexualidade. A esse respeito a autora sugere:

O corpo transcende a rotina de corpo visto apenas como aparelho de trabalho, ou veículo que ultrapassa as fronteiras na procura de trabalho, mas, o corpo de que se fala também é corpo de festa, instrumentos de

prazer, de afetos e desejos. Porém, há um hiato que repousa numa relação ambígua que estas pessoas estabelecem com o prazer, principalmente se considerar a forma incompleta da expressão oral dos depoentes, a julgar pelos depoimentos fragmentados que se pode observar. Então, essa oralidade sugere, antes uma atitude (corporal) insegura com a expressão de prazer (SILVA, 2002, p. 325).

A inexperiência sexual de jovens mulheres, diferente dos homens, também foi percebida em pesquisa realizada por Quadros (2007). Essa autora percebeu que no contexto rural da sua pesquisa realizada em um reassentamento no estado de Pernambuco, a virgindade da mulher era vista como um fator importante na caracterização da mulher ideal para casar.

Apesar de não haver relatos por parte de Nina nem de sua rede de convívio e apoio para a questão da virgindade em preparação ao casamento, é pertinente a reflexão da autora acima para a questão da inexperiência sexual de Nina e a vigilância da família e da comunidade para as suas vivências da sexualidade.

Castro (2006) nos ajuda a refletir que no contexto rural a dedicação dos homens ao universo público do trabalho e as mulheres aos afazeres domésticos reitera a hierarquia existente entre homens e mulheres, inclusive quanto às experiências da sexualidade.

Através da circulação nos espaços públicos, seja através do trabalho ou das experiências de lazer, os jovens homens têm maiores oportunidades de experiências da sexualidade do que as jovens mulheres. Essas últimas tendem a manterem-se restritas ao universo doméstico, e assim também são poucas, ou quase ausentes, as oportunidades de lazer e circulação social que possibilitem novas relações sociais, de amizade e de namoro, tal como aconteceu ao longo da vida de Nina.

Ao final do último trecho de entrevista acima destacado, Nina começa a revelar a forma como seu relacionamento foi descoberto, com a chegada da mãe em casa, no momento em que o namoro acontecia. Como consequência dessa descoberta, Nina descreve que apanhou da mãe, tal como essa a ameaçava. O trecho abaixo pode ser complementar para esse entendimento:

Entrevistadora: Qual foi a reação da tua mãe, do teu pai, de todo mundo?

Semente: Meu pai num tava aqui não... a reação dela foi dar uma pisa em 'n'eu'.

Entrevistadora: Ah tá.

Semente: Uma surra mesmo...

A trajetória afetivo-sexual de Nina além de ter encaminhado para a gravidez, foi acompanhada de um fato que mudou a relação com sua família, mais especificamente com sua mãe. O fato, que nos relatos anteriores Nina já faz referência, é que no período em que João passou morando com Nina, sua irmã e sua mãe, ele manteve relações sexuais com essa última (mãe de Nina). Essas relações culminaram na gravidez concomitante de mãe e filha, do mesmo parceiro sexual.

Esse envolvimento da mãe e do companheiro foi relatado por Nina e confirmado por alguns integrantes da rede de convívio e apoio, enquanto outros pareceram guardar segredo sobre o ocorrido, como um assunto “de família”. Interessante observar que os integrantes que não tocaram nesse assunto são todos da família de João, o que dá margem à compreensão de que não queriam “enfrentá-lo” com essa história. A seguir, a semente detalha:

Entrevistadora: O que foi que aconteceu?

Semente: Que meus pais se largaram e meu pai foi pra casa da minha avó e ela ficou, ai quando meu pai saiu num dia, não, parece que foi no mermo dia que ele saiu, ai tinha acontecido isso, ai minha mãe né, minha mãe, irmã, eu e Mô tudo junto, ai ficou nós quatro dentro de casa... ai quando eu engravidei ele viajou ai depois vortou e depois vortou de novo... mãe tinha largado meu pai, ai depois de uns tempo pai tinha vortado pra ver se acertava tudo e ai ela não quis mais ele... e esse filho que eu tou dizendo que ela teve foi do meu marido. (...)

Entrevistadora: E quem foi que disse assim: ‘vocês tem que morar junto?’ Ou foi vocês que decidiram?

Semente: Assim, a mãe dele falou pra nós passar pra uma casa, ai ela (mãe da semente), parece que ela já tava interessada, ai ela disse que não, que eu não sabia de nada, ai fiquemos nós quatro morando junto... minha irmã, meu marido e eu viemos pra essa casa aqui.

É notório que esse acontecimento marcou a trajetória afetivo-sexual de Nina e a fez tomar a atitude que mudou o percurso da sua história: sair da casa da sua mãe. Mais adiante, essa questão será retomada.

Ainda sobre os aspectos das experiências sexuais na vida de Nina, em um contexto familiar repreensivo, com pouca circulação social, ela não aparentava ter experiências com relação aos métodos contraceptivos. Em seu relato, ficam claras as ausências de responsabilidade da família e da escola em formar sobre o assunto. Para a primeira, não era assunto de conversar na idade, e a segunda não abordava o tema que apenas aparecia em forma de figuras nos livros didáticos.

Sobre a prevenção, a semente comenta:

Entrevistadora: E vocês se preocupavam em se prevenir da gravidez? De doenças?

Semente: Sabia que tinha camisinha, mas não sabia que tinha essas pílulas, essas coisas não, ela (a mãe) não era de conversar não, ela mesmo dizia que essas coisas pra de menor não prestava não.

Entrevistadora: E na escola não se falava não?

Semente: Não, não fala não, é que nem no livro, fala do corpo humano e no livro tem o desenho da camisinha...

Entrevistadora: Era só essa informação que tu tinha.

Semente: Só.

Entrevistadora: Ai quando deu vontade tu não tava nem ai... nunca se preocupasse com essa história...

Semente: Não.

Também aqui é possível compreender mais uma expressão da questão de gênero, pois tal como constatou Quadros (2007), a ausência de conversas com a família sobre sexualidade é queixa de mulheres e homens. Mas, as mulheres ficam em desvantagem por não terem o costume de conversar sobre o assunto com as amigas, tem poucas experiências e tão pouco conhecem a respeito.

Assim como Quadros (2007), Vieira (2006) constatou irregularidade no uso dos métodos contraceptivos entre os jovens da sua pesquisa. Essa autora destaca:

Apesar do medo da gravidez, o uso de contraceptivos não é constante. Dos métodos contraceptivos, a camisinha masculina foi a mais citada, sendo pela maioria o único método conhecido. Geralmente são homens que adquirem camisinhas em farmácias ou no posto de saúde, formando-se uma rede de distribuição. Porém, sua utilização não é regular: 'Quando tem a gente usa, quando não tem não usa' (VIEIRA, 2006, p. 211).

Nesse processo irregular das estratégias de prevenção, Nina explicou que chegou a usar o método anticonceptivo da pílula, mas não continuou por se sentir mal com o uso. Nesse intervalo de acerto com o medicamento, nasceu seu segundo filho. Convém salientar que esse acesso à pílula em comprimidos só foi possível com o contato de Nina na maternidade, através do nascimento do primeiro filho, já que ela não freqüentava o posto antes da gravidez.

No trecho a seguir, Nina relata sobre como foi esse uso:

Semente: Esse ai (filho mais novo) antes d'eu engravidar por uns tempo eu tava tomando remédio.

Entrevistadora: Já tomasse injeção?

Semente: Não. Remédio como comprimido.

Entrevistadora: E ai por que você parou o remédio?

Semente: Ai eu parei porque eu não tava me dano, ai eu parei.

Entrevistadora: Ai foi nessa parada que nasceu o segundo filho!

Quadros (2007) considera a experiência sexual como um fator relevante na questão do uso dos métodos contraceptivos. Os efeitos dos medicamentos são levantados por essa autora como um dos fatores motivacionais para a descontinuidade do uso desses métodos. Ela descreve:

Em geral, a vivência dos jovens em relação à contracepção está repleta de insatisfações com as sensações que o uso dos métodos provoca. Os métodos são considerados necessários, mas o desconforto que causam atua no sentido de abandono e da irregularidade no uso (QUADROS, 2007, p. 92).

A trajetória afetivo-sexual de Nina tem fortes marcas de gênero, expressas em desigualdades, tal como é possível constatar em seus relatos. Convém salientar que Nina identifica essas desigualdades e percebe como seria diferente caso não fosse mulher. Um exemplo dessa diferença seria a negociação “mais leve” com sua mãe sobre suas possibilidades de socialização, se ela fosse do sexo masculino. Ser homem nesse contexto rural traz, sem dúvidas, maiores possibilidades de conquistas do mundo público não apenas na vida adulta com oportunidades de trabalho extra casa, mas também mais cedo com o lazer e as experiências da sexualidade.

Entrevistadora: Tua mãe te proibia de namorar né, tu dissesse...

Semente: Ela num queria que eu tivesse nem amizade, amizadinha demais, num queria que eu namorasse, ela não gostava que eu saísse de casa não.

Entrevistadora: E tu acha que se tu fosse um menino ela deixava?

Semente: Deixava, porque se eu fosse um homem eu pulava tudo, a casa, que homem só faz o que num presta.

Entrevistadora: Mas tu acha que ela ia te tratar diferente? Ia te dar mais liberdade se tu fosse homem?

Semente: Eu acho que ela ia dar mais liberdade, eu era ‘mulé’ e ela não dava.

É preciso considerar que a trajetória afetivo-sexual de Nina foi marcada por episódios de violência física, não apenas com sua mãe que lhe bateu ao descobrir o seu relacionamento com João, como já anunciamos anteriormente, mas também desse companheiro. Nina ao relatar a confusão diante da descoberta do relacionamento da mãe com João, mostra que houve episódios turbulentos entre eles, em um desses, João a agrediu fisicamente a ponto da situação precisar ser apaziguada pela vizinhança. Essas marcas de violência fizeram parte da trajetória de Nina até aquele momento da entrevista, e podem significar também o tipo de relacionamento que ela vivia com seu companheiro.

Sobre o relacionamento com seu companheiro, Nina descreve:

Entrevistadora: Tu se dá bem com ele? Com teu marido.

Semente: Passei um tempo... que eu passei pra casa da minha avó, que ela (mãe da semente) tava grávida e quando estourou essa bomba ela não tava aqui. Ela passou lá pra baixo e ele aqui, ai ele ia pra lá e ficava o dia todinho, só enfiado lá, só enfiado lá...

Entrevistadora: Com ela...

Semente: Sim, ai depois passou uns tempos lá e ele todo dia ia lá, todo dia ia lá... ai uma vez que ele mandou matar um frango, matou, ai eu tava na casa da minha sogra, ai minha irmã foi atrás 'd'eu', ai eu disse que num ia não, ela veio com um prato de pão e o frango e disse que eu não precisava mais chamar ela de mãe... ai saiu com o arreganho dela chorando ai chegou lá e ele (companheiro da semente) tava dormindo, ai parece que ela acordou ele e mandou ele ir pra casa, ai ele passou com a cara dura, passou direto pra casa, nem me chamou pra eu vir, ai eu vim e depois que eu tranquei a porta e me deitei ele me deu uma surra... Por isso deu diferença, do outro eu num tive tanto desgosto, ai nesse mesmo dia escutaram eu gritando, ai minha madrinha veio e minha sogra...

Dessa forma, o percurso de experiências da sexualidade de Nina foi perpassado por muita vigilância e controle por parte da sua mãe, acrescidas ainda práticas de violência. A violência da mãe era uma forma de exercer o controle da filha não apenas com relação à sexualidade, mas também nas atividades domésticas que Nina era obrigada a realizar junto com sua irmã, caso contrário, a mãe as agredia fisicamente. Após o início das relações sexuais, foi acrescentado um novo personagem violento à sua história: seu companheiro. Ao longo das próximas páginas, esse tema estará novamente presente.

Convém considerar que a violência por parte dos companheiros/maridos não parece um fato novo ou incomum. No contexto de pesquisa de Silva (2002), foi possível identificar que nas histórias de vida das famílias, das mães ou avós, houve relatos de violência dos maridos diante da negação da mulher em não querer a relação sexual, a exemplo do período do resguardo.

Para Stropasolas (2004), a violência pode ser ainda maior quando a mulher se submete à dominação masculina, a exemplo das situações de adultério em que as próprias companheiras não demonstram insatisfação com o ocorrido. Ele destaca:

(...) A reprodução da dominação masculina pelas próprias mulheres agricultoras, ao legitimarem a sua submissão no caso de um adultério. Essa violência, que não se restringe à perpetuação das prerrogativas morais masculinas, pois atinge a dimensão física do relacionamento matrimonial, sobretudo quando algum relato denuncia que o homem 'maltrata a mulher', atinge o auge da deterioração da condição feminina na agricultura familiar nos casos em que se expressa, nas entrelinhas dos discursos, uma posição de inferioridade que, ao desqualificar a própria imagem, revela que a baixa auto estima é um fato (e uma violência) que se reproduz entre as mulheres agricultoras (STROPASOLAS, 2004, p. 258).

O autor acima de certa forma culpabiliza a mulher que permanece na situação de violência. Todavia, é preciso considerar os aspectos que fazem parte desse contexto de agressão, inclusive as possibilidades reais que a mulher pode contar, com alternativas pessoais e com a ajuda de outras pessoas para “desintegrar” esse circuito (QUADROS; ADRIÃO; XAVIER, 2011) de práticas violentas.

▪ **A trajetória afetivo-sexual do parceiro.**

Durante o momento da entrevista, o parceiro de Nina, aqui chamado de João, não fez nenhuma referência às suas experiências afetivo-sexuais. Da mesma forma, os membros da rede de convívio e apoio de Nina que fazem parte da família de João (mãe, avô e tio) não ajudaram a pensar esse aspecto.

Todavia, a partir da história de vida da semente e dos discursos indiretos sobre a vida do casal é possível perceber que João é um jovem que com o seu modo de vida, reitera a lógica patriarcal presente na comunidade onde vive.

Como anunciamos anteriormente, João manteve relações sexuais com a mãe de Nina, mesmo durante o relacionamento com essa última, inclusive grávida. Esse fato pode ser indício de que João exerce uma livre circulação social e sexual, que rompe com as lógicas geracionais e de respeito à sua companheira que não consentia esse tipo de relação.

Seu modo de vida baseado na sazonalidade do trabalho na agricultura lhe permite liberdade para ter outras experiências sexuais, fora da sua relação estável com Nina, sem que ela tome conhecimento do ocorrido. Ao mesmo tempo, recai sobre João a responsabilidade de prover financeiramente sua nova família formada por Nina e seus dois filhos.

Para os autores Silva e Menezes (2010) o trabalho sazonal do homem no contexto rural possibilita aos jovens manterem relações sexuais e até construíam novas famílias na cidade de destino. Essa livre circulação social e sexual remete à importante questão das doenças sexualmente transmissíveis, visto que em muitos casos, esses homens não utilizam estratégias de prevenção nem com a companheira de origem, nem com seus novos relacionamentos.

As mulheres que ficam, assim como no caso de Nina, vivem o isolamento ainda maior com a ausência dos seus companheiros. Em contexto onde a presença masculina é hiper valorizada, como símbolo de poder financeiro e proteção à suposta fragilidade

feminina, a circulação social das mulheres deve ser evitada, como é possível entender do trecho abaixo:

Além da responsabilidade pela casa e roçado, as mulheres que ficam enfrentam também a solidão, o isolamento. Por não disporem da companhia dos seus esposos, não podem frequentar determinados espaços, a exemplos das festas, sob pena de terem sua reputação colocada em risco. Há sempre o perigo da fofoca, instrumento de controle pelo qual a mulher é vigiada e controlada socialmente. (SILVA; MENEZES, 2010, p. 296).

Dessa forma, é possível perceber que falar da vida do companheiro diz respeito também a pensar sobre a vida de Nina, pois, em seu meio a presença ou ausência de João pode ser indicativo de (im)possibilidades e vulnerabilidades.

5.2.4 Os posicionamentos da rede de convívio e apoio frente à gravidez

Todos os membros da rede de convívio e apoio da semente Nina foram enfáticos ao considerar a precocidade da sua gravidez. Para todos, Nina que foi mãe aos treze anos, caracterizava a cena de “uma criança cuidando de outra criança”, várias pessoas usaram essa expressão ou deram a entender essa percepção.

Com a descoberta da gravidez, Nina contou com o apoio da família do seu companheiro, especialmente da mãe dele. A família de origem de Nina esteve ausente durante o período da segunda gravidez, visto que seus pais estavam separados e, assim como sua irmã, já moravam em outra cidade; no nascimento do primeiro filho, a mãe de Nina ainda a acompanhou na maternidade.

A seguir mostraremos os posicionamentos quanto à gravidez de Nina por parte do seu companheiro, da sogra, do avô e tio do companheiro; das representantes da Associação dos Trabalhadores Rurais e da Associação dos Moradores, e por fim da diretora da escola onde Nina estudou antes de engravidar e da multiplicadora do programa “Mãe Coruja”.

O companheiro de Nina demonstra ter ficado feliz com o fato de ser pai. Convém salientar que essa “felicidade” citada por João não aparece em outros discursos da rede como forma de caracterizá-lo. Ele também indica preocupação através da expressão “medo”, a seguir o relato:

Entrevistador: Mas como foi sua reação, tu ficou feliz, gostasse?

Companheiro da Semente: Feliz fiquei, porque o ‘cabra’ ter um menino, né? [...].

Entrevistador: Mas também tu ficou com medo né?

Companheiro da Semente: Muito... de muitas coisas... o cara nunca, só ficou com medo e pronto.

Como citado anteriormente, o medo a que João faz referência deve estar relacionado à sua responsabilidade enquanto provedor da nova família. Possivelmente, ele deve ter ficado “com medo” de ter que sustentar financeiramente Nina e seus filhos, já que ela ficaria com a responsabilidade da casa e da criação dos filhos, em conformidade com os códigos de gênero do lugar (SCOTT, 2007; HEILBORN et al., 2002).

A mãe de João foi uma pessoa que deu apoio a Nina desde o momento das gestações. Pelos relatos, é possível perceber que ela acompanhou Nina durante seu segundo parto, assim como ajudou na criação dos netos:

Entrevistadora: E o que a senhora achou de ela estar grávida? Qual foi a sua reação?

Sogra da Semente: Mulher, eu fiquei pensando que ela é muito nova, né?

Entrevistadora: Humrum...

Sogra da Semente: Aí eu fiquei pensando e os nove mês era rezando e pedindo a Deus que desse tudo certo. Mas, graças a Deus ela teve o menino normal, o outro que foi cesárea.

Entrevistadora: Mas a senhora ficou feliz?

Sogra da Semente: Fiquei. Fiquei feliz, ela teve normal, tudo, eu ficava, eu me preocupei muito, num dormi de noite aqui só pensando [...].

Entrevistadora: É... e ela chegou a pedir algum apoio pra senhora?

Sogra da Semente: Não, na hora que aconteceu isso eu disse olhe, eu fui logo apoiando, eu não podia deixar, né?

A mãe de João teve um forte posicionamento para que ele assumisse os filhos. Ela expressa também a preocupação de que João e Nina devem casar e até tomou as providências para isso, o que não foi possível devido à idade de Nina²⁰. Todos da família de João que fazem parte da rede de convívio e apoio indicada por Nina enaltecem esta questão do casamento. Podemos perceber no trecho abaixo sobre o casamento:

Sogra da Semente: Que ela não podia assinar porque é de menor. E eu falo todo dia eu digo a ele na hora que completar a idade eu levo pra casar no civil. Embora eu não viva, eu peço que eu viva até... porque é ruim (...)

²⁰ De acordo com o Código Civil Brasileiro, o casamento é proibido para menores de dezoito anos, salvo a partir dos dezesseis quando autorizado pelos pais ou responsáveis legais. Todavia, neste mesmo Código, há excepcionalidade em que o casamento pode realizar-se para menores de dezesseis anos quando em situação de “*para evitar imposição ou cumprimento de pena criminal ou em caso de gravidez*”. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm#casamentosubtitulo1, acesso em Outubro de 2013.

Entrevistadora: A senhora percebeu alguma mudança depois que Nina descobriu que tava grávida? Os vizinhos, assim, as pessoas tratavam ela diferente? Ou tudo continuou do mesmo jeito? Como é que foi?

Sogra da Semente: Não, continuou do mesmo jeito.

Entrevistadora: Ninguém...

Sogra da Semente: É que ele era rapaz e ela era moça, né? Agora que ele fosse um cara casado, né, aí... mas ela era moça e ele era rapaz... né? Ninguém nem... agora ele vai ter que assumir, aí foi meu pai, meu irmão e eu que fui à atrás e meu menino mais velho também.

Stropasolas (2004) lembra que diversos autores enaltecem o casamento como uma das categorias culturais mais importantes para a análise do campesinato. O casamento é uma forma de garantir a participação dos filhos no momento da sucessão e herança. Isso se reveste de demasiada importância no contexto rural em que o acesso à terra é a principal forma de subsistência familiar.

Para as jovens mulheres, a exemplo de Nina, o casamento também pode ser uma forma de saída do controle dos pais, mesmo que venham a se tornar dependentes do seu marido.

Silva (2002) lembra que a coabitação ou amigamento é uma forma comum de união nas comunidades rurais, à espera da legalização através do casamento. Essa situação fez parte da vida de Nina desde a descoberta da sua primeira gravidez e até o momento da entrevista o casamento não tinha ocorrido por ela não ter completado dezoito anos.

Essa mesma autora ainda identificou com os jovens da sua pesquisa que, assim como aconteceu com Nina, é comum as moças namorarem rapazes mais velhos, moradores da localidade, e depois se “amigarem”.

É válido atentar que não fica claro ao longo dos relatos das entrevistas se Nina usou a gravidez como uma estratégia de sair de casa, deixando o controle materno para construir sua família através do amigamento/casamento, ou se a gravidez foi fruto de sua inexperiência sexual, como o descuido na prevenção. Mas, de fato, sua gravidez acelerou seu processo de saída de casa, conferindo-lhe mais rapidamente, características consideradas adultas.

O avô de João deixa claro que não achou bom o fato de Nina ter engravidado. Várias vezes em seu discurso ele revela que se o pai da criança não fosse seu neto, ele tomaria outra atitude. A expressão “capar” dá a entender que a “providência” que esse senhor tomaria seria alguma forma de violência contra o homem que manteve relações sexuais com uma mulher “menor de idade”.

Entrevistador: E quando ela ficou grávida, como foi pro senhor, o que o senhor imaginou?

Avô do Companheiro: Ai, eu vi uma conversa eu fiquei escutando ai vai...ai depois, pai vamos botar coisa pra casar, mas ela não tinha idade. Ai disse a ele: ‘Tá sabendo que quando ela completar idade você casa! Quando ela completar idade’, ai ele disse ‘Tô’, então pronto. Fiquei quieto. Ai ela... já apareceu outro!

Entrevistador: E o senhor soube por quem a noticia?

Avô do Companheiro: Um amigo ai...ai mas eu ia fazer o que?

Entrevistador: E o senhor achou bom ou ruim?

Avô do Companheiro: Achei ruim, não achei bom não.

Entrevistador: Por que?

Avô do Companheiro: Porque estou nessa idade, sessenta e sete anos, mas eu ainda tenho vontade de fazer duas coisas: de capar um cabra, mas não posso mais capar, porque está acontecendo com meu neto (risos) não posso mais fazer isso... Mas, se ele tivesse três filhos, eu dizia ‘olha, eu ainda capo um cabra ou acerto nos ovos’. Eu dizia abertamente, mas vai acontecendo aonde?

Entrevistador: Dentro de casa...

Avô do Companheiro: Vamos ajeitar... eu estou pra ajeitar, meus filhos, meus netos. Fazer o que? Não pode explicar... eu não quero desavença de jeito nenhum. Até agora nessa idade eu não arrumei, desavença, agora eu não quero mais[...]

Entrevistador: E depois que ela ficou grávida, o que é que mudou, pra eles?

Avô do Companheiro: Mudou muito. Não cheguei, sempre. Minha habitação era pouca, era de passagem, passagem. Tá certo, é minha filha, é meu neto, ela hoje é bem dizer que é filha. Porque eu considero. Só trabalha a favor dela, trabalha a favor dele, não quero ver desavença, considero todos. Mas, não posso espancar...

Como aconteceu em seu próprio núcleo familiar, é possível perceber que apesar do avô de João ter achado ruim o que ocorreu, parece ter acolhido Nina, através da sua compreensão de que não quer “desavença”. Mas, ainda dá a entender que sua insatisfação poderia levar à violência, através da expressão “não posso espancar”. O diálogo com o avô de João deixa entender que a reação de agressividade através do “capar”, “espancar”, dentre outros, é tida como uma forma de resolução de conflitos nesse contexto. Em sua entrevista é possível perceber a relação entre homem chefe de família e agressividade, principalmente em situações que venham a ferir a “moral familiar”.

Para o tio de João, que era amigo da família de Nina e conviveu com eles por um bom tempo, a notícia da gravidez foi recebida com mais leveza, mesmo com a impressão de que Nina era muito nova.

Entrevistador: E como é que é? O senhor se dá bem com Nina, são amigos?

Tio do companheiro: Se dou bem, se dou bem mais a mãe dela. Se dou mais bem mais a família dele tudo, sossegado. Eu não tenho o que dizer

da família, nem dela não. Gente boa ela criou os meninos dela, ela cria bem os meninos. Ela tem dois já, tem um e tem outro novinho agora.

Entrevistador: E quando ela ficou grávida desse segundo agora, o mais novinho, como foi? Como foi a notícia aqui na comunidade?

Tio do companheiro: Rapaz, a noticia foi boa, foi boa pra o povo e pra ela também né? Que já tinha tido um, e ficou com dois agora pra criar. Só que ela é muito novinha, hoje se ela tiver hoje, ela...tem uns 15 anos, 15 a 16 anos...é ameninada ainda, entendeu? Mas é gente boa, sabe criar os meninos, sabe zelar dos meninos, o marido também ajuda.

Nesse trecho abaixo, o tio de João ainda considera que, apesar da pouca idade, Nina cuida bem dos filhos e com o passar do tempo na função de mãe, tem tomado mais “tipo”, está mais “mulherzinha”.

É interessante pensar nas transformações sugeridas por esse representante para Nina, a partir da gravidez. As expressões “tomar mais corpo” e ficar mais “mulherzinha” dão a entender características da mulher adulta, através das mudanças do corpo e do nome “mulher”, mescladas com as características da criança que Nina ainda aparentava ser, talvez por isso o diminutivo “inha”.

Entrevistador: E agora que ela tá com o menino, como é que vai ser?

Tio do companheiro: Agora aumentou mais, agora tá mais uma mulherzinha. Tá mais, botou mais tipo. Ficou mais forte, zela direito dos meninos, cuida bem sabe cuidar! Faz o almoço direitinho, faz tudo. E a bicha é inteligente danada, rapaz! Eu fico pensando, mas rapaz!

Nesse processo de identificação de Nina, ora com características juvenis ora com outras adultas, Viera (2006) acrescenta que o casamento e o nascimento do primeiro filho podem constituir um marco de transição para a vida adulta. Porém essa transição não é claramente definida, visto que os limites dessas consideradas fases da vida são muito próximos e podem variar em diferentes contextos de vida.

Wanderley (2000) lembra o trabalho de Smith (2002) em município pernambucano onde a distinção entre casado e não casado estava na base das representações sociais de juventude. O que nos dá a entender que assumir o compromisso do casamento levaria à vida adulta.

A representante²¹ da Associação dos Trabalhadores Rurais do município em que reside Nina, desde o início da entrevista parecia conhecer de perto sua história. É preciso considerar que essa pessoa descreveu, detalhadamente, o ocorrido com Nina e sua família, como o relacionamento da mãe com João. Pela entrevista foi possível perceber

²¹ Essa integrante da rede de convívio foi a 3ª pessoa presente na entrevista da semente, aquela que indicou as sementes do contexto rural da pesquisa GRAVID.

que se trata de uma mulher de muita coragem e que luta pelos direitos dos integrantes de sua comunidade, inclusive de Nina.

Seu posicionamento diante da gravidez foi contra a reação de violência por parte da mãe de Nina. Ela demonstra uma postura de acolhimento a Nina, mesmo com a surpresa da sua gravidez e exerceu uma atitude conciliadora ao buscar conversar com Nina e sua mãe sobre o ocorrido, tentando amenizar os episódios de violência entre elas, tal como é possível perceber no trecho abaixo:

Entrevistadora: Com ela?

Representante da Associação dos Trabalhadores: É... com ela e com a mãe. Que eu fui pra casa dela mesmo dizer. Eu digo olhe não é coisa de você tá espancando, de tá brigando direto, o que você tinha de conversar com ela converse diga que a responsabilidade hoje é outra né, na vida dela, já que ela quis assim essa responsabilidade, então ela tem que compreender que é diferente né, da menina que ela tava, ela vai ter que se responsabilizar por muitas coisas hoje, mas não é necessário fazer o que se tá fazendo, por que você ficar brigando, ou repetindo, ou machucando aquela mesma conversa, acaba que não dá solução nenhuma, só às vezes bagunça mais a cabeça né? Aí eu cheguei a conversar, aí ela disse ‘não, mas é porque ela não me escutou e ainda na minha casa fazer um negócio desses, uma cachorrada dessas’, aí eu disse ‘sim, mas você quantas vezes sentou com ela, pra você conversar que não era a idade e que algumas coisas assim, muito adiantado na vida da gente, às vezes interrompe muita coisa? Você nunca sentou também, porque eu não vou lhe culpar porque isso foi a criação tua’(...) Aí ela dizia ‘mas você acha que eu ia chegar e conversar?’, aí eu digo ‘mas a mãe quando não quer conversar, na rua é que vai conversar aí conversa de qualquer jeito, formação vem de qualquer jeito’. Aí eu sei que ela acabou e aceitou isso e tudo bem, aí ficou tudo bem lá na casa dela, eles estavam tendo um convívio legal.

Nesse mesmo trecho ainda é possível perceber que essa representante conhecia a família e sabia que não havia diálogo entre mãe e filha sobre sexualidade, o que poderia ter impulsionado Nina a fazer essa descoberta sozinha.

Conforme destacado no trecho sobre a trajetória afetivo-sexual de Nina, a autora Quadros (2007) identifica a ausência de conversas na família sobre sexualidade como queixa freqüente entre os jovens homens e mulheres.

A representante da Associação ainda acrescenta que a surpresa com o ocorrido foi maior por se tratar de Nina que não demonstrava esse desejo, essa surpresa também foi trazida por outras pessoas da rede que a consideravam uma menina muito recatada. Essa visão de que as vivências da sexualidade não poderiam advir de pessoas com as características de Nina reitera o viés comportamental com que muitas vezes é

acompanhado o tema da gravidez entre jovens (a exemplo das características irresponsabilidade, rebeldia e transgressão).

A representante descreve:

Entrevistadora: Mas pra tu foi um choque saber dela, né?

Representante da Associação dos Trabalhadores: É, foi um choque porque eu nem esperava, nem esperava que poderia tá acontecendo isso e nem com a pessoa, porque ela sempre dizia e eu ouvia muito, eu até brincava dizia a ela, as vezes a gente diz que não quer e fica falando, falando mal de repente tá comendo das vacas, aí ela dizia ‘ah... mas eu não como dessas vacas aí não, como de jeito nenhum’, aí depois eu disse tá vendo aí... eu até brinquei com ela, disse tá vendo da vaca que tu disse que não comia, já tá comendo todinha né bichinha, comeu foi toda, aí ela riu, ela disse ‘mas tu... danada’, ainda brinquei com ela sobre isso, mas foi um choque, porque você pensar né, uma menina né ainda, uma menina grávida, na situação dela, que ela tava agora sem o pai, tava sem o pai só com a mãe, é complicado você tá só com a mãe ainda tá passando por isso, a crítica da comunidade, é do povo da comunidade, dos vizinhos delas, outras pessoas do município que já conheciam.

É possível ainda perceber que seu discurso traz referência às pessoas da comunidade que faziam comentários sobre o ocorrido com Nina, a conhecida fofoca. Essa forma de divulgar o ocorrido através do “disse me disse” e de boatos foi comentada por vários integrantes da rede de convívio e apoio de Nina. Dessa forma, ficou para nós a impressão de que essa pode ser uma característica daquela comunidade como forma de lidar com os assuntos do dia a dia.

Ela mesma ficou sabendo da novidade através dos boatos da vizinhança:

Entrevistadora: Eles falavam o que, o pessoal?

Representante da Associação dos Trabalhadores: Falavam mal, porque diz que...diz aí, ‘Olha aí tá vendo o quê que acontece tá deixando a fia num sei o que’ e é porque ela era bem presa viu, essa menina ela não era de tá rodando, só depois que aconteceu esse negócio de espírito que ela ficou esse tempo mais lá pra cima na casa da mãe de... do esposo dela, mas ela não era uma menina avuada, porque você imagina quando é uma menina que já fala de namoro tudo, essas coisas né, mas ela não.

Entrevistadora: Nunca falou, né?

Representante da Associação dos Trabalhadores : Não, nunca tinha falado não.

Entrevistadora: Quem te contou mesmo foi a mãe, foi?

Representante da Associação dos Trabalhadores: Não, eu já soube por comentários, mas de certeza mesmo foi P., porque quando ligaram pra casa comunicando eu tava na casa dela, eu fico na casa dela na cidade, aí ela disse ‘tu não sabe o que aconteceu’, aí eu disse ‘o que foi?’, aí ela disse ‘isso e isso’, aí pra mim eu disse ‘oxente, mas, mulher, será que isso é verdade?’ Ela disse ‘é, é, é verdade’, aí eu disse ‘e aí, será que ela tá grávida?’ que quando eu soube, não parece que não tá, aí eu soube, eu tive esse choque mais na rua, aí quando eu cheguei na comunidade aí você já imagina o comentário, né?

Entrevistadora: Já tava todo mundo falando?

Representante da Associação dos Trabalhadores: É, todo mundo falando, todo mundo dizendo é... fulano... falando mal também, né?

Nos trechos “*Olha aí tá vendo o quê que acontece tá deixando a fia num sei o que*” e “*ela era bem presa, viu?*” é possível perceber que a fofoca atua como forma de controle da sexualidade feminina, tal como descrito por Cordeiro (2007).

Nesse caso da história de Nina, é possível perceber que não há apenas comentários sobre o ocorrido. Eles têm a forma de julgamentos morais sobre as atitudes de Nina, principalmente sobre as vivências da sua sexualidade, assim como sobre as práticas educativas familiares, nesse caso exercidas pela mãe de Nina.

Essa última autora contribui para pensar o que acontece na história de Nina ao considerar que a fofoca ao mesmo tempo promove a interação entre os membros da comunidade e torna-se um mecanismo de controle e regulação das condutas individuais.

Nina foi alvo da fofoca por ferir com as normas morais de gênero (CORDEIRO, 2007) em um ambiente que as experiências da sexualidade eram restritas aos jovens homens.

A representante da Associação dos Trabalhadores também percebeu mudanças na vida de Nina com a maternidade, coexistindo em seu relato a percepção de precocidade devido à idade de Nina, com a identificação da postura de responsabilidade da nova mãe com o cuidado dos filhos. Essa representante tem um discurso muito marcado pelas lutas a favor dos direitos dos moradores de sua comunidade, amparados nas políticas públicas. É perceptível seu esforço em incluir Nina nessa luta, a fim de favorecê-la enquanto mãe e cidadã.

Entrevistadora: E agora como é a proximidade de vocês continua do mesmo jeito, mudou alguma coisa depois da gravidez?

Representante da Associação dos Trabalhadores: É mudou, mudou porque hoje a situação dela é outra. Hoje eu não vejo ela mais como aquela menina, ela também não se vê mais como essa menina, então a relação muda muito. Hoje quando a gente vai tratar ou conversar com ela a gente já percebe que o assunto é outro, a seriedade também. Já diferencia, os interesses também mudaram, então geralmente quando ela me procura a gente sempre tem algo pra falar em comum em relação as políticas públicas, a respeito de alguma coisa voltada para a zona rural.

Esse também é um ponto destacado por Cordeiro (2007) como forma de romper a passividade diante das ordens morais: participação das mulheres em Movimentos Sociais. O trabalho dessa representante na Associação favorece que as lógicas de gênero presentes

na comunidade onde vive Nina possam ser questionadas, mas não sem as interferências das críticas externas, a exemplo da fofoca.

Outra pessoa da rede, a representante da Associação dos Moradores e tia de João, reiterou a compreensão da precocidade da gravidez de Nina, conforme podemos perceber no trecho abaixo:

Entrevistadora: E o que a senhora achou de tudo isso, assim, dela ter engravidado, do relacionamento deles, deles estarem casados?

Representante da Associação dos Moradores: Assim, na minha opinião, eu acho que se, assim, deveriam... Se tivessem o apoio de família. Não era o momento de... Se tivessem o apoio da família tudo direitinho não tinha acontecido tudo isso assim de uma forma, sem estrutura, né? Tudo sem estrutura, mas de, de assim, com apoio da família, dos amigos tá começando a se estruturar e sempre é um pouco estranho, né? Uma criança cuidando de outra.

Nesse trecho fica clara a desaprovação da representante diante da gravidez de Nina. Todavia, é importante considerar que ela toma por base uma preocupação com a “estrutura” da família que não tinha condições de dar apoio a Nina no momento da gravidez.

Podemos analisar que essa “estrutura” de apoio na vida de Nina possivelmente já não existia mesmo antes do seu relacionamento com João. Esse apoio não era esperado em contexto familiar tão restrito e repreensivo à socialização de Nina, talvez lhe faltasse apoio mesmo quando mais velha.

Essa mulher também reconhece os cuidados de Nina com os filhos, assim como outras pessoas da rede. Um ponto positivo identificado por ela é que a gravidez permitiu a independência de Nina da sua mãe, visto que isso lhe trouxe mais amadurecimento e autonomia:

Entrevistadora: E se a senhora pudesse descrever assim como é que a senhora vê Nina?

Representante da Associação dos Moradores: Uma criança, uma criança. Tem hora que eu digo assim: uma criança com outra criança no braço. Porque ela agora não, ela já tá mais, assim de tanto as pessoas falarem assim, mais ou menos como ela deve agir, né? Ela já tá bem mais desenvolvida, como cuidar do filho, que ela cuida muito bem dos filhinhos dela, mas é mais assim porque eu acho que quando a mãe dela vivia com ela, a mãe dela influenciava muito ela assim, na vida dela.

Nesse ponto é interessante observar que essa foi a única pessoa da rede de Nina que teve esse tipo de olhar para a nova dinâmica familiar instaurada com sua gravidez.

Mais adiante ela repete em outros termos as características de independência, possíveis através do distanciamento de Nina da sua mãe.

Ela compara o momento atual da vida de Nina, com dois filhos, com o anterior, quando estava morando com a mãe:

Entrevistadora: A senhora percebe diferença assim, fazer uma pergunta de uma Nina antes do primeiro filho, depois do primeiro filho e depois do segundo filho, assim. Se a senhora pudesse olhar desde trás até agora como é que a senhora vê, assim, Nina entre essas gravidezes assim.

Representante da Associação dos Moradores: É como se a cada degrau que ela subiu um pouquinho assim na vida dela, ela fosse amadurecendo e crescendo. Então, do primeiro e do segundo e agora ela aumentou muito, né assim. Ela progrediu muito na vida dela. É isso que eu acho assim que o antes é como se fosse uma coisa, assim, que não teria muita, assim, muito nem como explicar. Ela não tinha muita, assim não interagia, essas coisas sabe. Então, é como se fosse uma criança, sabe, quando começa a desenvolver...

Entrevistadora: Hum hum.

Representante da Associação dos Moradores: Hoje ela já desenvolveu bastante. É nesse sentido?

Entrevistadora: É nesse sentido sim. Isso...

Representante da Associação dos Moradores: É como se ela se desenvolveu bastante. Então, hoje ela já...

Entrevistadora: Cresceu?

Representante da Associação dos Moradores: É. É como se hoje ela fosse mais capaz, mais um pouco dona de si, da vida dela. Que você sabe que quando a pessoa é mais, se sente mais, ai tudo é mais.

Dessa forma, apesar de reprovar o ocorrido, termina positivando a gravidez de Nina através da conquista da independência frente à mãe e do processo de amadurecimento que o cuidado com os filhos tem proporcionado.

Em seu discurso podemos identificar, assim como na fala da representante da Associação dos Trabalhadores Rurais, a discordância do que aconteceu com João e a mãe de Nina. Essa foi a única pessoa da rede que usou a expressão “traição” e aponta para uma tentativa de empoderamento ao considerar que Nina não deve permitir tudo do companheiro.

Convém salientar, que essa representante é mais uma pessoa da rede de convívio e apoio de Nina que participa dos Movimentos Sociais no contexto rural onde vive. Essa diferença no seu discurso corrobora com a reflexão anterior de que participação nesses Movimentos pode ser uma forte estratégia de empoderamento das mulheres como forma de vislumbrar alternativas às normas de submissão aos valores masculinos fortemente enraizados no universo rural (CORDEIRO, 2007).

Entrevistadora: E o que é que ela fala assim pra tu da relação dela com João, assim?

Representante da Associação dos Moradores: Homem, é muito pouco, é muito pouco mesmo, assim. É só que é amorzinho pra cá, amorzinho pra lá. Dá pra perceber que ela gosta muito dele, né? Só que assim, tem coisa que digo assim, se fosse meu marido (risos), mas é só pra vê se ela se impõe também, né? Porque tudo não pode.

Entrevistadora: Ele faz coisa que a senhora não concorda é?

Representante da Associação dos Moradores: Agora, agora não, mas já fez, né? Porque eu não concordo mesmo, eu não vou mentir. Eu detesto homem que trai a mulher.

Entrevistadora: Que o quê?

Representante da Associação dos Moradores: Que trai a muié (risos) Ai pra mim isso é o fim. Ai eu digo: ‘Não, se fosse comigo’. Mas ia, é coisas que depende da, da pessoa, se perdoa, se não perdoa. É o sentimento de cada um. Ai vai de cada pessoa.

Entrevistadora: Mas ele traia com frequência, era?

Representante da Associação dos Moradores: Não. Assim, só teve que de acontecer um caso. Mas isso é, se ela quiser se abrir pra vocês...

Para a diretora da escola onde Nina estudou quando morava na “rua”, o episódio de gravidez entre mulheres na sua idade é algo recorrente. Para esta senhora, essa gravidez é extremamente negativada, inclusive a escola trabalha com um “plano de ação” para evitar esse “problema”.

Entrevistadora: E como era a relação da senhora com elas (alunas que engravidaram) assim? E agora, como ficou depois?

Diretora da Escola: Aqui dentro da escola elas sempre... com relação a eles, assim, boa com os adolescentes, né? E depois que elas ficaram grávidas, até antes mesmo, a gente percebia né? Que já eram os garotos, assim que, meio danadinho mesmo, que vinha namorado pra escola e tudo, a gente fazia um projeto dentro da escola pra ver se a gente conseguia livrar essas meninas de um problema desses, tem projeto aqui na escola. Por sinal a gente tem até um plano de ação em cima disso.

Essa noção de problema e as ações decorrentes a partir daí, estão ancoradas na proposta pedagógica da escola pautada numa perspectiva religiosa. Dessa maneira, para a representante desse contexto escolar, não é possível pensar na possibilidade do aborto, assim como os episódios de namoro entre os estudantes são alvos de perseguição.

Entrevistadora: Mas no caso da amiga, você falou do aborto. É, vocês queriam que ela abortasse ou que ela não abortasse?

Diretora da Escola: De forma alguma. A gente condena o aborto em todo caso e hipótese, a não ser que seja o aborto natural, né? Mas aqui a gente tem uma formação religiosa muito séria nesse sentido. Aí a gente sempre, quando sabe de alguma coisa a gente já tá em cima conversando, e chama psicólogo para tentar ajudar.

Essa fala acima traz o discurso religioso e o campo profissional da Psicologia como colaboradores do controle da sexualidade dos estudantes da escola.

Especificamente sobre Nina, a diretora demonstra admiração com o ocorrido por ela fugir ao “perfil” das suas expectativas de quais alunas poderiam engravidar. É, assim, mais um exemplo do viés comportamental socialmente esperado para as jovens que ousam as experiências da sexualidade.

Entrevistadora: Pulando as muradas, né? A senhora sabe como era a vida delas antes delas engravidarem? Assim, no sentido do que faziam, de estudo, se trabalhavam, se tinham lazer, no sentido de como era essa vida antes da gravidez?

Diretora da Escola: Nina, diferente de B., com certeza ela não tinha diversão não, eu acho que ela só ia pra a escola estudar, voltava pra casa pra ajudar a mãe. Era uma menina assim, que não via ela em festas, nada, aqui na cidade, não. Inclusive assim a gente ficou admirada porque era a mais criança e a mais quieta na escola, a gente nunca teve problema não dela fugir, essas coisas não. Aconteceu pra lá onde ela mora, se envolveu com esse rapaz, acredito que foi o único.

Quando questionada sobre as possíveis motivações da gravidez, a diretora acredita que não foi por falta de informação, já que esse é um tema muito trabalhado na escola. É possível perceber que as ações nesse contexto escolar são de fundo preventivista e desenvolvimentista de que aquela idade não é a “certa” para ter relações sexuais. Dessa forma, não contemplam as questões dos direitos sexuais e reprodutivos previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s).

Entrevistadora: E por que a senhora acha que as meninas engravidaram?

Diretora da Escola: Num sei, porque orientação tem demais.

Entrevistadora: A senhora poderia falar um pouquinho desse tipo de orientação?

Diretora da Escola: A gente tem parceria com a Secretaria de Saúde, e quase todos os meses os enfermeiros vem aqui na escola e faz palestras, oficina com as meninas, mostra todos os caminhos para elas não engravidarem. Todas as formas de evitar gravidez eles trabalham. Professor de biologia também. (...) Por que depois de tanta orientação que a gente dá aqui na escola não sei por que ta acontecendo.

Entrevistadora: Mas no caso assim, vocês falam no sentido assim delas se prevenirem ou assim no sentido de dizerem para elas não fazerem. Como é assim a linha?

Diretora da Escola: A gente trabalha também essa questão, de esperar assim, uma idade, né? Que elas sejam mais maduras, mais preparadas, a gente trabalha essa questão também. Além da prevenção que vocês de fora também trabalham. A gente também trabalha essa questão da importância do sexo na idade correta, quando a pessoa estiver mais madura, mais preparada.

De acordo com os PCN’s (1998), o tema da sexualidade, assim como gênero, deve ser trabalhado na escola como um tema transversal. Dessa forma, espera-se que esse assunto esteja presente nas discussões das diversas disciplinas em escolas públicas e

particulares do país. Todavia, o que se observa muitas vezes é que esses temas são de difícil acesso por parte de educadores, que muitas vezes preferem não tocar no assunto, talvez pela sua incapacidade de lidar e reconhecer seus preconceitos, preferindo silenciar sobre o assunto, com o medo de incentivar, ou exercer outras formas de controle.

Para Castro (2006) a escola é um excelente lugar para lidar com temas relacionados à sexualidade, porém isso não garante um planejamento adequado para tal. As estratégias de palestras, muito utilizadas nas escolas inclusive onde Nina estudou, pode deixar o assunto superficial e não garante a continuidade. Formas monótonas de lidar com o tema se distanciam ainda mais das realidades vividas pelos alunos.

A esse respeito, Vieira (2006, p.12) acrescenta:

A escola, por ser um importante espaço de sociabilidade e socialização juvenil e um dos principais contextos de interação cotidiana, configura-se um espaço estratégico para estimular discussões sobre sexualidade, DST/AIDS, assim como sobre equidade de gênero.

Ao final da entrevista ela resume a sua percepção e o seu posicionamento diante da gravidez de suas alunas. Tal trecho reitera o anterior de fundo universalista, desenvolvimentista e patológico:

Entrevistadora: E o que é que a senhora pensa assim sobre gravidez na adolescência?

Diretora da Escola: É uma coisa muito séria. Eles praticamente deixam de viver a infância, né? E a juventude para ter uma responsabilidade grande, né? É quase uma criança cuidando de outra, aí muitas vezes não tem estrutura para criar, aí os avós é que vão sofrer também, né? Vão sofrer também ajudando a criar essas crianças. Eu acho que é muito sério, é um prejuízo muito grande para vida dessas adolescentes. Eu penso assim, que futuramente elas vão ter outros problemas maiores, uma depressão por não ter vivido aquela época da vida. Eu acho que para uma pessoa ter um futuro, ser uma pessoa madura e saudável, eu acho que ela tem que viver cada momento da sua vida de forma certinha, né? (...) Aproveitando cada fase da vida, a infância, a adolescência também, a fase jovem, eu acho que se torna um adulto saudável. E essas meninas que não tiveram isso, eu acho que elas vão apresentar problemas com os próprios filhos depois, mais adiante. Vão passar esses problemas para eles. Eu acho que é um assunto muito sério mesmo.

É nítido como esse último trecho é demasiadamente marcado por preconceitos baseados numa lógica de desenvolvimento que a entrevistada reitera constantemente em seu discurso. Ainda chama atenção para o tom pessimista dessa situação, comprometendo toda a vida da jovem mãe e de seus filhos.

Fica clara a total falta de habilidade da escola, aqui representada pela sua diretora, em lidar com temas relacionados à sexualidade. Ela não cumpre seu papel mobilizador de opinião crítica sobre o assunto, visto que ele é associado à proibição, sempre direcionada às mulheres. Suas estratégias de trabalhar a temática da sexualidade no ambiente escolar terminam por reforçar as formas de controle da sexualidade feminina.

Para Menezes et al. (2012) é preciso preocupar-se para que a formação dos professores contemple a temática dos direitos sexuais e reprodutivos. Dessa forma, o assunto da sexualidade poderia ensaiar um caminho diferente daquele histórico da repreensão e do medo.

Vale lembrar que o conhecimento é também uma forma de poder. Através dos diálogos com seus pares, incentivados pelos profissionais da escola, os jovens têm mais opções de escolhas que interferem em suas decisões quanto às práticas da sexualidade, inclusa aqui a dimensão das responsabilidades.

Em perspectiva semelhante à adotada pela diretora da escola, a última pessoa integrante da rede de apoio de Nina foi a representante do programa “Mãe Coruja”, do qual Nina era beneficiária. Ela entende que a gravidez na idade de Nina como um absurdo, já que foge à regra de que deveriam viver a adolescência sem serem mães, tal como podemos perceber abaixo:

Entrevistadora: E assim, o que é que tu acha sobre a gravidez na adolescência?

Representante do “Mãe Coruja”: Mulher, assim, é uma coisa complicada... que às vezes pode chegar alguém a dizer que é falta de informação, mas eu não acho que é falta de informação porque a mídia é só o que fala, fala muito, muito, muito... (...) Mas, geralmente as daqui eu acho que não é por vontade... é porque acha que não vai acontecer com ela, geralmente é assim.

Entrevistadora: E tu acha que é um problema? A gravidez na adolescência é um problema?

Representante do “Mãe Coruja”: Eu acho, acho que a adolescência ela tem que ser vivida como adolescente e não como mãe.

Essa visão ganha respaldo na idéia de que nessa época da vida não é o tempo certo de ter filhos, essas jovens que engravidam, a exemplo de Nina, ferem a ordem social do momento ideal para engravidar (SCOTT, 2001; SILVA 2002).

Quando se refere a Nina, deixa sua recriminação ao ocorrido e, assim como os demais integrantes da rede, reitera a visão de Nina como “uma criança cuidando de outra criança”.

Representante do “Mãe Coruja”: E ai quando eu soube que ela tava grávida do primeiro filho, que agora ela já teve o segundo filho, quando

eu soube que ela tava grávida do primeiro filho foi, assim, pra mim um absurdo, não quis acreditar ‘meu Deus não tem condições’, eu achei que ela não fosse ter o filho.

Entrevistadora: Por que?

Representante do “Mãe Coruja”: Porque você olha pra ela e você não dá, quando ela teve o primeiro filho você não dava dez anos pra ela, você achava que ela era uma criança de nove anos, que ela é muito pequenininha, ela teve o segundo filho agora e você não diz que ela tem dois filhos, você não diz que ela tem filho de jeito nenhum.

Esse posicionamento legitima a forma de perceber a gravidez entre jovens como um problema social. Conforme discutido anteriormente, essa visão é amparada na noção de risco e na consideração de que essas jovens mulheres não têm condições físicas nem psicológicas para a maternidade (AQUINO et al., 2003).

5.2.5 Os projetos de vida após a gravidez

Ao longo das análises dos discursos da rede de convívio e apoio de Nina, foi possível perceber que os integrantes participantes não conseguiram identificar os projetos que Nina comentava para sua vida. Ela tinha um estilo de vida definido, obedecia às expectativas sociais para as mulheres da sua idade: freqüentava a escola e cumpria os deveres domésticos. A gravidez, fruto de um relacionamento escondido, foi algo inesperado para esse contexto.

A representante da Associação dos Moradores acrescenta que Nina não comentava sobre seus projetos de vida, mas ela mesma percebe que a maternidade não deve impedir Nina de estudar e trabalhar, conforme trecho abaixo:

Entrevistadora: E ela comentava alguma coisa com a senhora assim do que ela queria assim pra vida dela?

Representante da Associação dos Moradores: Não, que eu me lembre não.

Entrevistadora: E o que é que sê imagina de, do futuro de Nina?

Representante da Associação dos Moradores: Homem, eu acho que, na minha opinião, eu acho que nunca é tarde, né? Por causa que ela é nova ainda, tem toda uma vida pra frente. Porque ela teve dois filhos que vai impedir dela crescer mais ainda. Ai agora, resta querer, né? Se ela quiser tem possibilidade de crescer mais e mais ainda. Na vida pessoal, na vida independente, profissional, estudar, seja lá o que ela planeje na vida dela, né? Ai assim fica um pouco difícil porque ela não comenta. Só se ela comenta com outras pessoas, mas assim, planos mesmos assim de saber que ela assim, querer voltar a estudar, de, dessas coisas... Ai por isso que eu não sei bem em mente o que ela planeja pra futuro dela, né?

Já para a diretora da escola, é difícil pensar em projeto de vida que envolva a educação quando não há espaço de conquistas através dos estudos na comunidade, assim como os exemplos de sucesso são escassos:

Entrevistadora: Elas (alunas que engravidaram) comentavam assim com a senhora, por exemplo, o que elas queriam para a vida delas? Elas tinham perspectiva do que iam fazer?

Diretora da Escola: Não. Mas geralmente esses adolescentes, eles não tem perspectiva, eles estudam por estudar, eles acham que os estudos não vão levar eles a nada. E tem tantas pessoas aqui que são formadas e que não tem emprego, ai eles acham que não tem perspectiva de vida, de ter um futuro melhor, eles não têm.

Entrevistadora: Eles não comentam isso com a senhora?

Diretora da Escola: Não, não comentam nada. Só entende-se pela maioria, né? É muito trabalho da gente convencer o pessoal de se esforçar pra estudar, de que o estudo é importante, mas a maioria diz que não tem não. Nenhuma perspectiva de vida.

Esse discurso também está imbuído de uma perspectiva negativa da própria adolescência. Não ter perspectivas de futuro é colocado como comum entre os adolescentes, não apenas pela falta de reconhecimento e oportunidade. É possível perceber a impressão de que há alguma característica da própria adolescência que justificaria esse descompromisso com os estudos.

Todavia, apesar desse discurso universalista da diretora da escola, Nina consegue descrever que deseja voltar a estudar, assim como quer que seus filhos estudem. Ela mesma percebe que a comunidade não valoriza que as mulheres casadas e com filhos estudem ou trilhem caminhos de autonomia. Fica claro que para realizar seu projeto de vida, que não foi reconhecido pela rede de apoio, Nina precisará lutar contra os costumes do contexto onde vive e fugir às impressões de alguns membros da sua própria rede de apoio, a exemplo da diretora da escola.

Entrevistadora: Tu falasse que tinha vontade de fazer coisas maiores... tu falasse e eu não entendi.

Nina: Que eu tenho vontade de voltar a estudar e consegui se formar.

Entrevistadora: E tu quer trabalhar com alguma coisa?

Nina: Mas é que o povo diz que hoje em dia diz que muié casada não precisa estudar.

Entrevistadora: Por quê?

Nina: Principalmente muié que já teve ffo, ai que o povo ignora.

Entrevistadora: Quem é que diz isso?

Nina: O povo daqui.

Entrevistadora: O povo daqui da tua comunidade?

Nina: O povo daqui é um fuxico da peste.

Entrevistadora: Mas e aí, você vai ouvir o que o povo tá dizendo?

Nina: Eu não, mermo que ele (o companheiro) não queira que eu estude, eu vou estudar de novo.

É preciso considerar que para as jovens mulheres em muitas regiões rurais do Brasil, assim como na localidade onde Nina reside, as perspectivas de futuro estão direcionadas ao casamento que lhe propiciará o acesso à terra e a continuidade dos costumes da comunidade, agora na função de esposa. Cuidar da casa, do marido, dos filhos e ajudar no roçado é o esperado quando essas jovens se unem aos seus companheiros.

Stropasolas (2004) lembra que é difícil aos jovens de maneira geral, pensar em projetos de vida individuais no contexto em que os projetos familiares são coletivos:

Todavia, a literatura tem ressaltado que nas formas sociais camponesas sempre houve um espaço restrito para a expressão das expectativas e valores dos jovens, tendo em vista que os padrões culturais que influenciavam a reprodução social de categorias nucleantes, como o trabalho familiar, o patrimônio da propriedade e o casamento, definiam papéis que subordinavam as aspirações pessoais dos membros da família aos interesses coletivos, cerceando a liberdade e a participação dos jovens no processo decisório (STROPASOLAS, 2004, p. 256).

Aguiar e Stropasolas (2010) consideram que essa condição de subordinação do jovem na agricultura familiar é ainda maior para as mulheres já que apenas os homens são incentivados a aprenderem desde cedo a cuidar dos serviços da agricultura da família. A dependência financeira de homens e mulheres aos pais também os impedem de alçar novos projetos de futuro.

Dessa forma, os jovens homens e mulheres não são acostumados a pensar novos projetos de vida que interrompam o inicialmente configurado pela sua família. A diferença é que os homens têm privilégios nesses projetos familiares visto que são desde pequenos incentivados ao trabalho como a terra e tem a herança como uma promessa de conquista. Já às mulheres resta acompanhar esses homens, inicialmente os pais e posteriormente os maridos.

Por isso, não é de se estranhar que os integrantes da rede de convívio e apoio de Nina não identifiquem seus projetos de vida. Já é esperado que Nina continue ao lado do seu companheiro exercendo as funções de esposa e mãe.

Para manter a esperança em novos projetos para o futuro, Stropasolas (2004), fala da importância da educação não apenas para a jovem trilhar novos caminhos profissionais, mas também como oportunidade de novos relacionamentos, o que interfere

significativamente na realidade de isolamento social vivenciada pelas mulheres. Conforme disposto abaixo:

O acesso à educação se constitui praticamente um ‘divisor de águas’ matrimoniais pelas oportunidades (profissionais e afetivas) que se ampliam na vida de quem decide pelo ou usufrui o privilégio de ser escolhido para dar continuidade aos estudos (STROPASOLAS, 2004, p.259).

Por isso, é extremamente relevante que Nina expresse seu desejo em voltar a estudar. A escola poderá lhe oferecer oportunidades para pensar sua vida e dos seus filhos de maneira diferente do que lhe foi proporcionado até então. Dessa forma, poderá transgredir a naturalização esperada para a sua história e trilhar rumos de maior independência afetiva e social. Se o trabalho no campo não exige escolarização, para qualquer outro projeto, em sua comunidade, ou fora dela, sua formação escolar será importante.

Ressaltamos ainda que foi possível perceber a partir das entrevistas com sua rede de convívio e apoio, que em termos práticos, Nina poderá contar com o apoio da família do seu companheiro para realizar seu projeto de vida aqui relatado. Mais especificamente, a mãe do seu companheiro falou diretamente que poderia ficar com as crianças para que Nina voltasse a estudar. Certamente, a preocupação sobre com quem deixar os filhos para ir à escola, considerando a ausência do companheiro no trabalho sazonal, estará presente nos movimentos para realização do seu projeto de vida.

5.2.6 Analisando os circuitos da semente Nina

O contexto de vida da semente Nina é formado por “circuitos integrados” (HARAWAY, 2009) que legitimam fortes marcas de gênero e geração. Geracionalmente, Nina é considerada pelos membros da comunidade como uma criança e por isso deveria manter-se longe dos assuntos da sexualidade, sobretudo da gravidez. Essa percepção foi considerada por todos os integrantes da sua rede de convívio e apoio.

Em termos de gênero, Nina vive numa comunidade com fortes marcas do patriarcado onde os homens detêm os privilégios da circulação social através do trabalho e oportunidades de lazer. A partir desse trabalho masculino é que as famílias são sustentadas e a comunidade mantida. As mulheres dedicam-se aos trabalhos domésticos e aos cuidados com os filhos e marido, trabalho esse pouco valorizado por não ser considerado produtivo.

A comunidade, representada não apenas pela rede de convívio e apoio da semente, mas também pelos vizinhos, contribui para fortalecer esse circuito que exclui às mulheres a circulação social e as experiências da sexualidade.

Esse circuito é formado com a força de múltiplos representantes, mostra-se, assim, de difícil “desintegração” (QUADROS; ADRIÃO; XAVIER, 2011). Todavia, Nina alça os primeiros passos de insatisfação a esse circuito quando se encoraja para manter um relacionamento às escondidas e, mais fortemente, quando descobre o relacionamento da mãe com o seu companheiro. Apesar do jeito recatado de sua entrevista, é possível perceber que Nina não concorda com o que aconteceu e promove a mudança de sua moradia, assim como o distanciamento da sua mãe.

Porém, na medida em que Nina ousa tentar romper com a lógica de gênero de que o homem nessa comunidade pode tudo, inclusive manter relações sexuais com mais de uma mulher ao mesmo tempo, no seu caso com sua mãe, não lhe resta alternativa de sobreviver com seu filho, se não aquela de manter-se com seu companheiro.

Ela, mais uma vez, demonstra desejo de romper com essa lógica circundante quando relata que planeja voltar a estudar, mesmo sem o apoio de alguns dos membros da sua comunidade. Todavia, não é possível prever se Nina encontrará apoio para realizar esse projeto tanto por parte dos membros da sua rede de convívio, quanto da parte de políticas públicas que deveriam proteger seus direitos.

Os serviços de saúde só começam a fazer parte da vida de Nina no momento da sua gravidez. Não há indicação de serviços de saúde próximos à sua moradia, ela precisou ir até outra cidade em busca desse atendimento. Esse fato já mostra como o aspecto “saúde” não faz parte da rede da vida de Nina.

A escola faz parte desse circuito e contribui com a noção de precocidade e patologia da sua gravidez. Apesar da diretora não identificar mudanças no tratamento com as alunas mães, ficará ainda mais difícil para Nina resgatar seus projetos em ambiente repreensivo e que a enxerga como um “problema” e um contra exemplo aos valores educacionais ali presentes.

Dessa maneira, é possível perceber um circuito bastante coeso para valorização das atividades masculinas e submissão da mulher. Parece que nesse contexto as discussões de direitos sexuais e reprodutivos ainda não chegaram e os valores feministas de independência e luta pelos direitos das mulheres não encontram eco na rede de convívio e apoio acima identificada.

5.3 Aproximações e diferenças entre as sementes

Apesar de não pensarmos para nossa pesquisa em exercer um trabalho comparativo entre os campos urbano e rural, fez parte dos nossos objetivos analisar as diferenças e possíveis aproximações dos percursos afetivo-sexuais das jovens, considerando as especificidades dos contextos de vida. Por isso, dedicamos esse espaço para revisitarmos as histórias das sementes na tentativa de propormos um encontro entre essas duas jovens que têm em comum o evento da gravidez em suas vidas.

Começamos esse encontro com a semente Juno, moradora de um bairro pobre de Recife, uma jovem que tem vida ativa na cidade. Participa das atividades de cultura e lazer, sai com amigos e experimenta sua sexualidade com certa liberdade. Sua trajetória afetivo-sexual é desenhada por encontros de “ficar” onde acontece a experiência da relação sem compromissos, namoros e o “morar junto”.

Nina é a semente do meio rural, vive na zona rural de um município do sertão pernambucano, um ambiente de muito isolamento. Tem seus passos controlados por sua mãe e carrega consigo a expectativa de uma comunidade com valores tradicionais onde a mulher tem a sexualidade bastante vigiada. Suas relações sociais são limitadas ao universo familiar e vizinhança; não tem oportunidades de lazer e seu único acesso à vida fora da comunidade é a escola. Pelo seu relato, sua trajetória afetivo-sexual foi desenhada a partir de encontros escondidos com um rapaz da sua vizinhança. Não relata ter outras experiências afetivas e/ou sexuais fora esse parceiro.

As diferenças entre essas histórias parecem gritantes e provavelmente o sejam. Juno tem a liberdade de circulação social e experiências da sexualidade que Nina não tem e possivelmente não chegaria a ter, mesmo quando adulta. As duas vivem as experiências da sexualidade, conforme lhes é possível com seus pertencimentos sócio-econômicos.

Dessa forma, é possível perceber que as especificidades dos contextos de vida também tornam distintas as oportunidades de duas jovens vivenciarem sua sexualidade. Todavia, os aspectos de gênero estão presentes em ambos os contextos como fonte de desigualdades entre essas sementes e seus companheiros. Esse encontro entre as sementes tem marcas visíveis de diferenças, mas também dá-nos a entender que as relações de poder e a negação de usufruir dos seus direitos sexuais e reprodutivos são pontos em comum que perpassam contextos tão diferentes.

Com um olhar mais próximo, é possível perceber que elas também se encontram em outros aspectos. Ambas mantinham relações sem proteção antes do nascimento do (a) filho (a) e após esse nascimento, dedicam-se exclusivamente aos seus cuidados. Elas vivem em relação estável com seus parceiros e deles dependem financeiramente.

A seguir, teremos o espaço para ensaiarmos a conclusão desse trabalho e propormos as considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme iniciamos no tópico anterior, é chegado o momento de levantarmos nossas questões finais e ponderarmos conclusivamente sobre esse trabalho. De início, gostaria de considerar que as histórias dessas sementes são inquietantes. Essa inquietação servirá para pensarmos não apenas em suas vidas e nas vidas dos integrantes das redes de convívio e apoio aqui reveladas. São histórias que representam em nosso país quase doze milhões de mulheres com idades entre 12 e 18 anos²², faixa etária que contempla as duas sementes estudadas, sendo que em torno de dez milhões vivendo no contexto urbano e dois milhões no contexto rural.

Nesses contextos de vida, a experiência da gravidez dessas jovens, inicialmente não planejada, mostrou duas novas mães cuidadosas e preocupadas com seus filhos. A idéia quase hegemônica de precocidade e incapacidade para essa gravidez foi contrastada com esse fato: as “meninas” sabem dar conta dos seus filhos e das atividades domésticas, conforme a lógica de gênero atual reitera as expectativas para uma mulher adulta. Dessa forma, essas mulheres mostraram que a vida cotidiana é muito mais complexa do que a obediência de fases de desenvolvimento.

As experiências da gravidez chocaram mais por irem à contramão das expectativas sociais para essas jovens mulheres do que pelas conseqüências em suas vidas. Esperava-se que essas jovens estivessem dedicadas aos estudos e deixassem as experiências da sexualidade para a “hora certa”.

Mas, o que vimos foi que em ambas as situações de vida, a escola parece ter perdido o sentido mesmo antes da gravidez dessas jovens. Para a jovem do contexto urbano, a escola é desinteressante, faltando-lhe a motivação para superar as características negativas do local e pensá-la instrumentalmente como importante para seu futuro. Já para a jovem do contexto rural, a escola fica territorialmente distante e faz parte de um cenário de vida em que a escolarização não se mostra fator relevante para dar continuidade à vida na comunidade.

E qual seria a “hora certa” para iniciar as experiências da sexualidade? Essa pergunta precisa de uma resposta considerada um “divisor de águas” o que na vida real efetivamente não acontece. Mesmo tão silenciada, a sexualidade faz parte da vida de cada um e não está presa a critérios etários.

²² Fonte: www.IBGE.gov.br, Censo Demográfico 2010.

Mesmo com a liberdade de circulação social vivida pela jovem do contexto urbano, engravidar foi um choque para muitos da sua rede de convívio e apoio. Essa liberdade de usufruir os espaços públicos da cidade parecia não ecoar sobre as escolhas para sua vida.

Para a jovem do meio rural da pesquisa a sexualidade não era apenas silenciada por todos do seu convívio, como também extremamente vigiada por familiares e vizinhança. Um contexto de vida fortemente marcado pelo machismo, a jovem pesquisada teve a ousadia de experimentar aquilo que era tão calado e, ao mesmo tempo, demonstrou forças para discordar da situação da traição intra familiar que reiterava a onipotência masculina. Certamente, ela não passou imune por essas situações: ficaram marcas de violência em seu corpo e sua vida passou a ser alvo de piadas e fofocas na comunidade.

As desigualdades de gênero ficaram representadas em vários sentidos. Do controle da sexualidade feminina à liberdade das experiências masculinas. Da reserva das mulheres ao universo privado nos cuidados domésticos à responsabilidade masculina de sustento da casa através da exploração do universo público produtivo.

Ainda com as demonstrações das sementes da capacidade de promover a desintegração desse circuito de gênero, com a gravidez a necessidade financeira para auto sustento e dos seus filhos, fez com que elas caíssem na dependência dos seus companheiros, vivendo exclusivamente para as funções do lar. Mas, como poderia ser diferente? Como essas jovens mulheres poderiam trilhar caminhos de autonomia com seus filhos?

A resposta retoma a importância das oportunidades de convívio social, dentre elas a escola. A diversidade de experiências que rondam os muros da casa e da comunidade é de grande relevância para a percepção de novas formas de vida. Através da educação formal essas mulheres podem mudar o rumo de suas histórias e ter opções de escolhas para suas vidas. Dessa forma, é possível às mulheres diferenciarem-se no mercado de trabalho urbano, mesmo diante das dificuldades de classe que limitam as oportunidades em nosso país. É também através da educação que a jovem rural pode ter opções de escolha se quer, ou não, continuar na comunidade e nas atividades da agricultura.

Também é importante o sentido da Educação Sexual não apenas como função da escola, mas também da família e dos serviços de saúde. Conforme constatamos, a informação é um dos aspectos envolvidos no uso de métodos preventivos, além das

negociações entre as partes. Mas, certamente, se melhor entendidas sobre seu corpo e seus direitos, as jovens mulheres podem iniciar experiências com mais autonomia e responsabilidade.

Evidenciamos ainda que as estruturas vulnerabilizantes presentes nas vidas dessas jovens podem ser superadas com o preparo dos espaços sociais para receber essas mulheres em usufruto do direito de serem mães. Pensamos com isso que a escola, além de instrumento empoderador para diferenciar o presente e o futuro dessas mulheres, é um importante espaço de socialização que precisa estar preparado para receber essas jovens mães. A convivência entre pares pode ser estratégia de superação do isolamento social que as atividades exclusivamente domésticas podem provocar.

Importante ainda lembrarmos que as atividades dos movimentos sociais que tem freqüentemente feito diferença na vida de jovens mulheres também precisam ser receptivas para as jovens mães. Identificamos que o Movimento Hip Hop foi distanciado com a gravidez da jovem do contexto urbano, justamente quando poderia contribuir ainda mais para o fortalecimento de sua autonomia e continuar o incentivo à sua participação cidadã.

Já no contexto rural, há necessidade na melhora de serviços (educacionais e de saúde, por exemplo) a começar pela proximidade territorial com a população da comunidade. Fica ainda mais difícil nesse local para a população, de maneira geral, usufruir dos seus direitos à educação e à saúde, quando a escola e o posto de saúde mais próximos ficam a quilômetros de distância da sua moradia, em um ambiente onde os meios de transportes públicos são ineficientes.

É necessário ainda pensar no contexto rural em espaços de convivências juvenis onde homens e mulheres possam participar igualmente de atividades de lazer e cidadania.

Por fim, refletimos que em ambos os contextos, os direitos sexuais e reprodutivos passaram despercebidos por todos os integrantes da rede de convívio e apoio, à exceção da representante de saúde do contexto urbano. Tal fato nos fez questionar se esses direitos são de conhecimento da população brasileira ou se os discursos normativos de controle contribuem para que ele permaneça restrito à academia e às teorias das políticas públicas, sem sua verdadeira consolidação na vida cotidiana das pessoas.

Dessa maneira, esperamos que os frutos do nosso trabalho, através das nossas inquietações, dúvidas e proposições possam contribuir com a reflexão da diversidade de

experiências juvenis, dentre elas a gravidez, e para a prática de discursos e ações pautadas nas perspectivas dos direitos, em mãos dadas com as noções de responsabilidade e menos impregnadas de conceitos moralizantes.

Reiteramos, assim, o nosso compromisso político e acadêmico de somar esforços para que as jovens mulheres, mesmo em situações de vida longe dos eixos político administrativos das capitais, possam viver com mais liberdade e equidade de direitos. Consideramos ainda que essas reflexões não terminam por aqui. Elas foram frutos dos nossos atuais olhares de pesquisadoras e podem ainda alcançar novas perspectivas a partir de outros olhares, em diferentes momentos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, K. G. et al. **Significados e práticas relacionadas à gravidez na adolescência em diferentes redes de convívio e apoio: um estudo comparativo entre as mesorregiões da região metropolitana de Recife e do Sertão (PE)**. Recife: UFPE, 2010.
- AGUIAR, V. V. P.; STROPASOLAS, V. L. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. ; MENEZES, M. (Orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina : Ed. Mulheres, 2010. p.159-183.
- AQUINO, E. M. L. de et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, 2003. p. 5377-5388. Suplem. 2.
- BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.1, jan./abr. 2008.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.
- BECKER, H. **A história de vida e o mosaico científico**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- BIRMAN, J. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, M. R.(Org.). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006. p. 25-43.
- BLANCHET, A.; GOTMAN, A. L'enquête et les methodes. In: SINGLY, F. **L'enquête et les methodes: l'entretien**. Paris, 1992.
- BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In HEILBORN, M. L. (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 63-87.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CASTRO, E. G. de. As jovens rurais e a reprodução social de hierarquias. In: WOORTMANN, E. F. ; HEREDIA, B.; MANASCHE, R. (Orgs.). **Margarida Alves: coletânea de estudos rurais e gênero**. Brasília: MDA/IICA, 2006. (mimeo).
- CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 57, n.1, 2005. p. 2-11.

CORDEIRO, R. L. de. M. Gênero em contextos rurais: a liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres do Sertão Pernambucano. In: VILELA, A. M. J.; SATO, L. (Orgs) **Diálogos em Psicologia Social**. Porto Alegre, 2007.

COSTA, M. R.; MENEZES, J. A. **A arte na política**: um estudo do movimento Hip Hop na cidade de Recife. Recife: UFPE, 2007.

D'ANGELO, H. O. **Modelo integrativo del proyecto de vida**. Habana: Provida, 1994.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

HARAWAY, D. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HEILBORN, M. L. et al. Aproximações antropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.8, n. 17, jun. 2002. p. 13-45.

LONGHI, M. R. Afetividade, gênero e relações intergeracionais da perspectiva de jovens e famílias. In: SCOTT, P.; ATHIAS, R.; QUADROS, M. T. (Orgs.). **Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas**. Recife: UFPE, 2007. p. 55-75.

MANDELLI, M. T., SOARES, D. H.; LISBOA, M. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.63, 2011. p.1-15.

MENEZES, J. A. et al. Gravidez e maternidade na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização. **Revista Percursos**, Florianópolis, v.13, n. 2, jul./dez. 2012. p. 134-154.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, 1993. p. 239-262.

MINTZ, S. Encontrando Taso, me descobrindo. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n.1, 1984.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n. 3, set./dez. 2006. p. 647-654.

NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Metodologia feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas Ciências Sociais. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.18, n. 3, dez. 2005. p. 408-412.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8, n. 2, 2000.

NUERNBERG, A. Reflexões sobre gênero e psicologia no Brasil. In: LAGO et al. (Orgs.). **Gênero e pesquisa em psicologia social**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

OZELLA, S. **Adolescências construídas**: a visão da Psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, jan./abr. 2008. p. 97-125.

PANTOJA, A. L. N. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 335-343, 2003. Suplem. 2.

PAULO, M. de A. L. de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina : Ed. Mulheres, 2010. p. 345-368.

PAIM, H. H. S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. p. 31-47.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

QUADROS, M. T. Jovens, contracepção e conversas com os pais: comparando opiniões de moças e rapazes de famílias urbanas e rurais. In: SCOTT, R. P.; ATHIAS, R.; QUADROS, M. T. de. (Orgs.). **Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas**. Recife: UFPE, 2007.

QUADROS, M.; ADRIÃO, K; XAVIER, A; Circuitos (dês)integrados? Relações de convivência entre mulheres jovens e profissionais de saúde numa comunidade de periferia da cidade do Recife (PE). In: NASCIMENTO, P.; RIOS, L. F. (Orgs.). **Gênero, saúde e práticas profissionais**. Recife: UFPE, 2011. p. 73-94.

QUEIROZ, M. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Queiroz Editor, 1991.

RIOS, L. F. et al. Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.13 n. 4, out./dez. 2008. p.1-10.

RIOS, L. F. et al. Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, 2002. p. 45-61.

SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SALEM, T. Entrevistando famílias: notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, E. (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SALES, C. M. V. Gênero e geração no âmbito dos assentamentos rurais e da reforma agrária. In: SALES, et al. (Org.). **Terra, sujeitos e condição agrária**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 2007. p. 79-100.

SCOTT, J. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 2, 1995. p. 71-99.

SCOTT, R. P. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital. **Interface**, Botucatu, v. 5, n. 8, fev. 2001. p.61-72.

SCOTT, R. P. Moraes, religião e sexualidade em contextos urbano, rural e indígena: namoro, aborto e responsabilidade. In: SCOTT, R. P.; ATHIAS, R.; QUADROS, M. T. de. (Orgs.). **Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas**. Recife: UFPE, 2007. p.13-54.

SILVA, V. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 22, n. 57, ago. 2002. p. 97-115.

SILVA, M. S. da; MENEZES, M. A. de. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das Esposas, Mães e Namoradas dos Migrantes Sazonais do Município de Tavares – PB. In : SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina : Ed. Mulheres, 2010. p. 281-310.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M.V. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIQUEIRA, A. C.; BETTS, M. K.; DELL'AGLIO, D. D. Redes de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados. **Interam. J. Psychol.**, v. 40, n. 2, 2006. p. 149-58.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva**. Campinas: Unicamp, 2006.

STROPASOLAS, V. L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, jan./abr.2004. p.253-267.

STROPASOLAS, V. L. Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural. In: GARANÁ, E. de C.; CARNEIRO, M. J. (Orgs.). **Juventude Rural em perspectiva**. Mauad X, 2007. p. 279-293.

TONELI, M. J. Direitos sexuais e reprodutivos: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da Psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.16, n.1, 2004. p. 151-160.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VIEIRA, R. S. Tem jovem no campo! Tem jovem homem, tem jovem mulher. In: WOORTMANN, E. F.; HEREDIA, B.; MENASHE, R. (Orgs.). **Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero**. Brasília: NEAD Especial, 2006. p. 195-213.

VENTURA, M. **Direitos reprodutivos no Brasil**. Brasília: Edição do autor, 2009. p. 17-32 e 271-284.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v.15, out. 2000. p. 87-145.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa sobre gravidez na adolescência. Sua contribuição se dará através de concessão de uma ou mais entrevistas, fonogravadas, de cerca de 2 h cada uma, em local que você ache mais conveniente. Sua participação não envolve custos, você também não receberá nenhuma compensação financeira ou de outro tipo pela participação; mas muitas pessoas se sentem recompensadas em contribuir com a pesquisa científica.

A pesquisa não envolve riscos ou danos a saúde. A você serão garantidos a confidencialidade e o anonimato. Você também tem o direito de não responder algumas das perguntas ou de, a qualquer momento, interromper a entrevista, pode inclusive determinar que as informações que já tenha nos dado sejam colocadas de fora do resto do material coletado. A assinatura deste consentimento não inviabiliza nenhum dos seus direitos legais. Caso ainda haja dúvidas, você pode tirá-las agora, ou em qualquer momento. Você pode contatar a coordenadora da pesquisa, Karla Galvão Adrião (Professora do Departamento de Psicologia / UFPE), pelo telefone 2126 8270.

Após ter lido e discutido com o pesquisador os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar da(s) entrevista(s), colaborando, desta forma, com a pesquisa *“Significados e práticas relacionadas à gravidez na adolescência em diferentes redes de convívio e apoio: um estudo comparativo entre as mesorregiões da região metropolitana do Recife e do Sertão (PE)”*.

Assinatura do pai/mãe ou responsável legal

Assinatura do entrevistado

Assinatura do entrevistador

Data e local da entrevista: _____

ANEXO B

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA AS JOVENS SEMENTES

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

1. Nome
2. Idade
3. Onde nasceu?
4. Se trabalha, em quê/onde/quantas horas?
5. Escolaridade: você estuda? Está em que série? Estudou até que série?
6. Raça/etnia: qual é a sua cor?
7. Religião: você tem religião? Qual? Se sim, com que frequência pratica?
8. Configuração da família de origem. (pai, mãe, irmãos (ãs) avós, tios (as))
9. Com quem mora atualmente?

ANTES DA GRAVIDEZ

10. Conte sobre sua vida antes da gravidez: onde e com quem morava? Escola? Trabalho? Amizades? Lazer? Religião? Esporte? Participava de algum programa social? Qual? Participa de algum grupo/movimento/ONG? Qual? Namoros?
11. Gostaria que você me contasse a sua história de vida amorosa, os seus amores.
12. Com quem foi a sua 1ª vez? Como foi? E depois, teve outros parceiros? Se sim, como foi?
- 12.1- E como foi com o pai do seu/sua filho (a)?
(importante perguntar se ela se preocupava com a gravidez ou com doenças sexualmente transmissíveis. Usava algum método? Quais?)
13. Saúde: como era o atendimento da ACS, posto de saúde? Você ia antes de engravidar? Você pegava preservativo no posto? Se não, por quê?
14. A sua família proibia algo a respeito da sua vida amorosa? Quais eram as proibições? Quem controlava? Havia 'coisas' que os seus irmãos podiam fazer e que era proibido para você e suas irmãs?
15. Como conheceu o pai do (a) filho (a)?

O EVENTO GRAVIDEZ: A NOTÍCIA

- 16- Como descobriu a gravidez? O que se passou pela cabeça? (como se sentiu?)
- 17- Quando você soube da gravidez para quem você contou primeiro?
- 17.1- Se não foi para o pai da criança perguntar quando contou para ele?
18. Quando descobriu a gravidez pensou em abortar? (em não ter o(a) filho(a)?) Por que não?
19. Quando souberam (pai da criança) da gravidez o que pensaram em fazer?
- Explorar a relação do pai da criança com a gravidez.
20. Como contou para família; vizinhança; escola; religião, trabalho. Qual foi a reação família; vizinhança; escola; religião ou se descobriram? O que eles falam sobre a sua gravidez? Eles lhe tratam (tratavam) de forma diferente?
- 20.1. Escola: Como seus professores receberam a notícia? Ajudaram? E seus colegas de escola?
- 20.2. Religião: Como o grupo religioso recebeu a notícia? Ajudaram? Como líder religioso recebeu a notícia? Ajudou? Se sim, como foi essa ajuda?
- 20.3. Grupo/Movimento?ONG: Como esse grupo recebeu a notícia? Ajudaram?

O EVENTO GRAVIDEZ: DESDOBRAMENTOS

(observar se a criança já nasceu, neste caso, considerar isso nas questões)

21. Para onde você costuma sair para se divertir? Com quem?
22. Sexualidade na gravidez: Como é seu desejo sexual durante a gravidez? E sua relação com o companheiro? Você continua saindo? Você recebe 'cantadas' e/ou se sente paquerada na rua?
23. Família: Como ficou a sua relação com a família (de origem)? E com a família do pai do seu(sua) filho(a)? Como eles lhe tratam?
- 23.1. A família interfere no seu relacionamento com o pai de seu filho? Durante a gravidez (e/ou depois) sua família impede você de alguma coisa?
24. Amigos: O que eles acharam da gravidez? Acompanharam a sua história? Você continua tendo contato com os(as) amigos(as)? Quem são os(as) amigos(as) de agora? O que fazem juntos?
25. Vizinhança: A forma como seus vizinhos tratam você mudou? Como eles vêm você agora?
26. Saúde: Depois que engravidou, como foi o pré-natal? Como foi o parto?

E depois do nascimento da criança, você recebe atendimento de planejamento familiar? E como foi o atendimento/puericultura da criança?

27. Escola: Como está na escola hoje? Você gosta da escola? Como está sendo? Se não estiver na escola, perguntar do que mais sente falta.

28. Trabalho: Como está agora no trabalho? Depois que o bebê nasceu, mudou sua relação com o trabalho? Mudou de cargo?

(ver especificidade do campo rural)

29. Religião: Continua na mesma igreja? Se mudou de Igreja por causa da gravidez, por que tomou essa decisão?

29.1. Você ocupava algum cargo ou participava de algum grupo dentro da Igreja? Se sim, continua no cargo? Se não, como foi sair dele? Como está se relacionando após a gravidez com os membros da Igreja?

29.2. Seus familiares seguem a mesma doutrina? Se não, qual freqüentam? E seus vizinhos, amigos? (fazer a pergunta de acordo com se a jovem é de alguma religião ou não).

29.3. Participar desta Igreja influenciou sua forma de ver a gravidez (sua percepção sobre ela)?

29.4. Se não segue uma doutrina tradicional, exerce sua espiritualidade de alguma outra forma? Qual? Como isso influencia a forma de lidar com a gravidez?

30. Programas sociais: Durante ou depois da gravidez você foi cadastrada em algum programa social? Se sim, qual? Recebeu o salário-maternidade? O que fez com o recurso?

30.1- Participação política: Sua família faz ou fez parte de algum projeto social, movimento político, ONGs, grupos...? Você já participou ou participa de algum projeto social, movimento político, ONGs, grupos...?

Contar a história de mudanças (passado/presente/futuro)

PROJETO DE VIDA

31. Como você se imagina daqui a alguns anos?

32. Você está fazendo alguma coisa para que isso se concretize?

33. O que mais marcou ou acrescentou em sua vida com ou na experiência da gravidez? E com a experiência de ser mãe?

ANEXO C

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA O PAI DA CRIANÇA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

1. Nome
2. Idade
3. Onde nasceu?
4. Se trabalha, em quê/onde/quantas horas?
5. Escolaridade: você estuda? Está em que série? Estudou até que série?
6. Raça/etnia: qual é a sua cor?
7. Religião: você tem religião? Qual? Se sim, com que frequência pratica?
8. Configuração da família de origem. (pai, mãe, irmãos (as) avós, tios (as))
9. Com quem mora atualmente?

ANTES DA GRAVIDEZ

10. Conte sobre sua vida antes da gravidez: onde e com quem morava? Escola? Trabalho? Amizades? Lazer? Religião? Esporte? Participava de algum programa social? Qual; Participa de algum grupo/movimento/ONG? Qual? Namoros?
11. Como você conheceu a mãe de seu/sua filho (a)?
12. Como era a relação de vocês antes da gravidez?
13. Vocês usavam algum método de prevenção à gravidez? Ou a doenças sexualmente transmissíveis? Quais? Como você conseguia o preservativo (comprava, ganhava ou no posto)?
14. Como era a relação da sua família (pai, mãe irmãos) com a mãe de seu filho (aceitava? Proibiam por algum motivo? Qual?); (costumava dormir na casa dela ou ela na sua?)

O EVENTO GRAVIDEZ: A NOTÍCIA

15. Como descobriu a gravidez? O que passou pela sua cabeça? (como se sentiu?)
16. Você foi a primeira pessoa para quem ela contou? Você participou do momento do exame para confirmação? Como foi vivenciada por você a espera do resultado?
17. Quando confirmaram a gravidez pensaram em não ter o(a) filho(a)? Por que não?

18. Assim que você soube da gravidez qual a primeira coisa que você imaginou que mudaria em sua vida (para melhor e para pior)?

19. Como contou para família; vizinhança; escola; religião, trabalho. Qual foi a reação família; vizinhança; escola; religião ou se descobriram? O que eles falam sobre a gravidez? Eles passaram lhe tratar de forma diferente?

19.1. Escola: Como seus professores receberam a notícia de que você seria pai? Ajudaram? E seus colegas de escola?

19.2. Religião: Como o grupo religioso recebeu a notícia? Ajudaram? Como líder religioso recebeu a notícia? Ajudou? Se sim, como foi essa ajuda?

19.3. Grupo/Movimento? ONG: Como esse grupo recebeu a notícia? Ajudaram?

O EVENTO GRAVIDEZ: DESDOBRAMENTOS

20. Depois da gravidez que tipo de diversão você passou a ter? Com quem?

21. Sexualidade na gravidez: Como é/era/foi a vida sexual de vocês durante a gravidez?

22. Família: Como ficou a sua relação com a família (de origem)? E com a família da mãe do seu (sua) filho (a)? Como eles lhe tratam (considerar as duas famílias)?

22.1. A família interfere no seu relacionamento com a mãe de seu filho? Durante a gravidez (e/ou depois) sua família cobra/cobrava você de alguma coisa (para de sair com amigos, beber, ter que trabalhar, etc.)?

23. Amigos: O que eles acharam da gravidez? Acompanharam a sua história? Você continua tendo contato com os (as) amigos (as)? Quem são os (as) amigos (as) de agora? O que fazem juntos?

24. Vizinhança: A forma como seus vizinhos tratam você mudou? Como eles vêm você agora?

25. Saúde: Acompanhou a mãe da criança durante o pré-natal? E no parto?

25.1. E depois do nascimento da criança, você recebe atendimento de planejamento familiar? E como foi o atendimento/puericultura da criança?

26. Escola: Como está na escola hoje? Você gosta da escola? Como está sendo? Se não estiver na escola, por quê? Perguntar do que mais sente falta.

27. Trabalho: Como está agora no trabalho? Depois que o bebê nasceu, mudou sua relação com o trabalho? Mudou de cargo?

28. Religião: Continua na mesma igreja? Se mudou de Igreja por causa da gravidez, por que tomou essa decisão?

28.1. Você ocupava algum cargo ou participava de algum grupo dentro da Igreja? Se sim, continua no cargo? Se não, como foi sair dele? Como está se relacionando após a gravidez com os membros da Igreja?

28.2. Seus familiares seguem a mesma doutrina? Se não, qual freqüentam? E seus vizinhos, amigos? (fazer a pergunta de acordo com se a jovem é de alguma religião ou não).

28.3. Participar desta Igreja influenciou sua forma de ver a gravidez (sua percepção sobre ela)?

28.4. Se não segue uma doutrina tradicional, exerce sua espiritualidade de alguma outra forma? Qual? Como isso influencia a forma de lidar com a gravidez?

29. Programas sociais: Durante ou depois da gravidez você foi cadastrado em algum programa social? Se sim, qual? O que fez com o recurso?

29.1. Participação política: Sua família faz ou fez parte de algum projeto social, movimento político, ONGs, grupos...? Você já participou ou participa de algum projeto social, movimento político, ONGs, grupos...?

PROJETO DE VIDA

30. Como você se imagina daqui a alguns anos?

31. Você está fazendo alguma coisa para que isso se concretize?

32. O que mais marcou ou acrescentou em sua vida com a experiência da gravidez? E com a experiência de ser pai?

33. Quem de sua família você acha interessante entrevistarmos? Quem dos colegas? Quem mais você indicaria? Endereço e telefone para contato.

ANEXO D

ROTEIRO DE ENTREVISTAS “OUTROS CONSTITUTIVOS”

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

1. Nome
2. Idade
3. Onde nasceu?
4. Se trabalha, em quê/onde/quantas horas?
5. Escolaridade: você estuda? Está em que série? Estudou até que série?
6. Raça/etnia: qual é a sua cor?
7. Religião: você tem religião? Qual? Se sim, com que frequência pratica?
8. Configuração da família de origem. (pai, mãe, irmãos (as) avós, tios (as))
9. Com quem mora atualmente?

HISTÓRIA DA GRAVIDEZ

10. Como conheceu a semente? (não fazer essa pergunta para a família)
11. Como era a relação dela com você? E agora como é? (proximidade, interações)
12. Como foi descobrir que a jovem estava grávida (quem contou, como foi a notícia)
13. O que achou disso, sua reação?
14. Contar a história dela até o momento da gravidez (como era a vida dela até então, o que fazia, estudos, lazer, trabalho, etc) atentar para o/a ator/atriz entrevistado/a.
15. Porque você acha que ela engravidou (motivações)?
16. Vocês conversavam sobre sexualidade? Ela chegou a te fazer algumas perguntas? Quais? Te falou sobre dúvidas acerca da sexualidade?
17. Chegou a te pedir apoio, algum tipo de conselho? Antes ou depois da gravidez? Quais?
18. Mudanças: observou alguma mudança nas reações dos outros depois que ela engravidou? (família; vizinhança; escola; emprego e religião).
19. Como está a vida dela hoje depois da gravidez? O que mudou?
20. O que ela dizia que queria para a vida dela, o que queria ser...
21. O que você imagina de projetos de futuro para a jovem?
22. Quem você acha que pode ajudá-la a alcançar estes projetos? Com quem ela pode contar?